

Aprender e Conhecer

A ASTROLOGIA

E AS ARTES ADIVINHATÓRIAS

*Para ajudá-lo a encontrar
respostas claras
e concretas
às suas perguntas*



SALVAT

PRESSÁGIOS, CRENÇAS, MISTÉRIOS





De onde provêm os presságios?

Os presságios são a origem da criação das artes adivinatórias, mas talvez sejam também uma das primeiras manifestações do espírito científico.

Se queremos descobrir a origem dos presságios, teremos que dar um grande salto no tempo. Mas, somos realmente capazes desta façanha? Não estamos presos em um presente, através de cujo filtro projetamos qualquer perspectiva de nosso longínquo passado e de nosso futuro, sem nos considerarmos capazes de abordá-las de outro modo que não seja através de nossos costumes, critérios e conceitos atuais?

De saída, esta é a pergunta que levantamos ao abordar a origem dos presságios, pois parecem terem sido criados no espírito de nossos ancestrais para que pudessem submergir-se em seu futuro com mais serenidade, para justificar seus atos e para encontrar desculpas, como costumamos dizer atualmente.

OS PRIMEIROS PRESSÁGIOS CONHECIDOS

Embora nos encontremos em condições de conhecer o impressionante inventário de presságios realizado pelos habitantes da Mesopotâmia no milênio III antes de nossa era, pois estão datados histórica e cientificamente, sobre sua utilidade não sabemos muita coisa.

No entanto, estes presságios, que provavelmente foram criados na Mesopotâmia, certamente no milênio III, e que foram sendo transmitidos oralmente durante muito tempo antes de serem inventariados sobre placas de argila em escritura cuneiforme, estes presságios, como dizíamos, tinham sem dúvida uma razão de ser, uma utilidade que hoje em dia em grande parte nos escapa, pois nossa mentalidade é muito diferente da dos antigos mesopotâmicos.

Mas é um fato que respondiam a um tipo de necessidade vital para a espécie humana, pois não só muitas outras ci-



vilizações e culturas se inspiraram no princípio dos presságios, como muitas vezes também em seu conteúdo.

Este foi o caso, por exemplo, dos egípcios, os hititas, os etruscos, os gregos e os romanos, para citar apenas alguns exemplos, enquanto que, em outras partes, em outras latitudes, apareciam outras formas de presságios.

Citemos alguns exemplos de presságios mesopotâmicos que o escritor Jean Botéro, em uma obra de 1998 onde trata deste tema, nos apresenta da seguinte maneira: “Há aqui uma breve mostra, extraída de um ‘tratado’ onde os oráculos — quase sempre atribuídos ao futuro — enumeram uma série de presságios, relacionados com a maneira como eram os recém-nascidos no momento de seu nascimento:

Se uma mulher traz ao mundo um recém-nascido morto: haverá uma epidemia.

Se uma mulher traz ao mundo um anão: haverá escassez.

Se uma mulher traz ao mundo uma anã: mesma conclusão.

Se uma mulher traz ao mundo um coxo: o interessado terá problemas.

Se uma mulher traz ao mundo uma coxa: a casa da interessada se arruinará.

Se uma mulher traz ao mundo um cego: haverá problemas no país.

Se uma mulher traz ao mundo um surdo: a família da interessada prosperará, mas não sua cidade.

E assim sucessivamente...”

Da deusa babilônica da fecundidade, Astarté, só cabia esperar presságios relacionados com crianças.



nas a partir dos quais se podem prever consequências, que não têm necessariamente uma relação direta com as manifestações ou signos em questão. Assim, algumas combinações ou coincidências entre elementos que *a priori* não têm

porque estar juntos, ou só estão juntos excepcionalmente, podem possuir mensagens ou advertências.

Ao menos, assim é como nossos antepassados enfocaram a adivinhação ou ciência dos presságios, como pudemos comprovar nos exemplos citados. De fato, de saída, não vemos a relação direta e lógica que existe entre o fato de que uma mulher dê à luz um recém-nascido morto e o presságio de epidemia que os mesopotâmicos deduziam. E no entanto havia um vínculo, que compreenderemos raciocinando sobre as razões que induziram nossos antepassados a criar presságios.

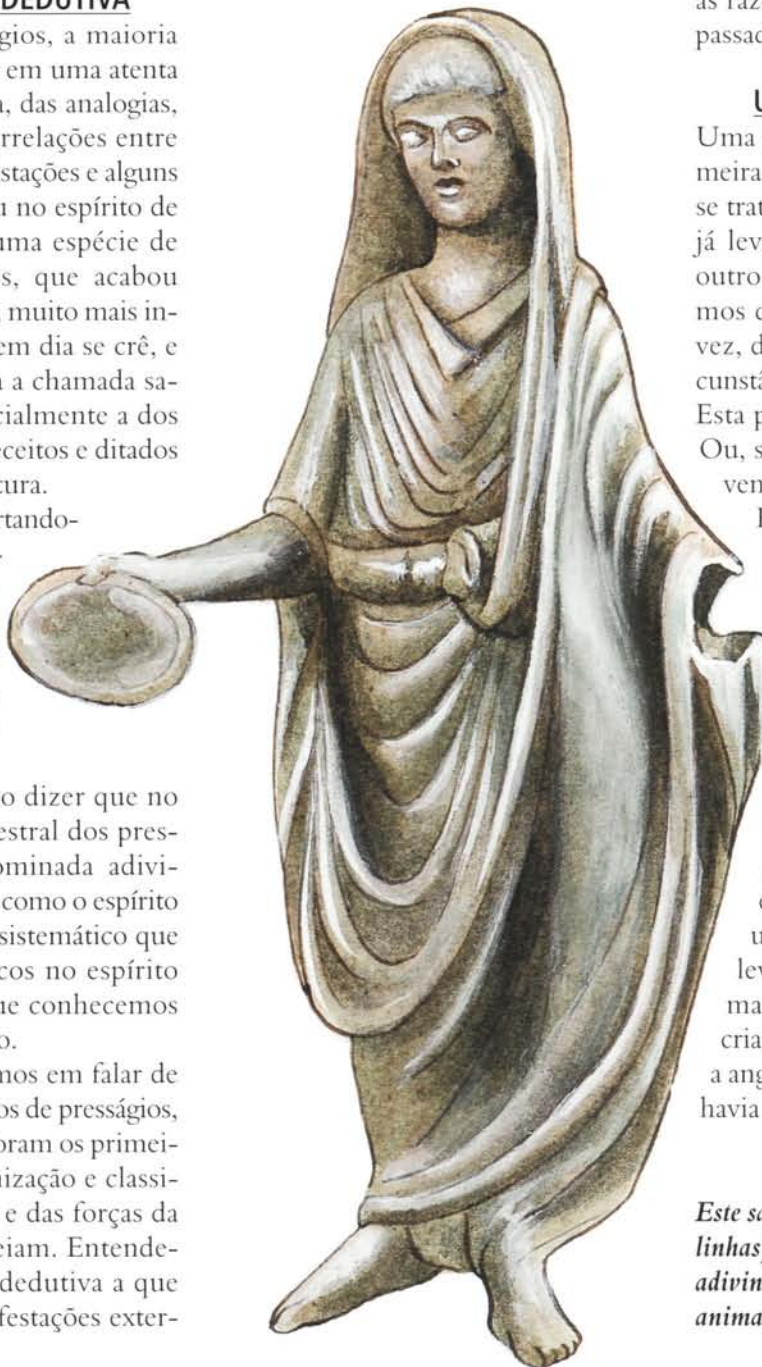
A ADIVINHAÇÃO DEDUTIVA

A partir destes presságios, a maioria deles criados com base em uma atenta observação da natureza, das analogias, das coincidências e correlações entre algumas de suas manifestações e alguns dos fenômenos, nasceu no espírito de nossos antepassados uma espécie de ciência dos presságios, que acabou sendo muito elaborada, muito mais inteligente do que hoje em dia se crê, e na qual ainda se baseia a chamada sabedoria popular, especialmente a dos refrões, provérbios, preceitos e ditados que povoam nossa cultura.

Por outro lado, transportando-nos às fontes desta antiga ciência dos presságios, é também onde encontramos as origens e os fundamentos de todas as artes adivinatórias.

Por isso, não é errôneo dizer que no seio desta cultura ancestral dos presságios nasceu a denominada adivinhação dedutiva, assim como o espírito de análise e de estudo sistemático que se converteu aos poucos no espírito científico moderno que conhecemos e que reina desde então.

Por tanto, não duvidamos em falar de "ciência" quando falamos de presságios, pois acreditamos que foram os primeiros conceitos de organização e classificação dos elementos e das forças da natureza que nos rodeiam. Entendemos por adivinhação dedutiva a que utiliza signos ou manifestações exter-



UMA VERDADE PRIMEIRA

Uma destas razões é uma verdade primeira que podemos compreender pois se trata de uma questão que todos nós já levantamos em um momento ou outro de nossas vidas, ou à qual tivemos que enfrentar, pelo menos uma vez, direta ou indiretamente, em circunstâncias mais ou menos dramáticas. Esta pergunta é: Por que morremos? Ou, se preferimos: Por que todos devemos morrer algum dia?

Por mais inteligentes, lúcidos, razoáveis e equilibrados que sejamos, esta pergunta sempre provoca angústia em todas as pessoas, pois, até hoje, ninguém pôde dar uma resposta verdadeiramente clara e reconfortante. Por isso, esta pergunta humana e universal provoca uma angústia que, desde sempre, é intrínseca ao homem e à mulher. E não há dúvida que uma das razões essenciais que nos levaram a pretender nos transformar em donos de nosso futuro, criando os presságios, foi sem dúvida a angústia ante a morte. Mas também havia outras razões.

Este sacerdote romano (junto a estas linhas) estava habilitado para a adivinhação lendo as entranhas dos animais (acima, o esboço de um figado).



A oniromancia ou a interpretação dos sonhos

Os sonhos são sempre premonitórios no sentido em que nos avisam de um fato, de um acontecimento, de uma situação que virá. Mas como interpretá-los?

O sonho é uma função vital; sem vida onírica enquanto dormimos, não conseguiríamos sobreviver. Mas a propensão para o sonho não é exclusiva da vida noturna. Em estado de vigília também se sonha. Não nos referimos ao estado de especular, de imaginar, de esperar, de querer ou de desejar, mas aos sonhos que temos acordados: esses curtos instantes de evasão em que o espírito se liberta, deriva, instantes durante os quais estamos imersos num estado que talvez se situe entre a vigília e o sonho. Falamos de quando as pessoas têm que repetir várias vezes o que dizem para que possamos reagir e compreendê-las, pois estamos tão absorvidos em outras preocupações que nos afastamos do mundo real. Desde sempre, o homem sonha tal como respira e, às vezes, os seus sonhos tornam-se realidade.

PARA QUE SERVEM OS SONHOS?

De onde vêm? Têm um sentido? Que significam?

Os psicanalistas modernos não foram os primeiros a formular estas perguntas. Na Babilônia, no antigo Egito, em Israel, na Pérsia, na Índia, na China, no Japão, já se formulavam estas questões muito antes do aparecimento da escrita. E também eram conhecidos os efeitos terapêuticos da interpretação dos sonhos. Deste modo, o homem antigo dava e encontrava um sentido para seus sonhos utilizando a linguagem dos signos, dos símbolos, dos mitos e das crenças. Mais tarde, nos países islâmicos, a oniromancia foi a única arte adivinatória aceita pelo Profeta e pregada aos crentes. Estes elaboravam um ver-





dadeiro código moral ou deontológico para a prática dessa mancia, que nada deve ao sistema elaborado pelos nossos psicanalistas atuais.

Assim eram as palavras que pronunciava o Profeta, este oniromante — ou seja, o intérprete dos sonhos ou antepassado do nosso psicanalista moderno —, quando alguém se dispunha a confiar-lhe o seu sonho: “Que o bem lhe seja próximo e que o mal se afaste de você! Que seja um bem para você e um mal para os seus inimigos! Louvado seja Alá, senhor do universo! Conte o seu sonho”.

POR QUE SONHAMOS?

Os neurologistas afirmam que a função do sonho resulta da nossa atividade cerebral e orgânica.

Os psicanalistas freudianos vêem nele efeitos compensatórios e fantasmas produzidos pela libido, palavra latina que significa desejo, entendido aqui como energia dos instintos e das tendências que constituem o fundo da personalidade humana.

Os psicanalistas jungianos explicam que os nossos sonhos são portadores de mensagens simbólicas, cuja interpretação é um bom meio para nos conhe-

cermos a nós mesmos, para nos orientarmos quando temos problemas psíquicos ou materiais ou quando atravessamos momentos de confusão. Os antigos entendiam seus sonhos como mensagens enviadas pelos deuses, para iluminá-los, preveni-los adverti-los e guiá-los.

Como acontece com frequência, quando os homens colocam uma questão das chamadas “eternas”, cada especialista tem um parte da verdade, a qual é encontrada mediante uma hábil síntese das respostas que nos são propostas. Quanto ao que nos interessa, podemos deduzir que os nossos sonhos resultam das nossas funções cerebrais e orgânicas, que são fruto dos nossos desejos insatisfeitos ou inibidos, que sua decifração e sua interpretação favorecem tomadas de consciência e que, finalmente, são portadores de mensagens simbólicas essenciais que se manifestam perante nós como medida preventiva, que nos avisam de certas situações, circunstâncias ou acontecimentos futuros, para que possamos preparar-nos para vivê-los serena e sabiamente.

Não há dúvida de que devemos estar atentos aos nossos sonhos, à nossa dupla vida onírica, já que é um bom meio de entrar em relação e em comunicação com o absoluto, em comunicação com nós mesmos.

COMO INTERPRETAR NOSSOS SONHOS?

Um método simples que se inspira nas técnicas da oniromancia tradicional consiste em fazer um diário. Tenha sempre à sua disposição um caderno ou um bloco e, cada vez que lembrar de um sonho, escreva-o sem esquecer de pôr a data. Não pare para pensar que é completamente fantástico, irracional ou absurdo. O essencial é que possa voltar a ele com facilidade e que o possa contar sempre que desejar. Ao escrevê-lo, não procure efeitos de estilo. Seja o mais espontâneo e conciso possível. De certo modo, ao escrever seu sonho, você se libertará dele e poderá refletir comodamente.

Os nossos sonhos têm um sentido inerente?

Hoje sabemos que, enquanto dormimos, estamos imersos em uma fase de sono que engloba quatro ou cinco sonhos diferentes, pelo menos. Mas não os memorizamos com exatidão. À vezes, ao acordarmos, encontramos durante um breve instante em um ambiente, uma atmosfera inerente ao sonho em que estávamos imersos mesmo antes de abrir os olhos. Outras vezes, persiste em nossa mente uma situação ou um fato que ocorreu no sonho. Outras, esta situação ou este fato persegue-nos, incomoda-nos e pode inclusive repetir-se várias vezes durante diferentes noites. Naturalmente, devemos prestar atenção especial a estes sonhos. Com efeito, um sonho que nos deixa uma forte impressão depois de acordados está sempre carregado de sentido, é portador de uma mensagem importante que é necessário interpretar.

Em qualquer momento você poderá ler o caderno e recordar de novo seu sonho. Sem dúvida, encontrará analogias, concordâncias e nexos comuns entre estes sonhos e os que terá posteriormente, e que também os escreverá da mesma maneira.

Para entender o sentido dos seus sonhos, você poderá consultar um bom dicionário de símbolos.

Mas isso não lhe deve impedir de recorrer a um princípio de interpretação simples, baseado na analogia, nos jogos de palavras, nos símbolos e na dedução. Com efeito, cada um dos nossos sonhos é um enigma.

Desvendar um enigma apresenta vários pontos comuns a uma trama policial, daí o fascínio que exercem sobre nós os grandes detetives da literatura.

A partir de agora, para interpretar seus sonhos, transforme-se em Sherlock Holmes. “Onde está a pergunta, está a resposta”, disse um mestre da oniromancia indiana.

Você precisa saber que em quase todos os casos você é a única pessoa capaz de interpretar os seus próprios sonhos.



Hipno, a personificação do sonho, envia visões aos homens.



De onde vêm os anjos?

Todos já ouvimos falar de espíritos da natureza, de gênios bons e anjos da guarda. Porém, para conhecer a sua verdadeira história, devemos começar por procurar as suas origens.

A etimologia de uma palavra, como todos sabemos, contém frequentemente a chave da sua origem, com a qual nos permite abrir a porta do seu significado. É este o caso de “anjo”, forma derivada do latim *angelus*, e tomada do grego *angelos*, onde significava “núncio”, “mensageiro”, que rapidamente passou a ser usada no sentido de “mensageiro de Deus”.

Ora, *angelos* foi também empregado para traduzir um nome hebreu muito antigo: *Mal'ak* ou *Malakh* (o mensageiro), cuja origem remonta pelo menos ao princípio do primeiro milênio antes da nossa era (*Êxodo* 23, 20: “Eu mandarei um anjo sobre ti, para que te defenda no caminho...”).

O MENSAGEIRO DE DEUS

Por volta do século V a. C., aparece no Antigo Testamento o profeta Malakhi ou Malaquias (cujo nome poderia ser traduzido por “O Meu Mensageiro”, ou seja, de Deus). Este enviado divino anunciou o regresso de outro profeta, Elias. Seu nome significa “Jeová é o meu Deus” (*Malaquias* 3, 22-24).

Deste modo, e a partir da sua etimologia, entende-se que um anjo é um mensageiro, um enviado de Deus, um carterio celestial, um intermediário entre o céu e a Terra, que podemos facilmente relacionar com os mitos e os símbolos do deus clássico Hermes-Mercúrio, o intermediário entre os deuses e os homens, segundo as mitologias grega e ro-

Anjos e divindades

Durante o século XVI, o interesse pelo culto dos anjos experimentou um grande ressurgimento entre sábios e filósofos, o mesmo acontecendo com a cabala e as ciências esotéricas.

O alemão Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim, doutor em Teologia, advogado, médico e astrólogo, escreveu na sua obra *Da Filosofia Oculta*, publicada simultaneamente em Amberes e em Paris no ano de 1531, o seguinte:

“Ninguém ignora que com boas obras, uma mente sã, orações místicas, piedosas mortificações e outras coisas parecidas, podemos atrair os anjos dos céus. Portanto, não há dúvida alguma de que do mesmo modo, e mediante certas coisas do mundo material, possamos atrair também as divindades do mundo ou, pelo menos, os espíritos, agentes e acompanhantes destas.”





mana. Este é representado com duas asas nos tornozelos, símbolos de inteligência, espírito e gênio, mas também de clarividência. Não obstante, tudo isto não explica de que modo se chegou a acreditar em anjos e nos seus poderes, a invocar os seus nomes e a sua proteção. De fato, embora se perceba claramente nos relatos bíblicos (do Antigo e do Novo Testamento) as funções de profeta e de mensageiro ou de enviado de Deus que o anjo desempenha, já não é tão óbvio como pode este ser influir no destino de alguém em particular e converter-se no seu anjo da guarda. Para entender isto, temos que recuar até a Pérsia do século VI a. C., lugar e época em que Zaratustra profetizava.

DOS DEUSES AOS ANJOS

Naquele tempo, Zaratustra fundou a religião zoroástrica, cuja originalidade reside no fato de basear-se numa síntese de três culturas religiosas: da Índia, da Grécia e do Oriente Médio. Se-

gundo Zaratustra, o destino era o grande princípio universal ao qual toda a manifestação de vida, na Terra e no céu, estava submetida. Tal destino emanava de uma sabedoria primordial, de uma vontade imanente que, em função das circunstâncias, se revelava criadora ou destruidora. Por outro lado, com exceção dos hebreus, monoteístas, todos os povos contemporâneos de Zaratustra tiveram o seu panteão de múltiplas e variadas divindades. Cada uma delas era responsável ou exercia um poder, uma influência, sobre uma ou outra manifestação da vida, sobre um ou outro princípio da natureza. Partindo destes fatos, Zaratustra teve a idéia genial, ou a visão, de integrar estas divindades na sua religião, atribuindo-lhes funções de guardiães, protetores, responsáveis dos grandes esforços da natureza, das manifestações e mistérios da vida na Terra, do destino dos povos e de cada indivíduo. Na religião zoroástrica, cada divindade era a guardiã dos destinos dos princípios naturais, das plan-

tas, dos animais e dos homens. Cada qual podia ter a sua divindade protetora, o seu gênio bom, o seu servidor — que os discípulos de Zaratustra chamavam Yazata, o Adorável —, o qual regia o seu destino. Das divindades aos anjos, a distância é muito curta: a partir daí, o anjo foi concomitantemente *Malakh* e *Yazata*, o mensageiro e o adorável, o protetor, o enviado de Deus entre os homens.

DOS ANJOS AOS HOMENS

Foi no começo do século VI da nossa era que Dionísio, o Areopagita, um monge sírio, inspirado nas crenças judias, cristãs e zoroástricas, e sob a influência de Plotino e Platão, compôs uma hierarquia celestial onde colocou nove coros de anjos. Esta hierarquia participou na elaboração do pensamento cristão e desempenhou um papel considerável durante a Idade Média. Ao longo de todo este período, e até o renascimento, os anjos recuperaram grande importância perante os homens, e chegaram mesmo a transformar-se nos seus protetores e servidores.



Representação simbólica de Zaratustra.

A hierarquia celeste

Segundo Dionísio, o Areopagita, a hierarquia celeste consta de três ordens que se subdividem em nove coros de espíritos angélicos: serafins, querubins, tronos, dominações, virtudes, potestades, principados, arcanjos e anjos. A partir desta composição, os astrólogos e os cabalistas do Renascimento dividiram os 72 anjos da hierarquia celeste pelos 360 graus do Zodíaco. Cada anjo tinha a sua casa no semidecanato — isto é, 5 graus do Zodíaco — de um signo astrológico, continuando deste modo um princípio que já era utilizado, posto em prática pelos astrólogos dos séculos XI e XII, por sua vez muito influenciados pelos astrólogos, astrónomos e matemáticos árabes.





A magia

História e origens

É mágico!, dizemos quando nos sentimos surpresos ou deslumbrados. Mas, para nossos antepassados, a magia foi a primeira ciência da natureza.

Atualmente, a magia se reduz aos jogos de mãos do prestidigitador. Quando falamos de um jogo de mãos, ou de um truque, costumamos dizer que “fazemos um jogo de magia”. Ao comparar esta interpretação atual da magia com a que faziam dela nossos antepassados, tão diferente, nos enfrentamos a um problema muito complexo: onde começa e onde acaba a realidade? Qual é a verdade: o que vemos ou o que é? Trata-se de ilusão?

No entanto, paradoxalmente, em um mundo onde deveríamos estar levantando estas perguntas com mais força e agudeza que nunca, acabamos quase sem nos interrogarmos sobre elas. Ao termos nos liberado de muitos dogmas, a maioria dos quais se baseavam em

puras imaginações da mente ou teorias confusas, ou então fora de seu contexto e utilidade primeira, que não tinham nenhum sentido nem razão de ser, estabelecemos outros dogmas, mais rígidos ainda, se paramos para pensar bem, na medida em que se baseiam em critérios indubitáveis. Falamos daqueles que foram estabelecidos pelos instrumentos e medidas dos cientistas, que lhes permitem observar os fenômenos concretos da natureza, verificar suas manifestações, explorá-las e inclusive, reproduzi-las artificialmente, com fins práticos.

Desta forma, atualmente ninguém põe em dúvida o fato de que nossa visão do mundo dependa de instrumentos de medida, todos eles criados pelo homem,

certamente com espírito inovador, mas que nos levam às suas próprias visões e interpretação do mundo. Poderíamos objetar que cada vez que uma idéia, conceito ou criação implica a admiração quase universal, seguramente corresponde a uma realidade profunda e comum a todos, que vai mais além do que representa. Isto é certo, porém não significa que não seja fruto de uma ilusão coletiva, que não derive de um mesmo fantasma ou de uma mesma vontade inconsciente e comum de ver o mesmo, do mesmo ponto de vista e no mesmo momento.

A Igreja luta contra a magia, manifestação do Diabo (segundo um capitel do séc. XII da catedral de Autun, França, Europa).





MAGIA, MAGOS E FEITICEIROS

De maneira que, no futuro, tudo aquilo que não se possa medir, comprovar ou reproduzir será relegado ao empoeirado universo do sobrenatural e irracional. Ora, este repúdio puro e simples, e poderíamos dizer obsessivo, seguramente esqueceu o fato de que sem a magia, tal como nossos antepassados a praticaram, a ciência de hoje, isto é, a ciência moderna, em todos os seus âmbitos de investigações, buscas, estudos e experimentos, não seria o que é.

Isto porque é da magia, ciência de nossos antepassados, que saiu sua inspiração e sua visão do mundo e da realidade. Em toda a Antiguidade, houve magos. E, como em todas as épocas, da mesma forma como acontece atualmente com nossos médicos e eruditos, alguns deles foram seres excepcionais, maravilhosos, que possuíam dons e qualidades humanas extraordinárias, e outros foram menos competentes, puros charlatães ou usurários movidos unicamente por suas ambições pessoais. O homem em si, portanto, não é a função que desenvolve a que se põe em dúvida.

Assim, na Antiguidade, o feiticeiro tinha quase sempre o papel de curandeiro e adivinho. Seu saber se baseava em uma atenta observação da natureza e seus fenômenos em uma vontade de dominá-la ou dominá-los. Mas, evidentemente, o fato de ser capaz de curar os males dos demais utilizando posições ou fórmulas mágicas e de prever o futuro com idênticos procedimentos, lhe concedia um poder especial, porque era temido, poder do qual alguns feiticeiros se aproveitaram.

Porém, insistimos em realçar mais uma vez que, hoje em dia, com respeito a este tema nada mudou. Existem os mesmos abusos de poder por parte dos que sabem em relação aos ignorantes. Escasseiam aqueles homens que, depois de haver adquirido certos conhecimentos e ciência, não somente põem seus experimentos ao serviço do próximo, mas também transmitem seus



conhecimentos de forma natural, fazendo-os acessíveis e compreensíveis. Devemos dizer também que a curiosidade, da qual se diz erroneamente que é um péssimo defeito, se perde. A maioria das vezes nos contentamos em acreditar no que nos dizem. E, mais que isso, há tantas informações que se revelam, se transmitem e se difundem diariamente por todo o planeta, que já não temos tempo de comprovar sua certeza, e inibem e sufocam nossa curiosidade, assim como nossa imaginação.

Podemos afirmar, portanto, que atualmente para nós, habitantes da Terra, a magia já não se encontra dentro dos fenômenos da natureza, nem no interior de nossa capacidade para compreendê-los e aproveitá-los, mas sim nessas redes de comunicação, como são o rádio, a televisão, a telefonia e, agora, a Internet que, embora permitam relacionar-nos estando geograficamente muito longe uns dos outros, nos fazem perder qualquer contato direto e físico com a natureza e a realidade e, ao fazer isso, nos isolam.

Devemos, portanto, estar presos no passado e lamentar aqueles tempos tão

longínquos em que permanecíamos em contato direto com a natureza e em que praticávamos a magia? Não acreditamos nisso. Nunca devemos voltar atrás. Por outro lado, como já dissemos com frequência nestas páginas, faríamos bem em nos inspirar nas experiências e conhecimentos de nossos antepassados, em vez de repudiá-los por completo sob o pretexto de que nossa visão do mundo mudou.

A EXPERIÊNCIA MÁGICA

O feiticeiro não sabia que forças se revelavam ou manifestavam quando praticavam alguns ritos e pronunciavam algumas fórmulas mágicas, mas fazia uso delas com respeito, humildade e precaução. O temível feiticeiro das produções hollywoodianas, que exercia um poder maléfico, era na realidade praticamente inexistente e absolutamente muito raro.

De fato, em todas as civilizações da Antiguidade, e remontado-nos ainda mais longe no tempo, observaremos que o feiticeiro se achava submetido a rituais de iniciação muito fortes, alguns dos quais podiam ser mortais. Por isso, sair vitorioso era já uma experiência mágica.



A magia

Os rituais mágicos

A arte da magia não se efetuava sem regras nem leis e o mago devia ater-se a elas ao pé da letra.

Embora muitos livros mágicos, muito excepcionais, tenham circulado durante toda a Idade Média, na Europa, somente nos chegaram deles algumas fórmulas que conseguiram superar o passar dos séculos e sobreviver às chamas da Inquisição. Escrito na maioria das vezes em dialetos hoje desaparecidos, às vezes mesclados com latim vulgar, não nos dão nenhuma indicação concreta, por uma parte, sobre a iniciação, sem dúvida esgotadora, pela qual devia passar o mago e, por outra parte, sobre os rituais que faziam para efetuar atos mágicos.

Só nos resta a magia, tal como a entendemos hoje, a qual encerra bastantes crenças e costumes ancestrais, e a algumas das quais custou muito resistir ao imperialismo do cristianismo que reinava na Europa entre os séculos IV e VI de nossa era, implantado pouco a pouco pela força, como a história nos mostra atualmente, para apoderar-se do domínio do Império e do poder romanos.

AS CRENÇAS E COSTUMES DOS RITUAIS MÁGICOS

Se falamos de crenças e costumes é porque, em um princípio, efetivamente, os rituais tão rigorosos aos que se submetiam os feticheiros para realizar seus atos mágicos, invocar as grandes forças da natureza e utilizá-las para fins salvadores ou destruidores, baseavam-se em sólidas convicções, costumes e hábitos de caráter sagrado.

Assim é como nossos antepassados mostraram, desde muito cedo, o maior respeito pelos benefícios que lhes proporcionava a grande Mãe Natureza,



Para os nossos antepassados, a magia se encontrava primeiro na natureza, a qual lhes oferecia infinitos favores...

enquanto eram conscientes de que também esta podia mostrar-se feroz. De maneira que, o simples fato de colher um fruto no mesmo lugar, na mesma época, todos os anos, para eles tinha um caráter sagrado e estava, portanto, impregnado de magia.

Por isso, todos os atos que relacionavam o homem com a natureza, seu meio natural, seu berço e sua tumba, foram logo assimilados e logo integrados aos ritos e, por último, não podiam cumprir-se sem uma cerimônia ritual. De fato, estes atos não podiam ser gratuitos, do momento em que a natureza e suas divindades ofereciam seus favores. Depois, pouco a pouco, por uma parte a ce-

rimônia ritual que precedia o ato, e as coincidências que muitas vezes se produziam entre alguns fenômenos terrestres e celestes, e, por outra parte, as circunstâncias humanas, fizeram crer a nossos antepassados que alguns de seus rituais podiam ser a causa destes fenômenos e coincidências, que mais tarde tomaram um caráter eminentemente mágico.

Fixe-se no fato de que este procedimento é totalmente parecido ao do homem de laboratório atual que, misturando alguns ingredientes ou produtos químicos, tenta obter artificialmente uma fórmula. Assim, os homens acabaram por descobrir que eram tão



capazes de atuar sobre os fenômenos naturais, de influenciá-los ou intervir neles, que podiam, por sua vez, tirar proveito deles. Por isso, não é um erro crer que a experiência do fogo e a da plantação de sementes, por exemplo, fossem originalmente rituais mágicos, supondo desta forma os primeiros passos do homem na direção da ciência moderna, que, afinal de contas, também ainda conserva seus rituais e seus dogmas.

De modo que, em tempos passados, o mago iniciado na arte e na ciência mágica podia surpreender e impressionar através dos prodígios que era capaz de realizar, da mesma forma que, agora, os cientistas parecem fazer milagres em-

pregando procedimentos resultantes de longas pesquisas e sérios e escrupulosos estudos, que lhes permitem conseguir com segurança os mesmos resultados. Mas, tanto em um caso como no outro, estamos ante um princípio idêntico, que consiste em crer que as mesmas causas devem produzir os mesmos efeitos.

AS CONDIÇÕES ESPECIAIS DAS CERIMÔNIAS MÁGICAS

É muito difícil descobrir as forças que a magia utiliza. Podemos chamá-las energias cósmicas, ondas, vibrações naturais, que são provocadas ou são utilizadas com base em algumas regras e leis precisas, universais e invioláveis, às quais o mago se submete e que aplica ao pé da letra, segundo experimentos e tradições seculares. Na maioria das vezes, o que aqui definimos como energias cósmicas tinham nomes diferentes equiparados aos das divindades, cada uma das quais abarcava um papel e um poder específicos.

...E não é surpreendente que o simples fato de plantar uma semente, que em pouco tempo se transformaria em um prodígio vegetal, fosse associado a um ato mágico.

Por isso, o ato mágico era sagrado. Implicava efetuar todo um cerimonial, cumprir proezas, às vezes danças e movimentos particulares e adequados, pronunciar encantamentos e invocações, cujos nomes, palavras e frases tinham um valor mais vibratório que significativo, tudo isso em um marco bem definido e às vezes inclusive ajudado pelas circunstâncias e em condições meteorológicas e astronômicas escolhidas com muito cuidado. Em outras palavras, para que o ato mágico pudesse se produzir de forma eficaz, deviam coincidir imperativa e escrupulosamente certo número de fatores. Se uma etapa fosse esquecida ou se faltava um elemento, se uma palavra ou nome fosse mal pronunciado, ou o momento era mal escolhido, então o ato mágico não saía bem.

Recordemos de passagem que todos os rituais religiosos antigos e contemporâneos se baseiam nos mesmos critérios, o que prova que todas as crenças religiosas se inspiraram nas cerimônias mágicas.

Para acabar e ilustrar nossas palavras falaremos de *O Anjo Exterminador*, o filme que o cineasta Luis Buñuel rodou no México em 1963. Este filme põe em cena uma festa que tem lugar em uma mansão de uma rua chamada Providência. Por alguma misteriosa razão, os convidados vêm-se incapazes de abandonar o lugar, e se encontram prisioneiros sem que ninguém do exterior possa vir em sua ajuda.

Depois de muitas ânsias, angústias, tensões nas relações, e inclusive a morte de um deles, um dos convidados sugere que cada um retome o lugar que ocupava, que voltem a fazer exatamente os mesmos gestos e voltem a dizer também as mesmas palavras que pronunciou no começo da festa. Esta reconstituição lhes permite liberar-se.

Entendemos, então, que, todos os convidados juntos, haviam produzido um ato mágico coletivo que lhes tinha aprisionado em um círculo mágico. Este é o poder da magia: aprisionar ou libertar.





A magia

As fórmulas mágicas

Atualmente, somos conscientes de que as fórmulas mágicas e encantamentos — isto é, as palavras pronunciadas, murmuradas ou cantadas pelo feiticeiro, mago, adivinho, xamã ou bruxo em tempos passados, com o fim de invocar um espírito da natureza, uma divindade ou forças misteriosas que podiam atuar e operar no que hoje chamamos o mundo físico e material — provocam sorrisos. Ainda mais quando, quase sempre, se apresentam dentro do contexto de um complexo cerimonial que hoje nos parece antiquado ou sem nenhum fundamento.

As pessoas que acreditam neles e nos que se dedicam a este tipo de rituais, nos parecem fora do tempo e pouco dignas de confiança. Os exorcistas e curandeiros ainda merecem um pouco de crédito, especialmente quando a medicina moderna não pode curar, nem tão só aliviar uma pessoa que sofre de uma grave doença incurável ou males que, apesar de todas as tentativas, ficaram sem cura. E acontece com frequência que algumas intervenções que se inspiram na magia de nossos antepassados produzem o que ainda chamamos milagres. Mas ninguém pode demonstrar se são devidos aos rituais e encantamentos utilizados há milênios, à personalidade do feiticeiro ou curandeiro, à convicção íntima, quase



O Tetragrama: o nome sagrado de Deus (Yahvé ou Jehovah) formado pelas quatro letras JHVH, tem propriedades mágicas porque encontramos nele a energia original da Criação.

Não existe, evidentemente, magia alguma neste sistema, pois os matemáticos utilizam números para demonstrar realmente que embora os sistemas dinâmicos caóticos sejam deterministas, isto é, submetidos a causas que produzem inevitavelmente os mesmos efeitos, nem por isso são necessariamente previsíveis. Aqui reside um dos grandes paradoxos com os quais se depara a ciência de nossos dias: como se pode determinar uma

coisa, seu fenômeno, sua causa e seu resultado conhecido de antemão, para finalmente revelar-se imprevisível, ao menos do ponto de vista científico? É, portanto, graças a este paradoxo, cujo princípio foi demonstrado matematicamente, que alguns cientistas — que não têm a vaidade de acreditar que a ciência ostenta todas as chaves dos mistérios da vida e da realidade, e continuam incansavelmente suas pesquisas — hoje projetam novas perspectivas que, até então, estavam relegadas a um universo irracional, esquecido, deixado de lado ou oculto, porque não se submetiam nem se submetem aos nossos instrumentos de medição.

A TEORIA DO CAOS

No entanto, assinalemos que, inspirando-se nos princípios da teoria do Caos, recentemente alguns matemáticos estabeleceram cálculos que permitem “prever” e, conseqüentemente, antecipar as crises de uma pessoa que sofre de epilepsia.



OS NÚMEROS E A MAGIA

Ora, na magia, os números desempenham um papel muito importante, embora não tenham forçosamente o aspecto de números, mas sim de símbolos. Obviamente, neste caso não devemos conceber o número como a representação de uma quantidade, mas sim como um valor numérico absoluto, formando um todo em si mesmo, ao qual nem se pode somar nem subtrair nada. Cada número ou Número, é único. Contém certa quantidade de qualidades, elementos e fatores próprios dele e atua, intervém e também se manifesta, de forma exclusiva.

O feiticeiro estava iniciado, evidentemente, nos poderes dos Números sobre a realidade física e material. Por isso, as fórmulas e encantamentos que pronunciava e os símbolos geométricos que empregava, tinham o valor de Números.

Este princípio sobre o qual se baseia a concepção de todos os encantamentos fica perfeitamente ilustrado na linguagem codificada do alfabeto hebreu, cujas 22 letras também são Números que, juntos, constituem o código secreto e sagrado da cabala, que permite ao cabalista efetuar outra leitura da Bíblia. Segundo este código, como cada letra corresponde a um Número e como um nome está formado por várias letras, um nome é, portanto, um conjunto de Números que — igual a várias notas musicais juntas para produzir um acorde em cujo interior, no entanto, cada nota conserva seu valor intacto — engendra uma vibração especial que corresponde exatamente a um grande princípio, a uma força da natureza.

ABRACADABRA

Para que entendamos bem como funciona um encantamento quando é pronunciado no momento oportuno, den-



Por trás do Número 4 encontra-se toda a magia de um encantamento que embalou a nossa infância.

tro do contexto ideal e de forma adequada, tomemos o exemplo do encantamento mais utilizado nos contos de fadas, e que a fada ou a bruxa, segundo o caso, pronuncia para produzir ou desfazer um encantamento: “abracadabra”. Este encantamento tão antigo se inspira no grego. Mas este, por sua vez, saiu do hebreu, de maneira que está re-

lacionado com as letras-número da cabala.

Em um princípio, em hebreu, era *arba dak*, que significava literalmente “a quarta parte” (*arba* = quatro e *dak* = partir).

Na realidade, o quatro que se invocava neste caso não era outro senão o Quatro, o Número sagrado ou criptograma que simbolizava Yahvé ou o Todo Poderoso. E o que “partia” simplesmente eram os quatro elementos: o Fogo, a Terra, o Ar e a Água.

Em outras palavras, abracadabra — encantamento, do qual os cabalistas da Idade Média disseram que significava também “pai, espírito e palavra” (*ab ruah dahar*), isto é, “a palavra do espírito do pai” — invoca as forças naturais simbolizadas pelo Número Quatro,

que dissolvem os quatro elementos que regem a vida sobre a Terra, sem os quais o homem não poderia viver, para que voltem a encontrar sua harmonia original, pois este encantamento, efetivamente, se empregava exclusivamente com fins terapêuticos. Tinha como objetivo curar o doente atuando sobre os quatro elementos, dos quais este se constitui.

Para que a magia se realize, é necessário seguir um ritual e... um encantamento.





A Magia

Pentáculos e talismãs

Os pentáculos e talismãs, instrumentos honoríficos ou protetores, são os suportes dos rituais mágicos.

Um dos grandes princípios da natureza que os feiticeiros e curandeiros sempre respeitam é que cada efeito sempre obedece a uma causa ou a um conjunto de causas; intervir neste encadeamento natural de causas e efeitos engendra uma desordem, a qual pode ser a origem de certos conflitos irreversíveis. De fato, a natureza tem suas leis, que não podem ser transgredidas impunemente. Por isso, os feiticeiros não efetuavam um ritual mágico nem empregavam nunca um encantamento superficial. Além disso, não só atuavam exclusivamente em determinadas circunstâncias, determinadas condições, segundo critérios bem definidos e concretos e, obviamente, no momento adequado, mas também rodeavam a execução de seus rituais mágicos de todo tipo de precauções e lhes davam certa solenidade que ainda vemos hoje em dia nos ritos religiosos do mundo inteiro.

Esta solenidade é o que se supõe que os pentáculos representavam. Quanto aos efeitos protetores, estes eram obtidos graças aos talismãs.

DOS PENTÁCULOS AOS TALISMÃS

Do grego *penta*, que significa “cinco”, e talvez de *klaïos*, “chave”, o pentáculo, na verdade, foi batizado na Idade Média e é uma estrela de cinco pontas. Em todas as filosofias antigas, o Número 5 representava simbolicamente os cinco elementos que constituem a Harmonia do Mundo. Tal como explicou claramente Plutarco em suas *Vidas paralelas* no século I de nossa era, “o Mundo [...] se compõe [...] de

cinco mundos que formam a Harmonia: um é a Terra, o outro a Água, o terceiro o Fogo, o quarto o Éter e o quinto o Céu; a este último alguns chamam Luz e outros Éter e, por último, a Quintessência”. Todos os pentáculos que os feiticeiros realizaram basearam-se nestes 5 elementos, que constituíam a Harmonia do mundo, tal como Plutarco definiu. Assim, nada foi deixado ao acaso.

No entanto, a maioria dos pentáculos utilizados na magia ritual e prática também se inspiraram na simbologia da cabala e na dos astros. Existiam, portanto, pentáculos dedicado ao Sol, à Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, cada um dos quais se utilizava com um fim específico. Por outro lado, as letras-número do alfa-

beto hebreu, que formam o código da cabala, sempre estavam representadas. Os pentáculos eram cunhados invariavelmente em forma de medalha metálica, em ouro, o metal do Sol; em cobre, o de Vênus, ou em prata, atribuída à Lua. Mas os alquimistas também fabricaram ligações metálicas para cunhar alguns deles. Mais tarde, gravaram as letras, os Números ou os símbolos de caráter mágico. Era, com frequência, o suporte do encantamento pronunciado pelo feiticeiro.

Mais adiante, apareceram os talismãs, que eram uma espécie de pentáculos que podiam ser usados no corpo, primeiro em forma de anel ritual, signo honorífico obtido pelo feiticeiro no momento de sua iniciação, e depois um desenho simples feito sobre papel





ou em pedaço de tecido, que alguém devia usar para beneficiar-se de algumas proteções de ordem mágica.

Embora de origem árabe, este nome provém de fato do grego antigo e no começo significava "rito religioso", antes de tomar o sentido de "cumprir, acabar" no século XVII. Isto faz supor que, pouco a pouco, as figuras simbólicas dos pentáculos de metal foram desenhadas em papel e que o iniciado as recebia quando havia cumprido ou acabado seus estudos.

ALGUNS PENTÁCULOS E TALISMÃS

O pentáculo do Sol



Supunha-se que este pentáculo favorecia todos os rituais que consistiam em liberar a alguns seres de suas obrigações, de suas dificuldades materiais ou de um destino demasiado pesado de suportar. Mais tarde, por analogia, utilizou-se para proteger alguns seres da Inquisição e dos riscos que corriam de aprisionamento ou de condenação.



É um pentáculo que poderia perfeitamente ter ainda muito mais sucesso em nossa sociedade moderna, na qual são tão apreciados os jogos de azar e dinheiro. De fato, realizou-se para conseguir vitórias nos jogos de azar. No entanto, era também benéfico para os

comerciantes que, ao usá-lo, viam prosperar seus negócios. Por último, quando estava gravado em ouro puro era uma mostra de grande fortuna e invulnerabilidade.



O pentáculo da Lua

Supunha-se que protegia o ser que o usava de todos os perigos da água, assim como do mal humor dos demais. Por outro lado, acreditava-se que estimulava a imaginação, a inspiração, a intuição... e as funções glandulares.



O pentáculo de Mercúrio

Este pentáculo era muito apreciado para favorecer a reflexão, os estudos e também a meditação. Em outras palavras, tinha um efeito tônico sobre as faculdades cerebrais de quem o usasse.



O pentáculo de Vênus

Como é de se esperar, este pentáculo tinha muito sucesso, pois acreditava-

se que concedia o grande amor com que todos sonham. Mas era também utilizado para atrair a simpatia dos demais e proteção dos anjos da guarda.



O pentáculo de Marte

Este é um pentáculo que poderia ser ainda muito mais útil na atualidade. De fato, segundo a tradição, permite resistir à adversidade e vencer os inimigos, quem quer que estes fossem ou, por exemplo, obter a ajuda e proteção em um processo.



O pentáculo de Júpiter

Este é o pentáculo de todas as proteções e de todos os favores. Estava dedicado ao arcanjo Miguel, guia da corte de anjos, cujo nome hebreu significa "que é como Deus".



O pentáculo de Saturno

Este pentáculo tinha um grande poder, pois permitia resistir ao ódio alheio ou eliminar o do próprio coração.



A magia Poções de amor e afrodisíacos

Feitiços, encantamentos, estimulantes do desejo e das paixões, as poções de amor e os afrodisíacos eram muito apreciados por nossos antepassados, que acreditavam em suas virtudes.

A Terra é um jardim. Neste jardim existe uma árvore mágica que, desde as raízes até as nervuras de suas folhas, oferece frutos sutis e raros, e cuja ingestão produz efeitos secundários que podem despertar ou excitar os sentidos do homem e da mulher.

No começo, todos podiam provar e saborear os frutos desta árvore sem receio de pecado, da falta do arrependimento, de onde procede o sentimento de culpa, tão próprio da cultura judaico-cristã. Porém este sentimento, que era um princípio religioso ou uma reflexão metafísica, transformou-se em um complexo reverso. O homem é feito de tal modo que, se não sacralizar ou ritualizar seus atos, nem estes atos nem a sua própria vida têm sentido algum diante de seus próprios olhos.

O AMOR CARNAL E O AMOR ESPIRITUAL

Por razões mais políticas, sociais e econômicas do que espirituais, explorou-se durante muito tempo a noção do pecado, com o fim de regular as relações carnavais entre homens e mulheres. Mas a mais bela, a mais nobre, a mais eficaz de todas as leis imaginadas para enquadrar homens e mulheres em uma moldura social de limites bem definidos foi sem sombra de dúvida a do amor. O amor é uma via do espírito que sublima e transcende os movimentos irreprimíveis e irresistíveis do corpo: os impulsos, os desejos cegos que podem dar a impressão de que alguém está subjugado por uma força súbita, mágica, que não

controla. Se esta força provém da Terra, é obviamente perigosa, já que a Terra recupera de volta tudo o que dá. Mas se provém do espírito ou do coração, então é um encantamento, uma graça dos deuses. Ora, se o desejo é mais forte que o indivíduo, o amor pode sê-lo ainda mais. O princípio masculino — simbolizado pelos mitos de Urano, do Céu, e de Ares-Marte, o deus da Guerra — opõe-se ao princípio feminino — simbolizado por Gaea, a Terra, e Afrodite-Vênus, a deusa do Amor —.

Mas no absoluto, quando estes dois princípios se juntam, quando se fundem em um só, não são Céu-Terra (Urano-Gaea) nem Marte-Vênus (Ares-Afrodite), mas sim “hermafroditas” (Hermes-Afrodite), ou seja, Hermes-Mercúrio (o espírito, a inteligência) juntamente com Afrodite-Vênus (a emoção, o sentimento). Esta é a razão pela qual a atração de um corpo por outro se transforma na atração do espírito pelo sentimento ou a emoção.

Deste modo, amor, emoção e movimento têm uma etimologia e um sentido original comuns. O amor é a atração que os elementos do céu e da Terra exercem uns sobre os outros, que rege o uni-



verso. O amor é um encantamento, um mistério digno dos deuses, e tudo que possa conduzir-nos a ele é, forçosamente, benéfico e merece ser vivido mais do que qualquer outra coisa.



ENCANTAMENTO, FEITIÇO E POÇÃO DE AMOR

Tudo aquilo que podia favorecer o encantamento, a embriaguez, a magia do amor, era muito apreciado por nossos antepassados. Xamãs, bruxos, magos, conhecedores dos elementos e das plantas, descobriram novas virtudes nas folhas e nas raízes ao aplicá-los como remédios para aliviar ou curar o corpo e a alma. O ritmo das palavras, o som da voz, a dança e o canto também podiam produzir um encantamento, um feitiço. Na França, o "encanto" tem seu equivalente no termo *charme*, galicismo utilizado também em nossa língua, cuja origem remete para o latim *carduus*, cardo, cuja planta de raiz famosa por suas virtudes afrodisíacas estimula a virilidade dos homens. As mulheres utilizavam sua espiga para "cardar" a lã, para penteá-la e desembaraçá-la ritmicamente, enquanto secavam a flor da planta, que usavam como amuleto com o fim de atrair os favores dos homens. Também pode-se relacionar esta palavra com as raízes dos termos "cardíaco" e "coração". E as raízes de "coração" estão também presentes em vocábulos como "cordial" (nome que certas beberagens reconfortantes recebem), "discórdia" e "coragem". Os feitiços ou as poções de amor só podiam ser preparados pelos iniciados nos mistérios da natureza. O período escolhido para apanhar a planta, a raiz, a flor ou a folha, e o momento privilegiado para preparar a cocção tinham uma grande importância. A sexta-feira, dia de Vênus, era o dia preferido para fazer estes preparos. Era também recomendável esperar que a Lua estivesse nos signos de Touro e Escorpião, principalmente em seus primeiros e últimos decanatos, mas também em sua décima casa, situada entre o 25.º grau de Câncer e o 8.º grau de Leão, que favorece as conquistas amorosas. Também eram tomadas em consideração as conjunções de Mercúrio e de Vênus, que se produzem uma vez por ano, durante aproximadamente quinze dias, e as de Vênus e Marte, que têm lugar de dois em dois anos e cuja duração varia de acordo com seus ciclos zodiacais.



Pequeno dicionário dos afrodisíacos

AIPO: sua folha tem fortes virtudes afrodisíacas e foi um símbolo de potência viril na Grécia e em Roma. Cláudio Galeno, grande médico romano do século II d. C., recomendava seu emprego: "Se a mulher soubesse o que o aipo faz ao homem, iria buscá-lo até em Roma".

ANGÉLICA: a raiz, o talo e a semente estimulam os ardores amorosos e combatem a frigidez nas mulheres.

CANELA: em Roma, os templos de Vênus eram cobertos com folhas de canela. Os hebreus utilizavam a canela como unguento ou óleo de massagem. No Oriente, seu perfume era muito apreciado. Atribuíam-lhe um poder narcótico e afrodisíaco. Na China, a canela era o perfume e o alimento dos deuses. Em fitoterapia, considera-se como um fortificante natural. Alexandre Dumas oferece sua receita de água-de-canela: "Para obter um litro de água de frutas, misture 15 gramas de canela triturada, 8 gramas de pau de alcaçuz, o sumo de meio limão e 12 centilitros de água. Deixe de molho durante uma semana. Filtre. Junte um xarope preparado com 250 gramas de açúcar de cana e meio litro de água, e deixe a água-de-canela repousar no escuro durante três meses".

CRAVO: importado da Índia, suas propriedades tônicas e afrodisíacas foram elogiadas pelos médicos do Renascimento: "Se um homem beber com leite quatro onças desta planta", recomendava um deles, "sua potência aumentará e ele poderá viver com uma mulher".

ERVA-DOCE: segundo Plínio, o Velho (século I d. C.), "as folhas de erva-doce possuem grandes virtudes afrodisíacas [...]. A erva-doce, tomada de uma maneira ou outra, ativa a secreção do esperma e é excelente para todas as afecções dos órgãos sexuais; pode usar-se a raiz cozida em vinho ou em cataplasmas, ou então utilizar a planta picada em óleo".

GINSENG: a erva divina ou da imortalidade dos chineses, cujas raízes favorecem a tonificação do coração, a longevidade e a potência sexual. É, sem dúvida, o afrodisíaco mais eficaz.

GENGIBRE: no Egito, na Grécia, na Índia e na China, era utilizado nos rituais de amor. Suas raízes contêm virtudes afrodisíacas potentes. Nostradamus aconselhava a marmelada de gengibre "para que os homens possam cumprir o dever da natureza".



A Magia

A ilusão e a magia do mundo

*Este mundo é uma ilusão ou uma magia?
Ambas as coisas. Tudo depende de como o vemos.*

Evidentemente, os magos e magas aos quais já fizemos alusão, não têm nada a ver com os ilusionistas ou pretendidores que tiveram suas horas de glória nos circos e nos palcos dos *music-hall* e alguns dos quais ainda nos surpreendem com seus célebres jogos de mãos.

Por muito nobre que possa ser esta atividade artística, isto não nos concerne aqui. No entanto, deveríamos referir-nos à mesma, embora apenas para re-

lembrar o Ilusionista do primeiro arcano do Tarô adivinhatório, chamado normalmente o Mago. No entanto, tal arcano pode ser interpretado do ponto de vista do criador de ilusões que gera confusão, que tem habilidade para enganar as pessoas e zombar dos demais, como também do ponto de vista daquele que possui dons e talentos pessoais e potenciais que pode aproveitar para realizar algo novo, inédito, original, maravilhoso e mágico.

ILUSÃO E MAGIA

É certo que para nós o ilusionista e o mago se confundem e parecem aos nossos olhos um mesmo e único personagem, capaz de realizar prodígios, verdadeiros ou falsos, não importa, pois o essencial é que acreditemos nele ou, mais precisamente, que acreditemos que o que vemos é verdade, inclusive se é produto de nossa imaginação ou da auto-sugestão. Mas, pensando bem, não é este o princípio no qual se ba-

O mundo em que vivemos pode não ser mais que uma ilusão. Mas este olhar que o faz mágico depende de nós mesmos.



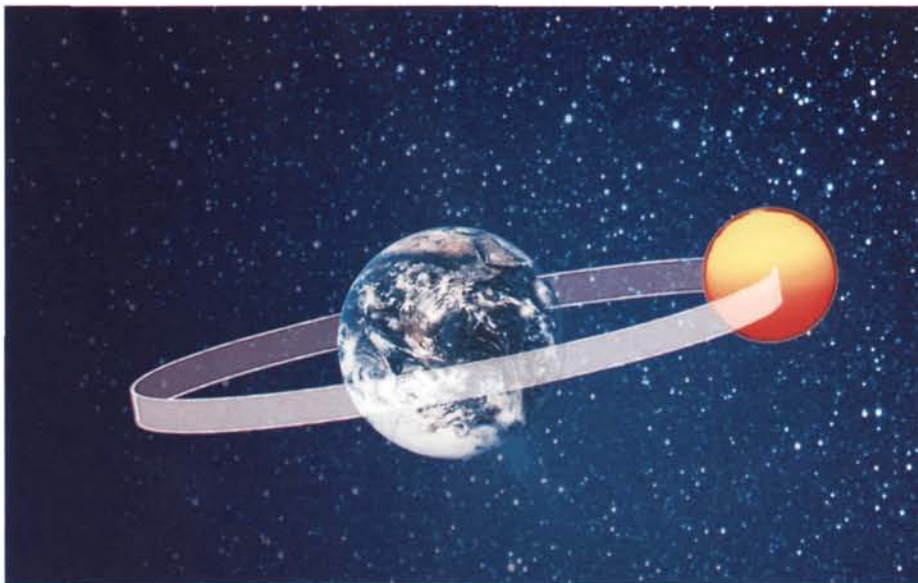


seiam todas as crenças, inclusive a visão que temos do mundo em que vivemos, onde, pelo que nos demonstra a física, nada do que nos parece real, realmente o é?

Tomemos o simples exemplo de observar o “aparente” movimento do Sol em torno da Terra — chamado eclíptica em astrologia —, que é pura ilusão, pois sabemos que não é o Sol que gira em torno da Terra, mas sim ao contrário. Também poderíamos pôr o exemplo do estudo da luz e a percepção que temos das cores. Poderíamos dizer, resumindo e simplificando muito tais fenômenos extraordinários e surpreendentes, que nossos olhos estão programados para “inventar” as cores que concedemos às coisas, mas que em si tais coisas não têm cor.

De maneira que nada nos indica ou nos demonstra que o mundo — e o que consideramos que é a realidade do mundo visível — seja real, nem que todos tenhamos a mesma visão das coisas no mesmo momento. Daí sugerirmos que há algo de ilusório na vida é só um passo, que, justamente, é o que nos indica o limite entre a ilusão e a magia da vida.

De fato, podemos dizer que em nosso mundo tudo é ilusório e falso, que não podemos acreditar em nada, que a única causa razoável que nos leva a estudar, analisar e esquadriñar o mundo, como faz a ciência, pode abrir nossos olhos; ou então podemos considerar este mundo do ponto de vista da magia, isto é, de uma realidade que não é outra coisa senão o que nós somos, uma espécie de projeção de nós mesmos, admitindo assim que não há nenhuma diferença entre o Sol, as plantas, as pedras, os animais, as cores, tudo que vemos ao nosso redor e até mesmo nós próprios. No primeiro caso, penetramos na realidade para buscar a verdade por trás da mentira das ilusões, mas corremos o risco de deixar de perceber os vínculos sutis e profundos que unem tudo aqui em baixo; no segundo caso, simplesmente tentamos nos relacionar bem com o mundo que nos



Quando afirmamos que o Sol gira em torno da Terra, obedecemos a uma ilusão. Se concordamos que a Terra gira em torno do Sol, embora o que temos diante de nossos olhos nos faça ver o oposto, entramos no campo da magia.

cerca para viver em harmonia e descobrimos a nós mesmos como a causa última de todos os efeitos produzidos no mundo. Esta é a única diferença entre a ilusão e a magia.

SOMOS TODOS MAGOS

No entanto, a linha que separa a ilusão da magia é tão fina que seria fatal que em um dado momento, o homem com sua infinita curiosidade e sua grande vaidade para querer transformar-se no dono, a cruzasse, preferindo atuar sobre as causas como um deus, antes que ver-se responsável ou implicado em um universo que está longe da perfeição à qual ele aspira. No entanto, não podemos evitar pensar que o cientista fechado em seu laboratório se parece com frequência àquele que, em vez de beber a água do poço para refrescar-se, cai dentro do mesmo.

Sem dúvida alguma, a ciência moderna permite ao homem e à mulher de hoje viver mais tempo, melhor e sofrer menos. Mas, ao mesmo tempo, os que admitem que vivem melhor que seus antepassados nem por isso deixam de ser vítimas de uma espécie de desencanto, que compensam entregando-se

a qualquer tipo de lazer e divertimento que se lhe proponha e nutrindo-se de ruídos, imagens e informações externas que passaram a ser vitais para eles.

Daí que atualmente exista uma espécie de véu ou tela entre o mundo natural que nos cerca e nossa verdadeira natureza carregada de ruídos, imagens e informações, a maioria das quais não nos afeta pessoalmente, não nos implicam, nem nos induzem a refletir, participar, atuar ou, simplesmente, viver. Por isso, se desejamos aprender algo de nossas experiências individuais, por uma parte, e do novo enfoque realmente inteligente do mundo real tal como o vemos e tal como é, por outra parte, se queremos alcançar este extremo podemos penetrar nos mistérios da realidade física para descobrirmos que tudo é ilusão e continuar cultivando o olhar do mágico da vida, que sabe que o poder último e a força absoluta é o poder do pensamento, do espírito e do coração, pois são estes que movimentam o mundo, o levam adiante e o motivam. Entretanto, estes motores estão em nós mesmos e nós somos responsáveis por fazê-los funcionar, visto que somos todos magos.



O xamã

O xamã, sacerdote, bruxo, mago, adivinho, médico, curandeiro, poeta, músico, cantor, é um ser à parte, talvez mais próximo de nós do que imaginamos.

Que é um xamã? Em princípio é o nome que se dá a um personagem enigmático e paradoxal, diríamos hoje, um “deslocado”.

Ele era encontrado principalmente nas regiões do centro e norte da Ásia, onde se chamava *ojun*, em yakuto, o idioma dos povos da Sibéria oriental; *buga*, *boga* e *undagan*, em mongol, e *saman* em tungús, idioma de outros povos da Sibéria oriental, à qual pertencem os manchues da China e os udegueis da Rússia.

O XAMÃ, SACERDOTE E BRUXO

A função deste personagem era de representar um papel social e religioso, que se situava entre o de um bruxo e o de um sacerdote, pelo menos como o imaginamos em nossas civilizações contemporâneas; o bruxo que, de acordo com nossa visão, possui poderes inquietantes, que trabalha na sombra, manipula as chamadas forças ocultas, e o sacerdote sendo, obviamente, o ser dedicado a Deus, seu ministro e seu servidor, um homem de bem, que atua à luz do dia.

No entanto, o xamã era, ao mesmo tempo, sacerdote, quando estava ao serviço dos homens e das mulheres de seu clã, que pertencia aos deuses com os quais conversava, e aos quais se sacrificava para interceder em favor dos homens, e também bruxo, pois conhecia os mistérios dos poderes e as forças da natureza, os quais sabia utilizar e aproveitar



oportunamente. No entanto o xamã, além de ser sacerdote e bruxo, era também médico, curandeiro, mago, adivinho, poeta, músico e cantor.

Guardião das tradições e das crenças que transmitia e salvaguardava, identificava-se com todas as formas de vida existentes na natureza, desde a pedra até o pássaro. Por ter sido pedra, peixe, pássaro, cervo, árvore, até mesmo espírito ou demônio, era capaz de alimentar-se de todas as coisas existentes aqui na Terra e no Além; dominava todas as forças, as substâncias e as linguagens secretas, que conferiam a ele, obviamente, poderes sobrenaturais e sobre-humanos.

UM DOM DIVINO

No entanto, precisemos que, segundo os povos da Sibéria oriental, o xamã não tinha nenhuma outra escolha que a de encarnar este papel, pois era seu destino, sua vocação e sua cruz. O homem ou a mulher destinados a transformar-se em xamãs tinham a marca indelével desde sua mais tenra infância. Como se reconhecia? Por sinais diferenciados evidentes e, é claro, de natureza sobrenatural, pois tratava-se de uma marca divina.

No mundo da razão, isto é, o mundo que criamos peça por peça dando-lhe limites precisos, bem definidos, que não devem ser ultrapassados, o xamã é visto como um louco, um insensato. Para nós, atualmente, trata-se de um ser vítima de crises de histeria, epi-



lepsia ou de exibição, que não tem nada a ver com manifestações do divino e que só consegue ser um pretexto disso.

É certo que, por estarem as tradições e as crenças ancestrais, pelo menos a maioria, relegadas ao nível do folclore, é difícil encontrar um autêntico xamã hoje em dia. Ainda mais quando o universo dos meios de comunicação, do qual nos nutrimos demasiado, cada vez mais sem discernimento, se presta mais que qualquer outro ao reino dos impostores e usurpadores.

No entanto, o dom divino de um xamã, que fazia dele um ser diferente, a faculdade rara excepcional que o marcava desde sua mais tenra infância e o destinava, portanto, a servir, ajudar, aliviar — e isto, inclusive quando suscitava o medo e o temor aos homens e às mulheres de seu povo, pois se mostrava a eles tal como eram eles próprios, brincando de homens-espelho uma espécie de refletores de consciências de seu tempo —, era essa capacidade tão singular do êxtase, do transe místico, que parece ser a causa

de uma expulsão de si próprio, um raptó da alma.

Muitos santos e santas da Europa tiveram esta experiência, como testemunham os múltiplos relatos de suas vidas e seus prodígios durante a Idade Média. Da mesma forma que o xamã, quase sempre estavam dotados do poder de aliviar e curar e de realizar milagres.

Tinham visões, entravam em transe extasiados, falavam em uma linguagem poética de grande beleza, que tinha ao mesmo tempo algo de incompreensível e hipnótico, de feiticeiro e de misterioso, mas quem o compreendia o fazia pela metade, parecendo-lhes entretanto conhecê-lo desde sempre.

É certo, além de algumas exceções, tratava-se mais com frequência de mulheres que de homens, como se a causa mística e o transe extático fossem estados mais propícios à natureza feminina que ao temperamento masculino, ao menos na Europa.

Talvez isto se explica porque, se observarmos bem, uma cultura chamada judeo-cristã, de caráter imperialista, causou estragos na Europa durante muitos séculos, cultura que, sublinhemos, não tinha nada a ver com as raízes nas quais se havia inspirado.

Bem ao contrário, na Ásia, o xamã era mais com frequência um homem, assim como nas civilizações antigas, onde os sacerdotes-bruxos e os sacerdotes-astrólogos também eram homens.

Além disso, sabemos que alguns bru-



xos dos povos indígenas da América do Norte eram todos homens. Mas, que importa o sexo do xamã! Homem ou mulher-medicina, por sua natureza, vocação e destino possui um poder de vida e de morte, pois pode curar, acabar com o mal, invocar aos deuses e falar sua linguagem, predizer o futuro, adivinhar os pensamentos, as intenções, os segredos da alma, ver e prever, sair de seu corpo, entrar em outras formas de vida, penetrar e conhecer outros mundos e outras realidades.

E nada nos diz que os dons e os poderes do xamã não sejam dons e poderes inatos em cada um de nós que fomos perdendo pouco a pouco ao longo dos milênios, ao escolher outra via entre as inúmeras e variadas que a evolução oferece e que a vida põe à nossa disposição.





A telepatia

*Podemos captar o pensamento dos demais ou transmitir o nosso para outra pessoa?
Sim, sem dúvida. Porém, somos dignos de tal poder?*

Por volta do século XIX, um inglês chamado Myers foi o primeiro a batizar os fenômenos de transmissão de pensamentos com o nome de *telepathy*, ou seja, “telepatia”, formada a partir do grego *tele*, “longe”, e *pathos*, que podemos traduzir como “experiência padecida, afecção, emoção da alma, mal-estar, o que sucede”. Portanto, a telepatia designou inicialmente um fenômeno — que podemos denominar de pseudo-científico, pois só é verificado parcialmente do ponto de vista científico — muito próximo do

que o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung chamou de sincronismo, ou seja, “simultaneidade entre dois acontecimentos ou fatos reais”. No que se refere ao conceito original da telepatia, trata-se, portanto, de sensações ou emoções que dois seres podem experimentar a distância, exatamente no mesmo

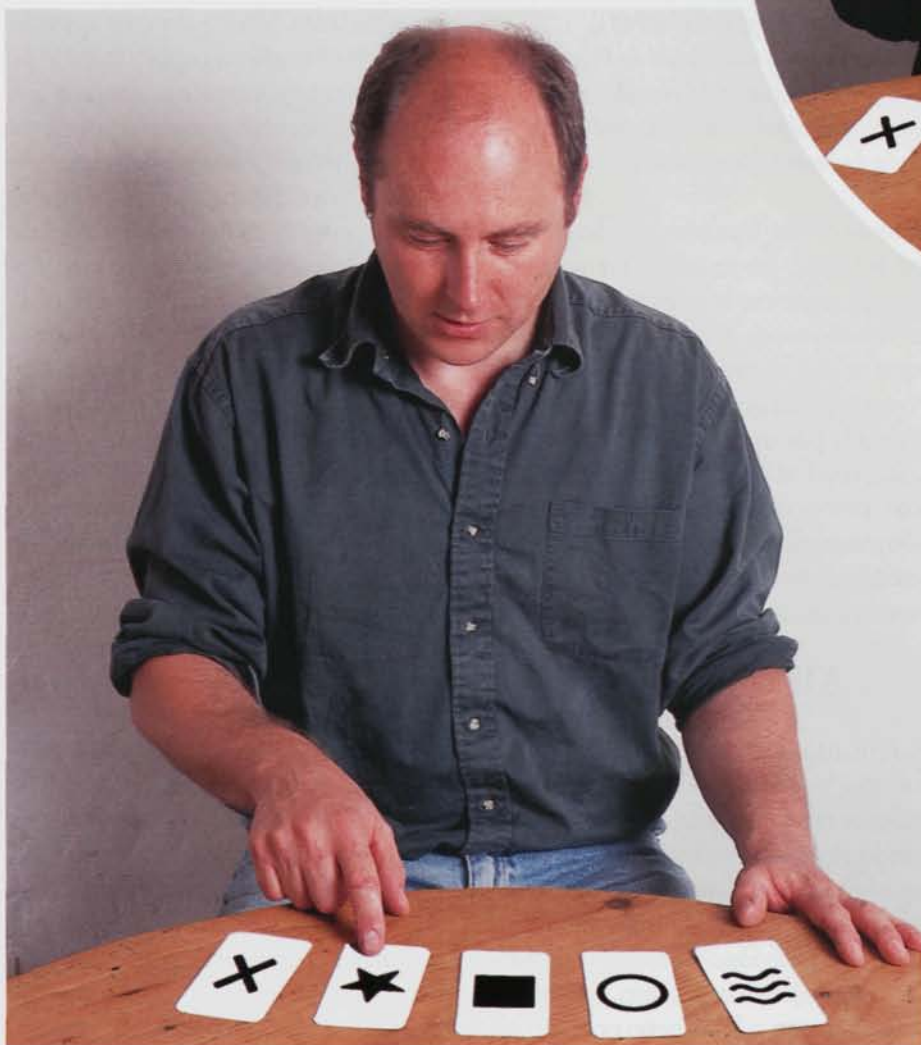


O teste de cartas, chamadas de Zerner, é um dos mais aplicados nas experiências relacionadas com a telepatia.

momento, e que provavelmente são transmitidas através do pensamento.

A TELEPATIA E A CIÊNCIA

Foram realizadas muitas experiências para o estudo desse fenômeno que certos cientistas consideraram com uma grande seriedade por motivos claros e óbvios: se os homens possuem qualquer capacidade para se comunicar somente com o pensamento, dom que poderiam cultivar e explorar eventualmente, a sua vida poderia ser transformada. De fato, imaginemos se desde nossa infância fossemos capazes de utilizar o nosso pensamento para nos co-

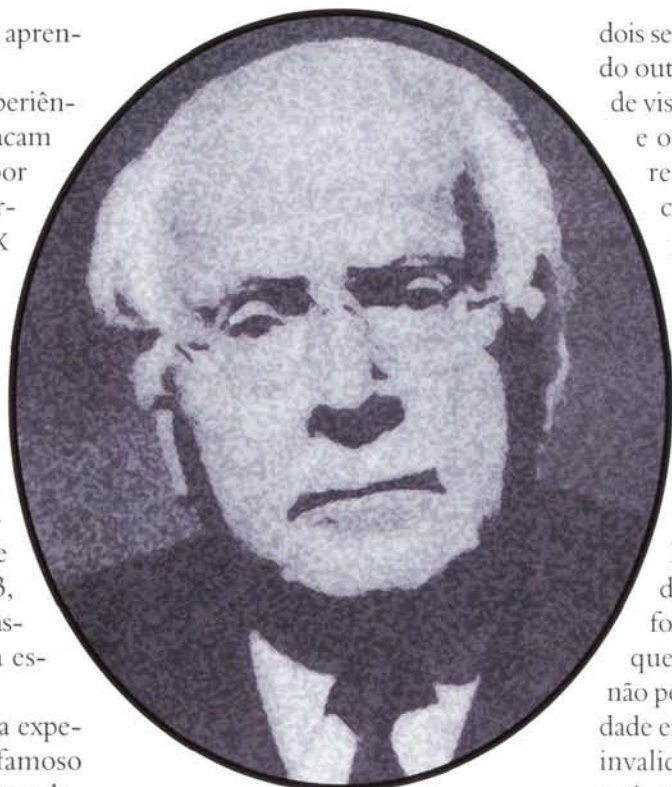




municar ao mesmo tempo que aprendêssemos a ler e a escrever.

Não enumeraremos todas as experiências, algumas das quais se destacam por um grande rigor e outras por uma imensa fantasia, que ocorreram desde o início do século XX e que ainda ocorrem, relacionadas a este famoso fenômeno da transmissão de pensamento. No entanto, citaremos, como curiosidade, a que foi realizada pela NASA durante o vôo da Apolo 14, em fevereiro de 1971. Anteriormente, os norte-americanos haviam sofrido o grande impacto da missão da Apolo 13, que quase custou a vida dos três astronautas presentes na cápsula espacial.

Edgar D. Mitchell, capitão desta expedição lunar, submeteu-se ao famoso teste das cartas, chamadas de Zerner devido ao nome do inventor de um jogo composto por 25 cartas, ou cinco grupos de cinco cartas brancas, nas quais estão representados uma cruz, um quadrado, um círculo, uma estrela de cinco pontas e três linhas curvas sobrepostas em forma de ondas. Esse teste, que é realizado freqüentemente, é muito simples: duas pessoas suficientemente distanciadas para que não tenham nenhuma possibilidade de se comunicar entre si e, de preferência, desconhecidas dispõem das 25 cartas em questão. Através de turnos, cada uma escolhe uma carta que possui um dos cinco símbolos, que o outro deve adivinhar até que as cartas se esgotem. A prova do astronauta da Apolo 14 parece ter sido totalmente convincente. Porém, a NASA nunca disse nada a respeito e não tomaremos conhecimento das conclusões às quais chegaram nem que eventuais aplicações chegaram a realizar. Outras observações científicas foram realizadas com eletroencefalogramas, detectando e medindo as ondas alfa, que se manifestam intensamente quando um indivíduo está muito concentrado ou em sono profundo. Atualmente, isso é tudo o que a ciência pode nos transmitir em relação ao



Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço e discípulo de Freud, foi o primeiro que se desviou das teses do mestre, principalmente ao introduzir a noção de inconsciente coletivo.

fenômeno de transmissão do pensamento, que, no entanto, faz parte de crenças empíricas às quais muitos de nós recorremos sem necessariamente procurar provas tangíveis que as sustentem. Portanto, uma grande pesquisa recente, realizada por uma revista bem conceituada, revelou que mais de 40% das pessoas entrevistadas acreditam em fenômenos de telepatia e rabdestesia, disciplinas nas quais parecem encontrar pontos em comum.

A TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

No entanto, é interessante observar que o termo “telepatia” foi estabelecido para designar um fenômeno que consiste, segundo algumas testemunhas dignas de credibilidade, no fato de se experimentar um mal, uma dor, um sofrimento que outro indivíduo realmente está sentindo no mesmo momento. Em quase todos os casos, o fenômeno ocorre com

dois seres suficientemente próximos um do outro, não no espaço, mas do ponto de vista afetivo. Porém, as experiências e os estudos científicos que foram realizados até o momento, nunca consideraram os sentimentos que poderiam unir um ao outro, o vínculo entre os dois indivíduos escolhidos para a realização do teste das cartas de Zerner. Eis a questão: pode-se medir cientificamente a intensidade de sentimentos profundos que unem dois seres? Sem dúvida que não.

Podemos objetar que determinados fenômenos telepáticos às vezes foram produzidos entre indivíduos que não se conheciam e, portanto, não possuíam nenhum laço nem afinidade entre si. Isso é correto, porém não invalida o fato de que os sentimentos sutis que unem certas pessoas pelo jogo das afinidades, principalmente quando não tiveram nenhuma oportunidade de se conhecer fisicamente, entram em questão, intervêm e interferem neste tipo de fenômeno. Isso foi demonstrado por Carl Gustav Jung ao expor a sua lei do sincronismo. Não podemos afirmar que tais leis sejam totalmente científicas, ou seja, comensuráveis e verificáveis de forma sistemática. No entanto, isso não implica que não existam. Por outro lado, acreditamos ser necessário precisar que nada nos permite assegurar que a mentalidade dos homens de hoje seja suficientemente generosa e evoluída para dominar o fenômeno da transmissão de pensamento e poder exercê-lo livremente. De fato, você pode imaginar o que poderia ocorrer se alguns seres mal intencionados, cuja intensidade ou poder de pensamento fosse maior ou dominante, tivessem a possibilidade de influenciar nas escolhas, nas idéias, nas convicções e nos atos de outros seres com um pensamento mais fraco, influenciável ou maleável? Portanto, antes de nos preocuparmos em dominar e comunicar nossos pensamentos, pensemos antes em conhecê-los melhor.



A vidência

Podemos ver, para além das aparências, o que é desconhecido para os outros? É possível ver e conhecer o passado e o futuro de uma pessoa? Podemos ser videntes?



Para compreender o complexo fenômeno da vidência, é indispensável esclarecer o sentido desta palavra, atualmente tão desprestigiada. Para muitos a vidência resume-se a um dom de ver os acontecimentos ou os fatos que ocorrerão fatalmente em nossa vida, em um tempo futuro mais ou menos longínquo.

O vidente — subentende-se homem ou mulher, embora aqui só se empregue o termo masculino por motivos de economia de linguagem — prevê o futuro, como costumamos dizer. Para um vidente, ver é prever. Mas verificamos que, para suportar suas previsões, o vidente começa muitas vezes por revelar-nos situações ou circunstâncias relativas ao nosso passado, fazendo alusão a

pessoas que conhecemos e que, presentes ou ausentes da nossa vida, permanecem perto de nós.

"Vidência" e "vidente" vêm do latim videre, que significava "ver". Da mesma raiz provêm as palavras "visitar" (que originalmente queria dizer ver com freqüência), "visão" (que se entendia tanto por aparição como por sonho) e "evidente" (termo com o qual se designa o que, por ser aparente, salta à vista).

Por isso, o vidente não se satisfaz em predizer ou prever, mas atua mediante uma espécie de auscultação de nossa memória, na qual parece procurar imagens íntimas, extraídas de nossa vida passada que, em princípio, ele ignora. Encontramo-nos no campo do que se chamou *retrocognição*, ou seja, o conhecimento do passado, que se opõe à *pré-cognição*, termo que provém das palavras latinas *prae* (previamente) e *cognoscere* (conhecer), isto é, conhecer antecipadamente. É esta a faculdade do vidente: ver e prever, sem que o saibamos, acontecimentos futuros que nos dizem respeito. Como explicar este fenômeno?

O FENÔMENO DA VIDÊNCIA

Por muito estranho que possa parecer, em consideração ao número de videntes que operam mais ou menos em todas as partes do mundo, e tendo em conta as múltiplas investigações que os homens de ciência compreendem atualmente a este respeito, nunca foram estudados seriamente os mecanismos da vidência.

É um princípio que está relegado ao passado e comparado às superstições e à ignorância. Não obstante, a vidência existe hoje e sempre existiu. Este fenômeno está relacionado com as investigações sobre o inconsciente, do qual, talvez, seja apenas um produto. Sigmund Freud, o pai da psicanálise, demonstrou que, no inconsciente, o tempo não existia. Ou, mais exatamente, que nesta zona obscura de nossa personalidade o passado e o presente podiam confundir-se e surgir a cada momento. Recordemos que a análise se baseia em uma série de associações de idéias que podem permitir-nos devolver à nossa consciência atual fatos, acontecimentos ou situações,



e também sentimentos e emoções, do nosso passado. Na verdade, segundo o princípio enunciado pela psicanálise freudiana, o inconsciente é o lugar desconhecido da consciência, habitado por conteúdos reprimidos que escapam ao consciente.

Anos depois, Carl Gustav Jung, discípulo e colaborador de Freud, e cujos trabalhos não obtiveram a aprovação de seu mestre, demonstrou que no inconsciente o passado, o presente e também o futuro combinavam-se, interpenetravam-se, misturavam-se até conter às vezes respostas ou soluções intuitivas aos nossos problemas por resolver. Depois de longas investigações e estudos profundos sobre a linguagem dos mitos e dos símbolos, Jung revelou que a intuição não era mais do que o produto da memória inconsciente do sujeito, a qual se manifesta em horas de vigília ou durante o sono.

Podemos concluir que tudo aquilo que vivemos está inscrito em nossa memória inconsciente, mas também que alguns acontecimentos futuros já estão inscritos em nós, como um germe.

Por isso, certos seres dotados de uma percepção inconsciente ou psíquica mais sensível que outros deveriam ser capazes de captar estas imagens inscritas em nossa memória sem que estejamos conscientes delas. Mas este fenômeno é extremamente raro e são muito poucos os que o dominam. Sim, a vidência existe; mas para que serve e que uso fazemos dela? Não seria mais acertado aprender a descobrir e a explorar nossa memória inconsciente intuitiva com o fim de estarmos mais conscientes de nossas verdadeiras motivações e dos acontecimentos vindouros, cujas causas se encontram, muitas vezes, em nossos atos passados ou atuais? “Se soubesse como uma árvore se reduz a uma semente, poderia também prever como a árvore se desenvolverá a partir desta. Se conhecêssemos o núcleo central de uma situação, poderíamos prever suas con-

seqüências”, escreveu Marie-Louise von Franz.

POR QUE ESTE FENÔMENO É TÃO RARO?

Porque a memória inconsciente intuitiva não atua por obrigação. Não basta ter, um pouco mais do que os demais, a faculdade de ver, para ver sistematicamente e em todos os momentos.

Assim, na Antigüidade, distinguia-se a adivinhação intuitiva ou espontânea da adivinhação indutiva ou razoável.

A primeira, apenas uns quantos profetas a praticavam; a segunda, muito mais comum, resultava da interpretação dos signos e dos símbolos dos oráculos, ou seja, do uso das artes adivinatórias.

Por outro lado, devemos sublinhar que a memória inconsciente intuitiva expressa-se mediante a linguagem dos mitos e dos símbolos.

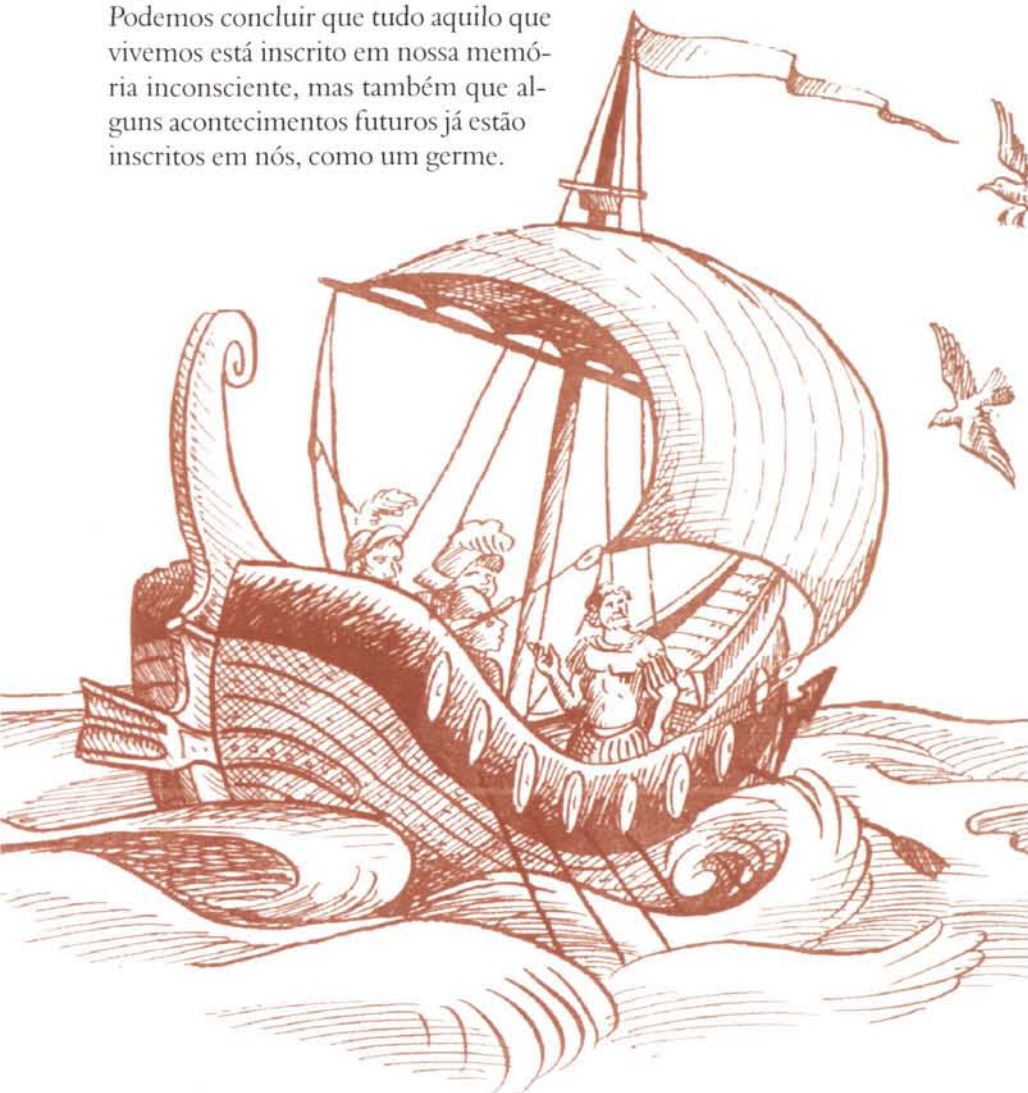
No entanto, não é apenas rica e muito complexa, mas também as interferências das experiências vividas pelo indivíduo em questão podem acrescentar

uma interpretação inconsciente pessoal dos signos e dos símbolos cujo significado exato escapa muitas vezes ao vidente.

A partir disto, compreenderemos que não basta ver, mas que é necessário ser capaz de interpretar o que se vê.

“Da mesma maneira que um físico não pode prever um acontecimento único com total exatidão, um oráculo não pode prever um acontecimento preciso. Mas pode dar uma lista de probabilidades nas quais se projeta a imagem de um campo qualitativo de acontecimentos, e pode prever que algo ocorrerá neste campo”, escreveu Marie-Louise von Franz.

*“Augúrio” entronca com o latim **auspicium**, termo que faz referência à observação das aves. Com seu derivado **augur** designava-se o sacerdote que efetuava suas previsões mediante esta técnica. Em português, ficou a expressão **“ave de mau agouro”**.*





A clarividência e a audiência psicofônica

Ter visões é clarividência. Ouvir vozes pertence ao terreno da audiência psicofônica. Mas, nem todos aqueles que desejam conseguem ter visões ou ouvir vozes.

Como já sublinhamos ao abordar temas como a adivinhação, assim como a astrologia, muitas vezes é preciso denunciar idéias preconcebidas e tópicos que nunca morrerão e prejudicam seriamente a reputação das diferentes ciências ou destas artes. De maneira que, se escolhemos tratar aqui da clarividência e da audiência psicofônica é com a intenção não de convencer aos mais cépticos com respeito a estes fenômenos, mas sim de precisar quais são seus princípios e suas causas.

A VIDÊNCIA, A ADIVINHAÇÃO, OS PRESSÁGIOS E A LINGUAGEM DA NATUREZA

Anteriormente tivemos a oportunidade de dar algumas informações com respeito ao que devemos entender por “vidência», que, como certamente você se lembrará, antigamente se referia somente a profetas e visionários, dos que há testemunhos nos relatos bíblicos. Já sublinhamos então que o que chama-

mos “vidência” hoje não tem nada a ver com o que nossos antepassados designavam com a mesma palavra. Sabemos também que os sacerdotes do povo hebreu utilizavam a adivinhação. Basta tomar como exemplo as 12 gemas oraculares que figuram no peito de Aaron, que Javeh lhe havia recomendado usar.

No entanto, a vidência e a adivinhação se distinguem uma da outra em que a primeira é um estado de fato e a segunda uma prática ou técnica baseada na atenta observação da natureza. Quanto a isso, nunca insistiremos o suficiente sobre o fato de que todas as artes adivinhatórias, incluída a astrologia, que é uma espécie de organização quase científica de presságios, se baseiam em uma atenta observação

da natureza e no uso de sua linguagem. De fato, imitando a linguagem da natureza o homem criou a sua própria linguagem, pois, em primeiro lugar invocando, em seguida desenhando, e por último dando nomes aos elementos da natureza, os organizou e tomou posse deles.

CLARIVIDÊNCIA E AUDIÊNCIA PSICOFÔNICA

Parece que o termo “clarividente” nasceu no final do século XII ou bem no começo do século seguinte em um contexto religioso, para designar os seres crentes, obviamente, que se revelavam perspicazes e cuja vista era aguda, tal como indica a interpretação etimológica deste nome. Este período é o de Hildegarda de Bingen, de Fran-

Parece que Bernardo de Clairvaux (à esquerda) e Francisco de Assis (à direita) foram considerados clarividentes nessa época de visão mística que se estendeu do século XI a princípios do XII. Cada um à sua maneira, rezaram a Jesus. O primeiro enviando homens às Cruzadas para defender o Cristianismo; o segundo, criando a ordem dos franciscanos, antes de receber os estigmas da Paixão de Jesus Cristo.





cisco e Clara de Assis, de Bernardo de Claraval e de Joaquim de Fiore, de toda uma mística visionária que exerceria uma grande influência sobre a evolução das consciências, do pensamento e da mentalidade do Ocidente cristão. No entanto, o termo “clarividência” apareceu muito mais tarde, por volta do século XVI. Embora o clarividente, segundo a acepção medieval, se encontre muito próximo do vidente no sentido bíblico e profético da palavra, o clarividente no Renascimento só se dedica à adivinhação. Daí se deduz que a clarividência aparece no contexto de popularidade que novamente gozavam as artes adivinhatórias, as mancias e os oráculos, principalmente tal como eram utilizados na Antiguidade, entre os intelectuais da época do Renascimento.

Em outras palavras, o que hoje chamamos normalmente um vidente, de fato é um clarividente; o vidente era um ser que se inspirava exclusivamente em uma força divina, e mais preocupado ou dedicado a interesses de ordem coletiva que particular. Por outro lado, no sentido em que se entende atualmente fora de toda consideração religiosa ou esotérica, devemos sublinhar que o vidente é o contrário



A Ajná-Chakra e a Vishudda-Chakra.

do cego, enquanto que a clarividência revela uma qualidade de discernimento.

Quanto ao que nós chamamos audição de fenômenos pertencentes ao âmbito da psicofonia, temos que dizer que, em alguns lugares, isso era conhecido com o nome de “clariaudiência”. Esta palavra consiste, ao mesmo tempo, em uma extrapolação e interpretação de um termo muito mais antigo, cuja origem se encontra na raiz sânscrita *avih*, que significava “evidência, evidentemente”. Em português, esta palavra deu “ouvir”, depois de passar pelo latim *audire*, que significava tanto “ouvir” e “escutar” como “compreender”. Também em sânscrito, *avih*,

é o conhecimento, o saber, o discernimento, enquanto que para os hindus, *avidyâ*, é a ignorância. Aqui é onde compreendemos a evidente analogia com a clarividência.

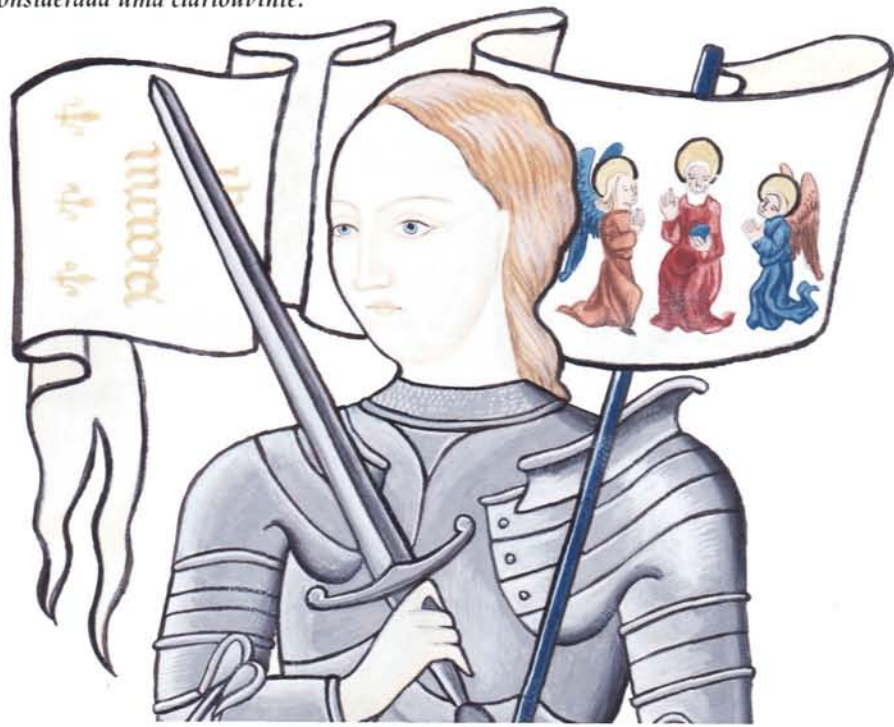
Assim, enquanto a clarividência está relacionada com as visões interiores, a clariaudiência implica que ouvimos vozes ou uma só voz. Uma vez mais, os profetas da Bíblia se apresentam para nós como clariouvintes. Ouvem a voz de Javeh que lhes guia. Se a lenda de Joana d’Arc tem bases reais, podemos considerá-la uma clariouvinte. Na clariaudiência, a voz se manifesta em uma voz alheia à nossa e a ouvimos dirigir-se exclusivamente a nós.

AS CHAKRAS DA CLARIVIDÊNCIA E DA CLARIAUDIÊNCIA

As técnicas da hatha-yoga, que se baseiam nos princípios do despertar e da harmonização de nossas faculdades inatas, permitem desenvolver a clarividência e a clariaudiência. No entanto, devemos usá-las com muita prudência, pois é indispensável estarmos em uma relativa serenidade para exercê-las.

Assim, existem duas chakras que estão em estreita relação, a primeira com a faculdade da clarividência, a segunda com o dom da clariaudiência. A primeira é a Ajná-Chakra, situada nas sobrancelhas, na base da frente, chamada no Ocidente “o terceiro olho”. A segunda é a Vishudda-Chakra, situada ao nível da garganta, na base do pescoço. Se você se sente totalmente relaxado, deite-se sobre o solo, com os braços ao longo do corpo, depois de haver expulso todas as tensões de seu espírito, e respire profundamente com os olhos fechados. Ao inspirar, concentre seu espírito na Vishudda-Chakra, isto é, na sua garganta, e ao expirar, na Ajná-Chakra, entre suas sobrancelhas. Entre cada inspiração e expiração, faça uma curta retenção. Se você fizer este exercício durante apenas 10 minutos por semana, favorecerá o despertar de suas faculdades inatas da clarividência e da clariaudiência.

Joana d’Arc, que ouvia vozes quando ainda não passava de uma jovem pastora, pode ser considerada uma clariouvinte.





Intuição e premonição

A intuição é um efeito da memória. Está, assim, relacionada com o passado. A premonição é uma advertência e, portanto, entra em relação com o futuro. Tanto uma como outra podem nos ajudar a viver melhor nosso presente.

Para muitos de nós, ter uma intuição ou uma premonição é a mesma coisa. Por outro lado, podemos acrescentar o pressentimento, ao que se atribui também o mesmo significado. No entanto, apesar de podermos parecer exageradamente detalhistas na opinião de alguns, parece-nos necessário outorgar a cada uma o que lhe corresponde e distinguir uma experiência da outra.

O QUE É UMA INTUIÇÃO?

A julgar pelo sentido etimológico desta palavra, a intuição seria literalmente "uma imagem refletida em um espelho". Queremos destacar de passagem que, por mais inconcebível que possa parecer, embora esta palavra não figure em quase nenhum dicionário contemporâneo de psicanálise, nos vemos obrigados a constatar que a intuição nos remete diretamente ao mito grego de Psique, a propósito do qual devemos lembrar que se trata de uma representação da alma, de onde vem seu nome (*psykhê*, em grego significa "alma"). Segundo esta lenda, tal como nos conta Apuleio em seu *Asno de Ouro* ou *Livro das Metamorfoses*, Psique era bela e feliz enquanto se deixava amar e amava sem olhar o objeto de seu amor. Mas no dia em que tenta ver seu rosto com o uso de uma lâmpada, pois é sempre durante a noite que Amor

ou Cupido a visita, perde-o para sempre.

Esta lenda ilustra perfeitamente a verdadeira natureza e o funcionamento da intuição que, ao contrário das idéias preconcebidas, não é um dom que permita prever o futuro, mas sim uma faculdade inata, mais ou menos desenvolvida ou desperta, dependendo dos indivíduos, que favorece uma contemplação imediata do que acontece ou deve acontecer. No entanto, uma visão deste tipo, instantânea, forte, evidente, espontânea, verdadeira, jamais é permanente, mas sim que se desvanece. Algo assim como se quiséssemos reter a imagem de um filme: guarda-

Da mesma forma como Psique perdeu para sempre o objeto de seu amor quando quis vê-lo, se tentamos reter nossas intuições, estas desaparecem.

mos a imagem mas já não estamos mais olhando o filme.

Mas parece que foi nos séculos XVIII e XIX que o sentido profundo do termo "intuição" sofreu uma transformação ou, mais exatamente, uma alteração ou uma deformação. Naquele período assimilou-se ao pressentimento, mas antes dele se tratava simples e puramente de um fenômeno natural, espontâneo, produzido pela alma humana, através da qual acreditamos estar unidos a outras almas, em uma espécie de memória coletiva onde o passado, o presente e o futuro se confundem e formam um todo indivisível e coerente. Esta memória coletiva, na qual nos inspiramos todos inconscientemente, é reconhecível pela linguagem dos símbolos, comum a todos os povos da Terra e a todas as mulheres e homens que sonham. No plano físico, seu equivalente é a memória genética. O que significa que ao ser a intuição um fenômeno produzido pela

alma, imersa dentro da memória individual, ela mesma unida ao oceano da memória coletiva, é, em realidade, um efeito da memória. Como tal, está portanto principalmente relacionada ao passado, a memória coletiva que contém tudo que já vimos, aprendemos, compreendemos e vivemos desde que o mundo é mundo, onde somos o que somos, desde os tempos imemoriais, ao menos se nos si-





tuamos no plano da memória consciente.

Dito de outra forma, um ser intuitivo, no sentido autêntico do termo, possui uma memória comparável a uma espécie de espelho, como no mito de Psique, que lhe envia permanentemente uma imagem de si mesma de grande riqueza e beleza. Em princípio, enquanto não o deformemos com nossos desejos e nossa visão interpretativa, o mundo é belo, tão belo como nós, pois foi criado à imagem nossa. A intuição não é outra coisa senão uma reminiscência, a ascensão no campo de nossa consciência de um fato, de uma coisa que já sabemos, que soubemos desde sempre e que nos volta no momento oportuno.

O QUE É A PREMONIÇÃO?

Quanto à premonição, está totalmente orientada para o futuro, a previsão e a antecipação. Por exemplo, a julgar por seu sentido etimológico, entra em analogia com os verbos «pressagiar» e «prever», «advertir» e «exortar», mas principalmente com «prevenir», que tanto pode ser compreendido no sentido da advertência como da prevenção. Por isso, um sonho premonitório é um sonho que previne, que nos adverte com antecipação de algo que nos diz respeito direta ou indiretamente.

Da mesma forma que a intuição, o sonho também é uma função da alma. No entanto, no impensável caos da memória individual e coletiva, temos que separar o grão da palha, pois senão estaríamos nos debatendo constantemente entre sentimentos, impressões e visões contraditórias que nos fariam perder a razão.

Por isso que quem possui o dom da premonição — isto é, quem trabalha esta faculdade inata e sem dúvida alguma inerente à alma humana, latente em cada um de nós —, saberá, por instinto ou por lógica, explorar este fenômeno da memória que é a intuição, para advertir-se de um fato importante, que ainda não foi produzido, porém



O Cupido de Psique pode ser considerado uma representação da intuição, que devemos deixar livre sem tentar controlá-la, para que o fenômeno da premonição possa se manifestar.

que certamente se produzirá, pois tudo nos leva até ele. Quando o fenômeno da premonição se manifesta, podemos considerar que um fato ou acontecimento já está presente, em germe, tanto na memória individual quanto na coletiva.

O sujeito que tem a premonição do mesmo recebe a mensagem ou a advertência para que possa atuar ou adotar certo comportamento a título preventivo.

A premonição é então uma espécie de instrumentalização da intuição ou, se se prefere, o ser explora o fenômeno da intuição que não pode e não deve controlar jamais, se não quiser correr o risco de ter uma visão deformada do mundo, de perder todo amor e toda motivação, tal como nos conta o mito de Psique, para prevenir-se a si mesmo do que deve forçosamente saber ou

conhecer. Se o que acontece com o ser é que ele se transforma em dono da intuição, então confunde angústia com premonição. Em tal caso, efetivamente, trata-se de seus desejos, ambições, medos e esperanças, os quais ditam seus pensamentos mais íntimos e mais recônditos, não da intuição, que já perdeu.

Por outro lado, quem deseja manifestar livremente os efeitos de sua memória, como suas intuições, atada ao passado, busca os meios para explorar todas as riquezas que contém para advertir-se de acontecimentos ou da evolução natural das coisas da vida. Então tem uma consciência do futuro e de seu futuro em particular. Por isso, está em condições de viver melhor seu presente, onde passado e futuro se encontram, se misturam em uma espécie de alquimia espiritual e o informam.



Visões e aparições

Todos nós nos encontramos sujeitos a visões e aparições. São fenômenos naturais? Estamos dispostos a acreditar nelas?

Uma análise atenta dos fenômenos chamados sobrenaturais, objeto dos seres que tiveram visões e aparições, nos permite constatar que, quase sempre, não nos encontramos diante de indivíduos de caráter sonhador ou etéreo, totalmente distantes da realidade do mundo, mas muito pelo contrário, trata-se de personalidades que possuem uma grande lucidez, realistas, bem ancorados na vida material. Também com frequência, este tipo de fenômeno manifesta-se normalmente de repente e sem nenhum sinal de aviso em indivíduos fundamentalmente cépticos ou incrédulos.

OS FENÔMENOS NATURAIS

Ao longo dos séculos, em todos os lugares e em todas as civilizações, homens e mulheres de todos os tempos tiveram visões e aparições. Abundam os testemunhos a esse respeito. No entanto, a maior parte das vezes não o revelam por medo de que seus interlocutores, mesmo seus mais íntimos, não os levem a sério.

Quase sempre, por serem os únicos que sabem o que viram, julgam ter sido vítimas de uma ou várias alucinações. E, no entanto, quanto a nós, estamos convencidos de que as visões e as aparições são fenômenos correntes. Poderíamos até mesmo nos atrever a dizer que são absolutamente naturais, inerentes à

natureza humana que possui, sem dúvida alguma, a faculdade de ver para além do que a acuidade visual permite. É evidente que aqui estamos ultrapassando o campo do que definimos como os limites do mundo visível e real.

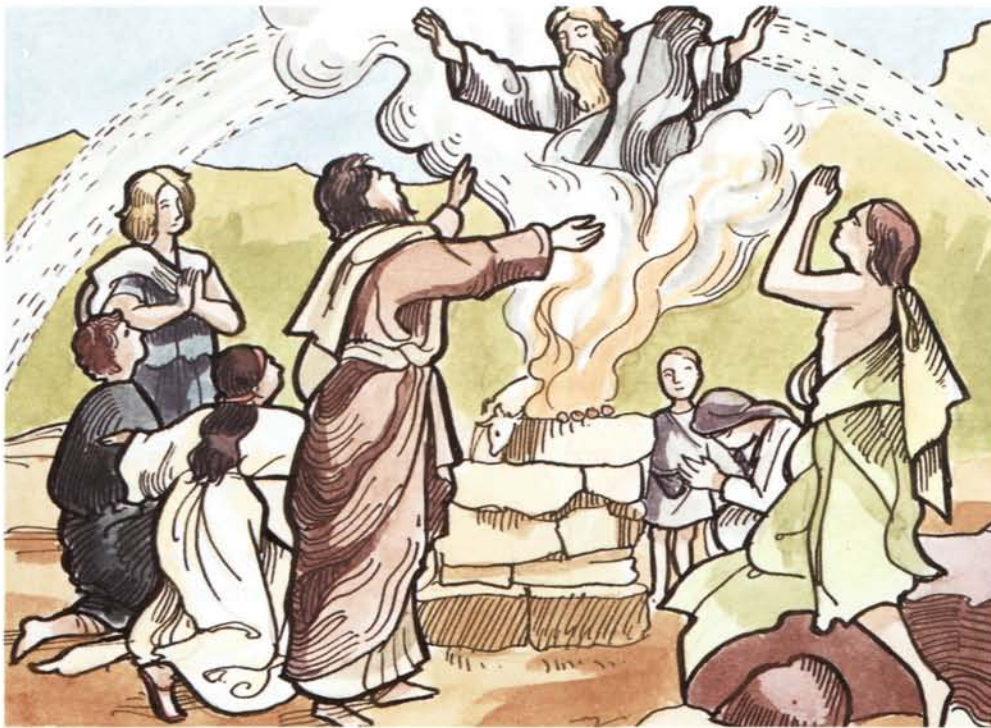
Porém, o fato de não ver, já nem dizemos a eletricidade ou os campos magnéticos a olho nu, mas unicamente os efeitos físicos que se produzem na realidade material, significa por acaso que não existem? Na verdade, tudo faz pensar que os homens temos

medo de ver espontaneamente o que pressentimos ou experimentamos intuitivamente.

A história da humanidade, desde o princípio dos tempos, nas primeiras culturas, pelo menos por aquilo que sabemos hoje em dia, demonstra que o homem sempre tentou ter segurança e autoconfiança, impor limites para conjurar uma espécie de angústia ou aflição indizível que provoca nele a perspectiva incompreensível e comum a todos, que é a morte, ou seja, o fato de desaparecer, de cair no esquecimento, de já não ser nada do que somos quando estamos vivos, não ser nada de nada. Quer queiramos quer não, todos estamos apegados à vida, a nós mesmos, a nosso corpo claro, mas, principalmente, a nossas idéias, a nossos costumes, a tudo que faz com que sejamos o que somos: um indivíduo único, original e diferente dos nossos semelhantes.



Joana d'Arc, chamada a "Donzela de Orleans", não viu, mas ouviu vozes, que lhe deram a ordem de libertar a França da invasão inglesa.



Deus apareceu a Abraão para lhe ordenar que sacrificasse seu filho Isaac. No momento em que ia fazer, Deus surgiu novamente para lhe pedir que substituísse seu filho por um animal.

Por este motivo, algo nos impede de ver para além do nosso campo visual; algo que nos faz temer nos afogar, nos perder em uma espécie de caos original, a que todas as antigas cosmogonias fazem alusão.

É por este motivo também que as visões e as aparições não se controlam, sendo impostas a nós contra nossa vontade. É também esta a razão pela qual atribuímos a esses fenômenos um caráter sobrenatural.

No entanto, consideramos que não existe nada mais natural do que ver o que, normalmente, não é feito para ser distinguido pela visão. Não vemos todos os dias imagens, fotografias em que foram fixados acontecimentos, cenas, às vezes mesmo seres que conhecemos e que já não existem? O mundo em que vivemos e evoluímos todos os dias, não está também cheio de objetos, instrumentos, estruturas, formas que, a princípio, não existiam e que, por conseguinte, não são reais mas sim o resultado de visões e da imaginação dos homens, e que tornamos realidade?

Tomemos o simples exemplo da linha reta: é uma pura ilusão, visto que na natureza e no universo a única linha que existe é a curva. E, no entanto, a linha reta está onipresente em nosso universo cotidiano.

COMO DISTINGUIR ESTES FENÔMENOS?

Podemos ou devemos acreditar no que vemos? Só aquele que tem fé em si mesmo não o questiona nem duvida. Porém, quase sempre, tal como a vida é atualmente, a dúvida nos invade. Ora, há uma constante que se revela em todos os visionários: para ver, é preciso acreditar.

É preciso encontrar a fé em si mesmo e a fé na vida, sem as quais esta última não vale a pena ser vivida. Mas, na realidade, nenhuma doutrina, hoje em dia, ensina os indivíduos a procurar, a descobrir e a cultivar. Para ajudá-lo a distinguir a natureza dos fenômenos próprios das visões e das aparições, oferecemos-lhe uma lista deles bastante exaustiva e detalhada.

Aparição: *apparitio* era empregado em latim para traduzir a palavra grega *epiphaneia*, "epifania", que significa "que aparece", a qual vem de *phanein*, "fazer brilhar". A epifania é a manifestação do que está oculto, do que, normalmente, não se vê a olho nu.

Clarividência: do latim *calare*, "chamar", *clamare*, "clamar", e *veant*, "vista", significa "que tem a vista apurada, perspicaz, que vê e anuncia (no presente instante) o que vê".

Extralúcido: é um sinônimo de "vidente" e significa "brilhante, luminoso", pois vem do latim *lux*, "luz". Uma pessoa extralúcida ou vidente é suscetível de possuir um dom de dupla visão brilhante e luminosa.

Intuição: do latim *intuitio*, "imagem refletida em um espelho", deriva de *intueri*, que significa "olhar atentamente, representar-se através do pensamento".

Predição: do latim *prae*, "de antemão", e *dicere*, "dizer", significa "dizer ou anunciar de antemão".

Premonição: do latim *prae*, "de antemão", e *monitio*, "advertência, conselho", significa "dar conselho ou fazer uma advertência de antemão".

Presságio: do latim *prae*, "de antemão", e *sagire*, "ter olfato, sentir com agudeza", que também deu "sagaz", é uma predição realizada através dos sinais que permitem prever o futuro.

Presentimento: do latim *prae*, "de antemão", e *sentire*, "sentir", trata-se de um sentimento irracional que faz prever um acontecimento futuro.

Profecia: do latim *propheta*, "adivinho que prediz o futuro", vem de *prophanai*, que significa "anuncia de antemão", isto é, *prae*, "de antemão", e *phanai*, "tornar visível através da palavra", que encontramos em "fonema" e "fonética". Todas estas palavras vêm do grego *prophetes*, "profeta ou intérprete de Deus".

Visão: trata-se de algo que normalmente não se vê a olho nu e que se impõe ao espírito ou à vista. Distinguimos então, entre a visão intuitiva (veja *Intuição*) que se impõe ao espírito, e a visão premonitória (veja *Premonição*), que se impõe à vista.



O Além

*Como compreendemos atualmente o Além? Ainda acreditamos nele?
Em caso afirmativo, sob que forma e por quê?*

Após fazer alusão às visões, crenças e interpretações do Além dos antigos, vamos nos concentrar em suas representações no mundo moderno.

TESTEMUNHOS DO ALÉM

Para quem acredita no Além, não há nenhuma dúvida de que existe, embora não tenhamos provas tangíveis ou científicas neste campo de investigação. Em contrapartida, há uma grande quantidade de testemunhos sobre o assunto. Referimo-nos, por exemplo, a pessoas que estiveram em coma profunda e avançada, devido a uma doença ou a um acidente, ou a outras que foram consideradas mortas mas que, graças ao progresso da ciência médica ou milagrosamente, voltaram à vida. Falamos de milagre porque é cientificamente

inexplicável que estas pessoas tenham sobrevivido. Em todos os casos, as pessoas que saíram desta experiência dolorosa, que a sofreram sem terem conhecimento de experiências semelhantes vividas anteriormente por outras pessoas, fazem um relato relativamente semelhante.

A médica e psiquiatra norte-americana Elisabeth Kubler-Ross — cujos estudos sobre a morte e os moribundos, iniciados nos anos setenta e ainda em evolução, são desde então muito célebres — reuniu numerosos testemunhos provenientes do mundo inteiro, dados por pessoas que foram capazes de descrever com bastante detalhe tudo que acontecia à sua volta enquanto estavam imersas em uma coma profunda ou até, algumas vezes, dadas como

mortas. E todas elas vivendo ao mesmo tempo uma experiência individual gratificante, durante a qual, segundo suas próprias palavras, se sentiam frequentemente confusas, inquietas ou surpresas, mas nunca aterrorizadas.

A partir destes testemunhos, resultado do que chamam nos Estados Unidos NDE (*near death experiences, experiências próximas da morte*), fica demonstrado que o que conhecemos como corpo astral, etéreo ou fluido, existe... e que parece o veículo do ser, cuja alma achamos que abandonou. No entanto, ainda que se duvide cada vez menos da fiabilidade destes testemunhos; e que haja muitas coincidências entre os testemunhos de indivíduos que nunca se conheceram; e, embora tudo deixe entrever que, depois da morte chamada

“Comecei a ir à deriva, sentia-me tão rapidamente no meu corpo como fora dele e ouvia uma música lindíssima. Flutuava ao longo de um corredor. Aí, foi como se uma luz me envolvesse. Eu continuava a flutuar em direção a essa luz de cristal puro, uma luz branca que brilhava; uma luz muito bonita, muito brilhante, radiosa.”

(Testemunho de Raymond Moody, que experimentou uma NDE, recolhido em 1977.)



hoje em dia clínica, parecem ocorrer outros fenômenos menos parecidos aos da vida — confirmando assim o que acreditavam e explicavam os egípcios da Antigüidade e, mais recentemente, os lamas tibetanos —, apesar de tudo isso, nada nos demonstra, a partir das citadas experiências, que o Além existe.

Com efeito, que uma pessoa considerada clinicamente morta volte à vida, por excepcional que nos pareça, entra no campo do possível. Atualmente, não temos nenhum testemunho de uma pessoa morta há mil anos, um século ou, para sermos mais credíveis, há apenas um mês, que tenha voltado para nos falar de sua própria experiência e de tudo que nos espera. “Que estranho, na verdade, que entre uma quantidade tão grande de homens que antes de nós passaram pela porta das Trevas, nem um só voltou para nos descrever o caminho que descobriremos unicamente no final de nossa viagem”, interrogava-se o poeta, astrólogo, filósofo e matemático persa Omar Khayyâm, no início do século XII. Evidentemente, isto nunca aconteceu. E quando nas lendas relativas a certos mitos acontece que deuses ou imortais voltem dos mortos, nunca é para testemunhar sua experiência no reino das sombras, mas para prosseguir seu destino mítico no reino dos vivos.

A TRANSCOMUNICAÇÃO

Não obstante, quem crê no Além oferece outros testemunhos, tão numerosos quanto os anteriores, inclusive há mais atualmente, que provêm desta vez de pessoas que perderam um ou vários entes queridos de forma prematura e/ou em circunstâncias dramáticas, e que afirmam que continuam em comunicação com eles.

Entramos aqui no domínio do que se chamou espiritismo ou dos médiuns, sobretudo no século XIX e durante a primeira metade do século XX, e que hoje em dia conhecemos pelo nome de “fenômeno de transcomunicação”, cujos princípios e regras estão parcial-



O Estige, rio dos infernos, vigiado por Cérbero, o cão de três cabeças.

mente estabelecidos. Segundo estes, à margem da idéia ancestral do Além como reino dos mortos, das almas, da outra vida, do Paraíso e do Inferno, seria possível entrar em contato com qualquer forma de espírito, seja deste mundo ou de outro.

Esta idéia parte do postulado segundo o qual, no universo e no absoluto, o espírito é superior à matéria e assim, de uma certa forma, imortal. Quando dizemos “seria possível”, referimo-nos às palavras dos adeptos da transcomunicação instrumental, que acham que cada um de nós pode facilmente pôr-se em condições de entrar em comunicação com os “espíritos”.

E SE O ALÉM FOSSE SIMPLEMENTE A OUTRA VERTENTE DA VIDA?

Sejam quais forem as pesquisas, estudos e trabalhos relacionados com o Além, não podemos admitir com toda a certeza que este existe. De certa forma, não podemos deixar de afirmar que, ao viver em um mundo cada vez mais materialista, pouco a pouco privamo-nos de uma estreita relação com

as forças da natureza e da vida na Terra.

Em contrapartida, nossos antepassados, que viviam muito mais perto daquelas, tinham uma visão do Além sem dúvida bastante fantasmagórica, mas paradoxalmente mais pura, mais simples, mais natural e mais realista.

Para eles, era normal, por exemplo, que os mortos se manifestassem, aqui e ali, visto que existiam portas, passagens, entre o mundo dos vivos e o dos mortos, entre o visível e o invisível, e que os vivos e os mortos poderiam passá-las a qualquer momento, às vezes até sem estarem conscientes disso. Pelas mesmas razões, valia mais honrar os mortos para que vivessem em paz, por assim dizer, e pudessem eventualmente interceder a nosso favor.

Tratar bem os mortos significava tratar-se bem a si mesmo. E viver bem era assegurar uma vida tranqüila no Além. Do mesmo modo que uma montanha tem uma vertente iluminada e outra imersa na escuridão, não será o Além, afinal de contas, a outra vertente da vida?



A vida depois da morte

O pós-vida

*Temos uma ou várias vidas? Estamos destinados a nascer, morrer e renascer?
De onde provêm as crenças em vidas anteriores?*

Quanto mais envelheço, mais acredito na imortalidade, porque quanto mais velho sou, mais preparado estou para viver”, dizia o filósofo norte-americano William James (1842-1910) no final de sua existência. As crenças na imortalidade da alma, em possíveis vidas anteriores e eventuais reencarnações, sustentam a existência de um além e uma vida diferente, em outro plano, depois de uma pessoa ter dado o último suspiro. Esta hipótese de uma vida depois da morte — que os especialistas chamam hoje “pós-vida” — aponta para algumas questões prévias, às quais todos deveríamos estar em condições de responder, sobre a alma e a consciência, se possível abstraindo-nos das crenças e idéias relacionadas com este tema. Com efeito, acontece muito frequentemente que os adeptos e defensores incondicionais da alma, de sua libertação e passagem garantida para o pós-vida, fascinados ou cegos pela perspectiva de não morrerem, se esquecem de se interrogar sobre sua própria atitude face à morte.

Detalhe do Livro dos Mortos procedente do Egito ptolemaico.



A ressurreição dos mortos no cristianismo.

O QUE É A MORTE?

Se não uma fatalidade, é pelo menos a fase última que nos espera a todos e da qual ninguém escapa.

“Entramos, gritamos: é a vida. Gritamos, saímos: é a morte”, diz um ditado popular da Idade Média. Quer queiramos quer não, a morte faz parte da vida. Os sonhos de imortalidade estiveram sempre muito presentes no homem; por essa razão, sempre considerou ou viu seus deuses como imortais. No entanto, ele nunca formou uma imagem dela muito gratificante ou idílica, como se não tivesse sido humanamente acessível e factível. Rapidamente teve o pressenti-

mento de que não podia pensar na imortalidade sem a alteração nem a transformação do invólucro carnal, do aspecto terrestre. A perspectiva desta metamorfose que poderia implicar em uma perda de nossas faculdades, de nossa consciência, do nosso eu, de tudo aquilo que somos, produzia, evidentemente, certa angústia. Tinha de encontrar justificações e razões para tudo isso.

A MANEIRA DE VER A MORTE SEGUNDO AS CIVILIZAÇÕES

Para os Sumérios, o morto entrava no Kur, o “Grande Abaixo”. Ali, apresentava oferendas aos deuses com os quais queria se conciliar. Em seguida, era acolhido por outros mortos, com quem viveria no “País sem regresso”.

Para os egípcios, a alma do morto acedia ao reino do *Am-Duat*, onde se beneficiava dos favores de Osíris, deus da imortalidade. Mas antes de viver em paz toda a eternidade, a alma tinha de passar por uma segunda morte e uma ressurreição. Para isso, a alma sofria várias provas, reveladas no *Livro dos Mortos*, assim chamado pelos arqueólogos que





encontraram o manuscrito, mas que seria mais correto traduzir como *Livro da Saída para a Luz do Dia*.

No antigo Egito, a morte não era considerada um final em si, mas sim um nascimento. Na Índia, as crenças na reencarnação baseiam-se em um complexo sistema que permite saber se a alma do morto voltará ou não à terra. Segundo o hinduísmo, existem dezesseis portas divididas em três grupos pelas quais a alma pode sair. Dependendo do grupo de portas pelas quais escapa, o morto poderá aceder a um reino superior, ou talvez renascer, ou então, finalmente, se transfigurará e entrará definitivamente em um ciclo de renascimentos. Como vemos, na Índia a sobrevivência da alma é antes considerada uma nova prova, enquanto sua transfiguração se vê como uma libertação.

O que é certo é que a reencarnação, contrariamente à morte, não é uma fatalidade, mas sim uma oportunidade de redimir nossas falhas renascendo na Terra. Devemos sublinhar bem estes matices, já que no Ocidente é freqüente interpretar-se erroneamente esta doutrina, julgando que, depois da morte outra vida na Terra nos está prometida. Sejam quais forem os ritos, os mitos, as crenças dos povos da Antigüidade relacionados com a sobrevivência da alma depois da morte (alguns ainda existentes até hoje) não explica a necessidade e a fatalidade da morte. Assim, a explicação científica moderna da degeneração das células devido ao envelhecimento não é su-

ficiente como resposta à pergunta de por que morremos. Entretanto, devemos sublinhar também que enquanto nossa tendência hoje é opor a morte



A mulher Prenhe e a Parteira, de Rosegarten, gravura em madeira, 1513.

à vida, antigamente as pessoas enfrentavam mais facilmente a morte como um renascimento em uma vida verdadeiramente diferente.

TESTEMUNHOS DO PÓS-VIDA

As dificuldades da vida, o medo de viver, os sofrimentos e dramas humanos, tudo acentua a angústia de morrer. Em consequência disto, nossos contemporâneos procuram razões para acreditar em uma eventual sobrevivência da alma depois da morte. Atualmente, pelo fato de termos perdido os pontos de referência que eram os deuses,

os mitos e os símbolos aos quais se referiam nossos antepassados, avançamos na névoa com passos titubeantes durante sua procura.

Desde há alguns anos, por todas as partes surgem numerosos testemunhos de pessoas que experimentaram o fenômeno da sobrevivência da alma, da morte vista como uma passagem ou um nascimento do qual podemos aprender a seguinte lição: a morte, segundo os que a experimentaram, não é dolorosa.

Tem muitas semelhanças com o nascimento de uma criança durante o parto (visão de um longo túnel pelo qual avançamos e no final do qual aparece a luz resplandecente, ofuscante, que nos atrai, benfazeja). Durante esta passagem, estamos perfeitamente

conscientes de nossos atos bons e maus que parecem fazer parte integrante de nós mesmos. Somos, portanto, nosso próprio juiz, o que confirmaria os princípios enunciados pelo karma hindu. Também nesta passagem descobrimos em nós mesmos faculdades que nos eram desconhecidas, como a capacidade de voar como um pássaro, por exemplo.

Finalmente, é o espírito, a luz e a vida que dominam. Toda pessoa que tenha vivido esta experiência última e tenha regressado está na vida.

A morte, depois de se juntar à barca do Sol, parte para o mundo subterrâneo, o reino de Osíris, deus dos mortos.





O espiritismo

O espiritismo é uma disciplina e uma doutrina baseada no princípio da arte dos médiuns, elaborada por Léon Denizard Rivail, verdadeiro nome de Allan Kardec, que, por sua vez se baseia em dois postulados: a imortalidade da alma e a comunicação entre os mortos e os vivos.

Em 1857, Allan Kardec publicava *O livro dos espíritos*, que teve uma grande e profunda repercussão. Esta obra contou com partidários incondicionais, como Charles Baudelaire e Camille Flammarion — assim como Napoleão III, que recebeu o autor várias vezes no palácio imperial —, e opositores encarniçados, como o erudito Pierre Larousse e o cardeal-bispo da cidade de Barcelona (Espanha), que, em 1864, solicitou que a Sagrada Congregação do Índice de livros proibidos pelo Vaticano condenasse todas as obras publicadas pelo fundador da doutrina espiritista. Como vemos, no século XIX, abordar o tema da sobrevivência da alma e da comunicação com os espíritos implicava a provocação e o tabu e desencadeava paixões. No entanto, a hostilidade dos racionalistas e dos católicos não pôde deter o sucesso popular, que estava em ascensão, da obra de Allan Kardec, o qual não era por acaso um pedagogo e que, por outro lado, escreveu obras práticas dedicadas ao ensino da aritmética e da gramática, pondo-as ao alcance de todos. Kardec foi autor de duas obras completas e detalhadas, um verdadeiro método para o uso de quem acreditasse na imortalidade da alma e desejasse entrar em contato com os espíritos.

O ESPIRITISMO, UMA FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

As duas obras de Allan Kardec, *O Livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*, escritos em forma de pergunta-resposta, não fazem referência a nenhuma doutrina religiosa concreta. No entanto, estas obras estão impregnadas de uma crença inquebrantável no além e na re-



Acima, partidários de Allan Kardec: Charles Baudelaire, Camille Flammarion e Napoleão III.

Ao lado, um de seus opositores, Pierre Larousse.

encarnação, assim como na existência de uma força divina superior e uma vontade intrínseca — e, poderíamos dizer, instintiva — da alma de elevar-se até ela.

Por isso, Allan Kardec sublinha uma evolução constante da alma durante sucessivas reencarnações e, também, a existência de uma segura solidariedade entre as almas encarnadas e desencarnadas.

Assim, segundo ele, devemos treinar para que os espíritos dos mortos e dos vivos na Terra se comuniquem de vez em quando entre eles.

No entanto, suas obras estão cheias de alertas. Sempre segundo ele, tanto se estiverem neste mundo como em outro, as simpatias e antipatias entre elas

subsistem. Da mesma forma, os espíritos não são especialmente bons por natureza.

Alguns deles podem revelar-se, se não desprezíveis, pelo menos maléficos, maquiavélicos ou doentes.

Allan Kardec dá conselhos práticos para entrar em comunicação com os espíritos, mas insiste nas precauções que é preciso tomar para não se deixar enganar, desorientar, manipular, iludir por espíritos traidores ou pelas visitas do próprio espírito. Ao fazê-lo, denunciava a todos os curandeiros e ilusionistas que acampavam nesse terreno na época e, evidentemente, seguiram acampando depois dele. Lendo estes dois livros, tem-se a impressão de que a comunicação entre os espíritos não pode ser



estabelecida sem um preparo psicológico e moral que parece pertencer ao âmbito da iniciação espiritual.

Allan Kardec definia espiritismo como uma filosofia espiritualista.

Precisemos que sua obra e sua ação, enquanto ele viveu, nunca adquiriram um caráter sectário.

Não tinha como objetivo reunir homens e mulheres totalmente convencidos, os quais, em sua vida social, não encontravam as referências, os apoios e os esclarecimentos necessários para viver e evoluir, para formar um grupo, um clã ou seita como acontece hoje em dia.

Ao contrário: segundo Allan Kardec, de sua filosofia espiritista se pode depreender uma abertura de espírito, uma tolerância, uma benevolência que anula todas as barreiras mentais ou ideológicas que, quase sempre, além de fazê-los egoístas, dirigem os homens uns contra os outros.

RESUMO DOS PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA ESPIRITISTA DE ALLAN KARDEC

A alma existe. Inclusive, pré-existe. É o princípio primordial, origem da vida.

Sem ela, portanto, a vida não existiria. O corpo é apenas o envoltório que toma emprestado para manifestar-se. Enquanto que a vida corporal ou carnal muda com a idade e morre, a alma nunca morre. A alma subsiste. Retoma sua forma original. Mas conserva os frutos das experiências vividas durante sua encarnação através do pensamento e se transforma.

Para Kardec, o destino da alma é transformar-se em espírito puro. Antes de



Manchas produzidas ao acaso por um contemporâneo de Allan Kardec, Justinus Kerner, em comunicação com os espíritos.

alcançar este grau de evolução, à medida em que suas encarnações terrestres vão tendo lugar, adquire, evidentemente, atitudes, conhecimentos e experiências. A alma pode, então, ser comparada com a casca de uma árvore ou com a capa terrestre, que se constituem de diferentes capas, cada uma

delas correspondente a um período da vida da árvore ou da Terra. Por isso, já não se trata de uma alma, mas sim de várias almas. Juntas constituem um espírito. Os sofrimentos e as adversidades do espírito, assim como suas alegrias e sua felicidade, são gerados exclusivamente por ele. Ele é seu próprio juiz. Nenhum espírito pode julgar ou condenar outro. Nem sequer passa por sua cabeça. Por isso, os espíritos possuem todos os remédios para seus males.

Segundo ele, o mundo dos espíritos procedentes das almas desencarnadas ou desincorporadas se confunde com o nosso. Forma parte do nosso mundo assim como o nosso forma parte do mundo deles. No entanto, como os espíritos são produto das almas dos homens, são apenas o que nós somos. Experimentam as mesmas alegrias e sofrem as mesmas penas. Vivem o que nós vivemos. Inclusive têm as mesmas aspirações que nós, são felizes ou infelizes como nós.

E, da mesma forma que nós, podem ser solidários ou indiferentes. Segundo Allan Kardec, existem vários graus ou níveis de evolução no mundo dos espíritos da

mesma forma que na vida humana. Por último, para se compreender os fenômenos e os princípios que regem o mundo dos espíritos, basta, segundo ele, saber que procedem dos que governam os ciclos e as leis da natureza sobre a Terra.

Se estiver interessado em conhecer mais detalhes ou aprofundar a obra de Allan Kardec, leia o *Livro dos espíritos* e o *Livro dos médiuns*, em qualquer de suas várias edições.



A reencarnação

História e postulados

Nascer ou renascer? Eis a questão, poderíamos dizer.

Procurando compreender de onde vem a alma, saberemos talvez se esta regressa e para onde vai...

Principalmente na Índia, a crença na transmigração das almas está muito difundida, a ponto de se ter transformado em uma verdadeira doutrina. Muitas culturas, entre as quais se encontram as dos antigos Gregos, dos primeiros cristãos e dos gnósticos, foram sensíveis a esse assunto. A este respeito existem alusões nas obras de Pitágoras, Platão, e Plotino. No entanto, os povos da Mesopotâmia — Sumérios, Acádios, Caldeus, Hebreus, etc. — eram demasiado pragmáticos e realistas, e com uma interpretação da existência humana muito fatalista para acreditarem em uma sobrevivência da alma e em um possível reaparecimento sob um novo invólucro carnal. Se bem que os Egípcios acreditassem com certeza em outra vida depois da morte — *O Livro dos Mortos*, os túmulos dos faraós e os ritos realizados no Egito são provas tangíveis disso —, em suas crenças nunca



se referiam a uma nova manifestação da alma em outro corpo. Portanto, fora dos sistemas elaborados pelo hinduísmo, por um lado, e pelo budismo, por outro, não existe nenhuma reflexão séria e profunda que se baseie no princípio da reencarnação.

A verdade é que, seja onde for, existem testemunhos, relatos ou episódios mais ou menos sérios a partir dos quais se poderiam elaborar hipóteses relativas a tal princípio. Porém, em parte alguma se encontra, como na Índia e no Tibete, uma convicção profunda e serena referente a aparições na Terra da mesma alma ao longo dos séculos e dos milênios.

OS POSTULADOS DA REENCARNAÇÃO

A crença na reencarnação implica a aceitação de certos postulados. Em primeiro lugar, é necessário acreditar na realidade da alma, considerá-la como uma entidade mais ou menos autô-

noma, que poderia existir sem o corpo ou fora dele. Portanto, trata-se de acreditar em sua sobrevivência depois da vida sobre a Terra e após a existência corporal. Trata-se tam-

bém de acreditar em um lugar onde a alma continue sua evolução, onde se encontra à espera de um invólucro carnal. Em seguida, torna-se necessária a crença em um princípio, segundo o qual, na vida intra-uterina ou no próprio momento do nascimento, é produzido um fenômeno que favorece a impregnação de uma alma (anima) no corpo para lhe dar vida, ou seja, para animá-lo. Deste modo, já que tudo isto tem que ter um sentido, uma justificação, uma razão de ser, é preciso acreditar no destino da alma e, portanto, postular que nada se perde nem nada se esquece totalmente e que, deste modo, a alma reencarnada tem a missão de realizar uma tarefa determinada e tem de se submeter a pro-



Este monge budista tailandês, morto e colocado em posição de meditação, não foi sujeito a nenhuma operação de conservação.



vas que lhe permitam aceder a um nível de evolução ou de consciência superior. Resta ainda um último postulado: a transcendência do ser cuja alma é potencialmente capaz. Resumamos estes seis postulados, que temos que levar em consideração se quisermos entender os critérios desta crença:

1 A alma existe.

2 A alma sobrevive depois da morte do corpo físico e fora dele.

3 Existe uma espécie de purgatório, de lugar para onde vão as almas que deixaram o corpo físico e onde se preparam para uma nova reencarnação.

Uma breve história da alma

A crença na existência da alma é sem dúvida muito antiga. Coincide com a crença em um além, que subentende a idéia da sobrevivência da alma depois da morte do corpo, ou seja, de uma parte que não morre de todo. Nossos antepassados do Neandertal, há aproximadamente 80 mil anos, tinham o costume de se entregarem a ritos funerários mais ou menos elaborados, pelo que se pode dizer que "acreditavam em qualquer coisa, em qualquer outro lado...". Mais perto de nós, podemos ler no antigo catecismo da doutrina cristã esta definição, que poderíamos considerar moderna, da existência da alma: "O homem é um animal racional constituído por uma alma e um corpo".

Podemos conhecer as nossas vidas anteriores?

A crença de que a alma reencarna implica, evidentemente, que antes tenha estado encarnada.

Podemos ou devemos descobrir e conhecer nossas vidas anteriores? É possível? Sim, afirmam alguns médiuns, que dizem possuir o poder ou o dom de ler no grande livro das almas, de ver, de revelar, normalmente sob hipnose, as sucessivas manifestações desta ou daquela alma. Um método astrológico permite também, com a ajuda de um mapa astral, examinar de onde vem a alma da pessoa interessada, para onde vai e qual é sua missão. Trata-se da astrologia kármica,

que ultimamente está atravessando um grande sucesso e cujo princípio se baseia na teoria dos nós lunares e dos planetas retrógrados.

Devemos aprofundar este método? Esta pergunta deve ser respondida pela consciência individual e a escolha pessoal de cada um. Porém, devemos sublinhar que uma interpretação da vida na Terra pode conduzir certas pessoas, psicologicamente menos firmes que outras, a um fatalismo, a um abandono, a um deixar-se levar, que se opõe às verdadeiras crenças na reencarnação e às lições de vida que os verdadeiros crentes obtêm delas.

4 Uma mesma alma reaparece em um novo corpo. Este fenômeno pode até ser produzido inúmeras vezes, ao longo dos séculos e dos milênios.

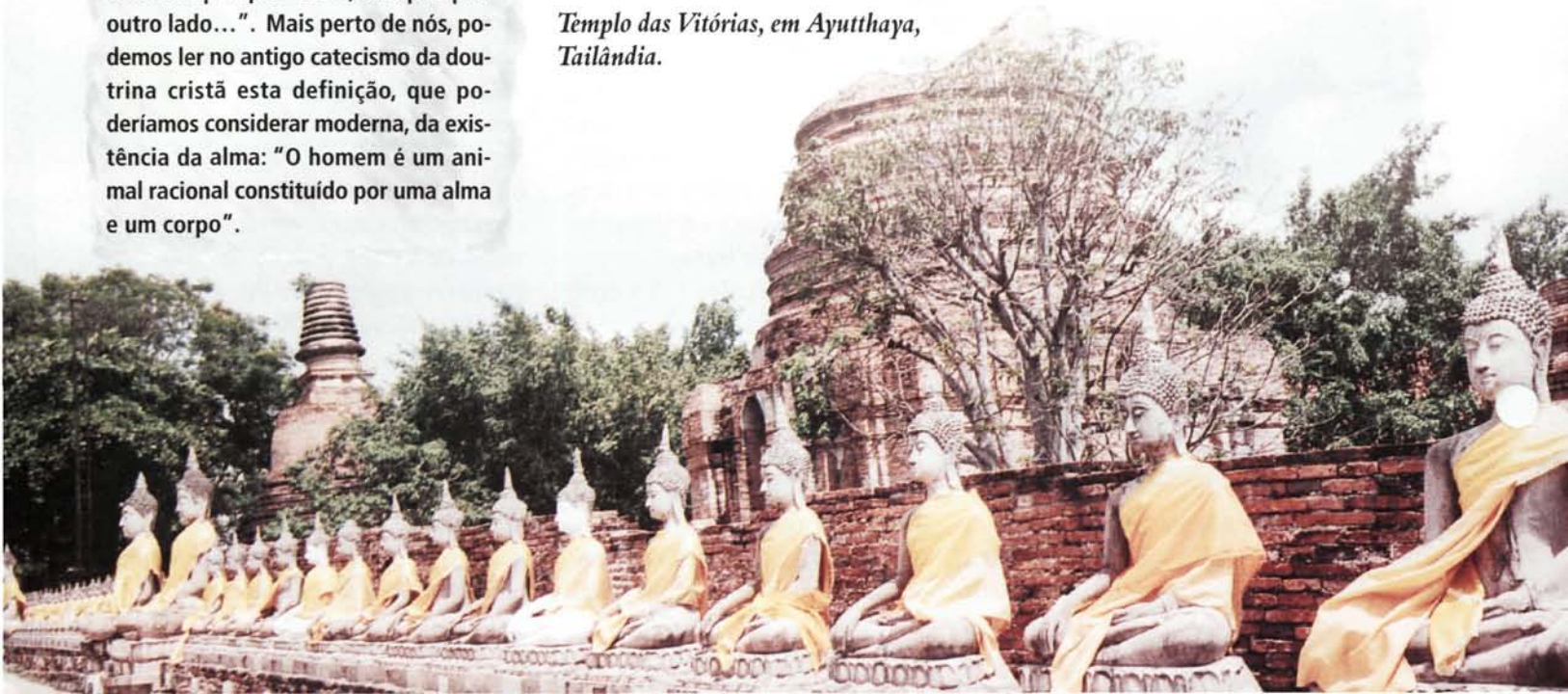
5 A alma memoriza as experiências que viveu durante suas diversas reencarnações. Portanto, existe uma tarefa, uma missão, um destino para cada alma.

6 As sucessivas reencarnações de uma mesma alma em diferentes corpos têm um fim, pois elas são apenas pretextos para elevar a alma a um nível de consciência superior.

No entanto, tudo isto não responde a outras perguntas essenciais que nascem evidentemente de tais princípios. Questões como: de onde vem a alma? A alma é eterna? E, em caso afirmativo, por que e como é eterna? Segundo que critérios deixa de reencarnar? Quando a alma já não precisa reencarnar em um corpo físico, o que faz e para onde vai?

Veremos como os hindus e os budistas justificaram tais postulados e responderam a estas perguntas, e também como alguns testemunhos, estranhos a estas religiões, às vezes coincidem com elas.

Templo das Vitórias, em Ayutthaya, Tailândia.





As vidas anteriores

*Temos uma ou várias vidas? Estamos todos destinados a nascer, morrer e renascer?
De onde se originam as crenças em vidas anteriores?*

Para nós, um corpo sem alma é algo monstruoso. As pessoas temos medo da morte e principalmente de sua representação física, material ou espiritual. Só existem duas perspectivas que nos tranqüilizam, que nos consolam e que nos fazem sonhar: a sobrevivência de nossas almas depois de sua passagem pela Terra e os postulados da reencarnação, tal como julgamos conhecê-los. Com efeito, graças a estas duas hipóteses esperamos e consideramos que nossa alma encarnará neste mundo e em outras épocas, que já reencarnou várias vezes no corpo de um homem ou de uma mulher e que adotará ainda outros invólucros corpó-

reos depois da experiência demasiado breve de nossa vida atual. Mas essas crenças são falsas.

REENCARNAÇÃO E METEMPSICOSE

Desde a mais longínqua Antigüidade, existem testemunhos das crenças nos movimentos e deslocamentos da alma (metempsicose), da existência da alma e de sua sobrevivência fora do corpo de carne e osso. Estes testemunhos são encontrados em diferentes civilizações, entre muitas das quais não houve nunca nenhum contato ou relação. Para os homens da Antigüidade (Sumérios, Egípcios, Hebreus, Gregos) ou os doutri-

nários da teoria da reencarnação (budistas, tibetanos, hindus), a alma está apenas de passagem nesta vida, vem de outro lugar, transitará para mais longe e voltará. Este ciclo de vidas sucessivas é considerado uma prova, uma condenação eterna, uma manipulação dirigida por deuses e divindades que se apossaram de poderes que não lhes pertenciam.

O KARMA

Tanto para os hindus como para os budistas, o que somos, a nossa existência atual, o meio geográfico, social e cultural em que nascemos, nossas qualidades, fraquezas, dons, limitações, nossa





parte do destino e do livre arbítrio, está tudo escrito em nós desde que nascemos e é o resultado de nossos atos, cometidos em vidas anteriores. Da mesma forma, nossos pensamentos e atos estão narrados, estão escritos em nós e condizionarão nossas vidas futuras, nossa ou nossas reencarnações seguintes. Segundo esta teoria, é evidente que não estamos nesta terra pela primeira vez, mas também fica patente que existe uma espécie de justiça imanente que avalia o bem e o mal realizados durante cada uma das reencarnações, e gratifica-nos ou não, conforme o caso. Por outro lado, salientamos que a crença na ressurreição dos cristãos está muito próxima das doutrinas da reencarnação, tal como anunciam os hindus. Assim, a Logion (ou sentença) 41 de Jesus no Evangelho segundo Tomás — do que sabemos agora tratar-se do Evangelho original onde se inspiraram os quatro evangelistas — ensina: "...ao que tem em sua mão, dar-se-á; ao que nada ou pouco tem, tirar-se-á".



O QUE PODEMOS FAZER COM NOSSAS VIDAS ANTERIORES?

Devemos especular sobre nossas vidas anteriores ou futuras?

Lembremos da mulher de Lot (sobrinho de Abraão) que se instalou em Sodoma, no vale do Jordão, com seu marido e fi-

lhas. Fugindo desta cidade e desafiando os conselhos do marido, que tinha sido avisado pelo anjo Javé, a mulher virou-se para ver Sodoma em chamas, transformando-se em conseqüência em uma estátua de sal.

A partir desta lenda concluímos que nunca é bom o homem ou a mulher recriar-se em seu passado.

Embora possuindo-o, não passaria de uma atitude nostálgica. Por outro lado, se a noção de *karma* segundo a qual tudo do que fomos no passado está escrito em nós, então todo o bem que fizemos e o mal que cometemos, ou seja, o que somos hoje, é uma síntese viva de tudo isso.

Os Sete Adormecidos de Éfeso (Museu Topkapi, Istambul). Sete jovens cristãos, sepultados vivos em uma gruta de Éfeso, por ordem do imperador Décio no ano 250, dormiram até 448. Seu despertar foi uma antecipação da Ressurreição e do Juízo Final.

O que é o karma?

Segundo o hinduísmo, há uma "lei da causalidade segundo a qual toda ação (*karma*) tem uma ou várias causas e produz um ou vários efeitos ou frutos (*phala*)". Então o vínculo entre *karma* e *phala* é comparável à ação de causa e efeito. Como ilustração, não podemos evitar fazer um paralelismo entre este princípio do *karma* e uma lei enunciada por Newton, segundo a qual "a ação e a reação são iguais e opostas e andam sempre juntas". Não é necessário dizer que, depois desta lei, inventaram o motor a reação. O conceito de *karma* também pode ser associado à idéia de pecado, tão popular na cultura judaico-cristã — e que, como sabemos atualmente, provém de alguns relatos mitológicos mesopotâmicos —, e associado também ao princípio da herança genética e psicológica, de-

monstrada pela ciência moderna. De fato, em todos os casos aparece a idéia de um capital ou potencial adquirido. Do mesmo modo, para o astrólogo, o *karma* ou o destino de um ser está escrito em seu mapa astral. Ora, se está escrito em si mesmo, tem que sair de algum lugar. Para as teorias dos hindus está tudo muito claro: "Segundo a lei do *karma*, tudo o que nos afeta hoje, para o bem ou para o mal, é o produto de um encaminhamento de causas das quais fomos mais ou menos responsáveis, um encadeamento que começou mesmo antes de nosso nascimento nesta vida. E, assim, tudo aquilo que fazemos hoje terá suas conseqüências, seja nesta vida, seja em uma ou em várias vidas futuras", escreveu o estudioso do hinduísmo Jean Herbert.



Os chakras

No Ocidente denominamos chakras ou chacras aos 7 centros psíquicos ou vitais do corpo sutil ou corpo etéreo do homem.

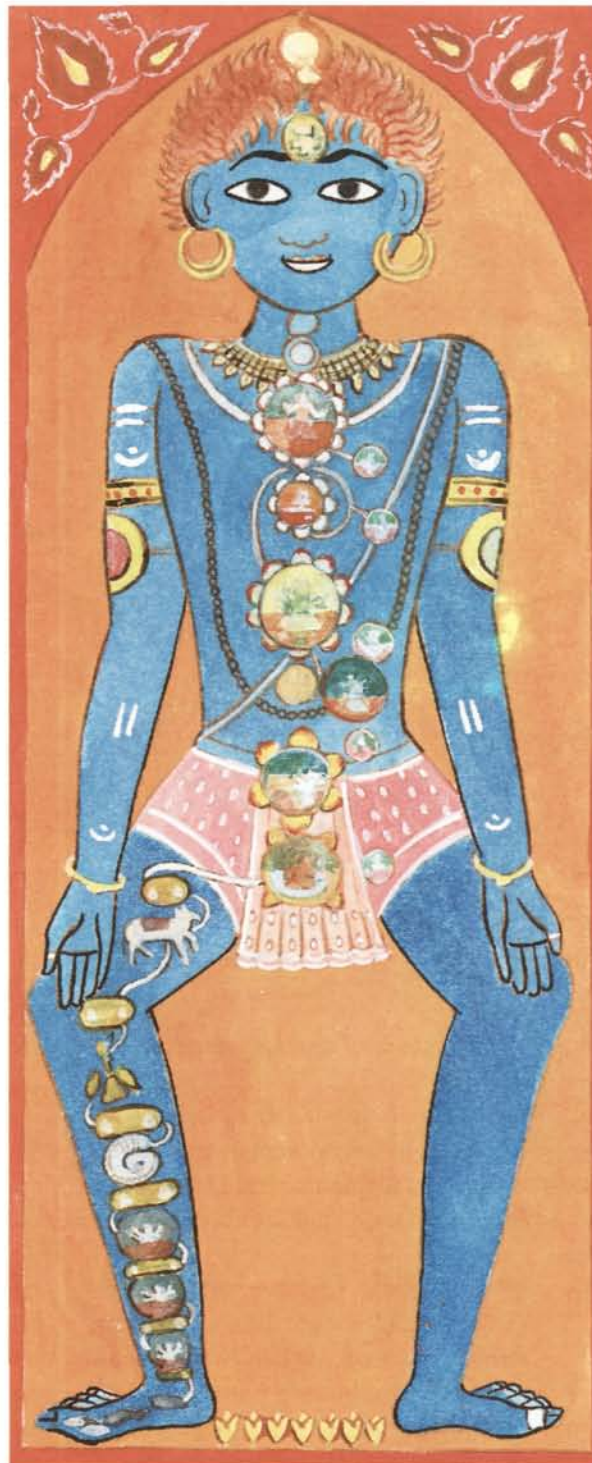
Chakra é uma palavra do sânscrito que significa roda, círculo, e que designa o disco solar, atributo do deus hindu Vishnu, também chamado o Ativo. A lenda conta que sua capacidade de ação está em que, tal como o Sol nasce, chega ao seu zênite e se põe, Vishnu deu “Três Passos” para medir o universo. Na Índia, o sânscrito é algo equivalente ao nosso latim. Escreve-se *samskrta* e pode ser traduzido por “completo, perfeito, absoluto, imutável”. É a língua mãe dos povos da Índia e foi utilizada para redigir os textos mais antigos de sua literatura, os Vedas, que datam dos meados do II milênio a. C. Para compreender bem o sentido real dos chakras, é preciso situá-los no contexto da civilização e da cultura indianas e do hinduísmo, a religião mais antiga do mundo.

OS FUNDAMENTOS DA EXISTÊNCIA DOS CHAKRAS

A existência e utilidade dos chakras baseia-se em quatro princípios fundamentais: o *karma*, a *mâyâ*, o *nirvana* e a *ioga*, que regem as leis da vida.

O *karma*, ou ato, é a lei de causa e efeito que obriga a alma a viver, morrer e renascer indefinidamente, segundo suas crenças na reencarnação.

A *mâyâ*, que significa ilusão, aparência, é o encadeamento dos ciclos perpétuos, dos acontecimentos, das circunstâncias, dos desejos que cegam os olhos dos homens.



Krishna visvarupa, da escola de Mandi, princípios do século XIX. Estrutura do corpo sutil com seus chakras.

O *nirvana*, que se traduz muitas vezes por iluminação ou êxtase, mas que literalmente significa extinção, desaparecimento, é uma libertação, uma saída do ciclo de renascimentos que encadeiam a alma.

Finalmente, a *ioga* é um conjunto de técnicas físicas e mentais que o homem pode utilizar para chegar a esta libertação. Esta técnica baseia-se em exercícios cujo objetivo é ativar os chakras.

OS SETE CHAKRAS PRINCIPAIS

Segundo a doutrina da *ioga*, existem 74 chakras ou pontos vitais. Embora a maioria deles se fixe em pontos ou zonas do corpo humano correspondentes a determinados órgãos, não devem ser confundidos com estes. De fato, os chakras são centros vitais situados entre o corpo sutil ou etéreo e o invólucro carnal, e unem um ao outro. Distinguimos sete chakras principais, cada um deles com sua função específica, mas unidos uns aos outros. Sobrepoem-se ao longo do *sushumnâ*, o canal mais importante em cujo interior circulam as energias físicas e psíquicas do homem, ao longo da coluna vertebral, desde a parte inferior das costas até a parte mais alta da cabeça.

As técnicas da *ioga* consistem precisamente em despertar e ativar cada um destes chakras ou centros vitais para desenvolver os poderes físicos, obter certa felicidade e chegar finalmente ao despertar da consciência.



1 O *Mûlâdhâra-Chakra*, situado entre os órgãos genitais e o ânus, é considerado o centro das energias psíquicas e dos impulsos. É representado por uma serpente enroscada sobre si mesma ou uma flor de lótus. Está relacionado com o olfato e seu elemento é a Terra, a força da inércia da matéria. É nele que repousa a *kundalinî* ou força da serpente, a energia principal, que o iogue (o praticante da ioga) deve despertar e dominar para vencer seu apego à vida terrestre e seu medo instintivo da morte. Ao fazê-lo, adquire a capacidade de levitar, o controle de sua respiração e de sua mente, e acede à clarividência que lhe permitirá conhecer o passado, bem como o presente e o futuro.

2 O *Svâdishthâna-Chakra*, situado sob os órgãos genitais, um pouco mais acima do *Mûlâdhâra-Chakra*, relaciona-se com os órgãos excretórios e reprodutores, bem como com o sentido do tato. Seu elemento é a Água e é representado por uma meia-lua horizontal. Ao ativar este chakra, o iogue desenvolve seus poderes psíquicos, suas intuições e consegue um domínio total de seus sentidos. A partir daqui, já não será vítima de sentimentos excessivos e contraditórios.

3 O *Mânîpûra-Chakra*, situado na região lombar, à altura do umbigo, está em relação com o fígado, o baço, o estômago e os rins, mas também com a visão. Seu elemento é o Fogo. É representado por um triângulo com o vértice



Localização dos 7 chakras principais.

para baixo. Ao despertar este chakra, os iogues da Índia conseguem andar sobre brasas sem se queimarem. De fato, permite libertar-se da dor e da doença.

4 O *Anâhata-Chakra*, situado na região do coração, controla este órgão, mas também o sentido do tato. Seu elemento é o Ar. É simbolizado por uma estrela com seis pontas. O iogue que consegue dominar este chakra desenvolve sua capacidade de amor, seu sentido de harmonia e adquire a capacidade de voar como um pássaro.

5 O *Vishuddha-Chakra*, situado à altura da garganta ou na base do pescoço, relaciona-se com o plexo laringítico e com a pele. Seu elemento sutil é o éter e seu símbolo um círculo dentro de um triângulo invertido. O iogue que se concentra neste chakra pode alcançar a imortalidade, já que vive a partir deste momento fora do tempo, além do passado, presente e futuro, os quais domina.

6 O *Ajnâ-Chakra* está situado entre as sobrancelhas, na base da testa; no Ocidente foi chamado o “terceiro olho” ou “terceira visão”. Está em relação tanto com os olhos como com a vista e a visão interior, os sonhos e a vida psíquica. Reside na consciência. É representado por um lótus de duas pétalas que contém um triângulo inver-

tido, em cujo interior figura o símbolo OM da verdade e da consciência absolutas. Ao dominar este chakra, o iogue consegue adquirir todos os poderes enumerados nos cinco chakras anteriores, obtidos graças ao despertar de sua consciência.

7 O *Sahasrâra-Chakra*, situado na parte superior do crânio, relaciona-se com as faculdades mais elevadas do espírito. É chamado o lótus de mil pétalas, pois *shasra* significa “mil” em sânscrito. É assim que é representado, com o OM no centro. O iogue que consegue ativar este chakra chega a atingir uma supraconsciência, um conhecimento absoluto, um grau de felicidade suprema que o liberta definitivamente da vida terrestre e de suas contingências materiais.



A kundalinî ou o poder da serpente

A kundalinî é a serpente invisível que dormita em cada um de nós. Nas fontes da energia sexual, seu poder é despertar a consciência.

Segundo o hinduísmo, a *Skundalinî* é uma energia primordial ou, mais exatamente, uma concentração de energias divinas e primordiais.

É um componente essencial do ser humano, tal como o coração, o cérebro e os órgãos vitais. Ela é chamada força ou potência da serpente porque está adormecida e enrolada na base da coluna vertebral.

Quando a serpente de fogo da *kundalinî* desperta, então sobe e se enrosca ao longo da coluna vertebral, abrindo passagem aos chakras, ou lótus ou centros de forças. Estes libertam os fluxos de energia primária e divina que todos trazemos em nós, iluminando nossa consciência e favorecendo assim uma participação plena e inteira do homem na vida cósmica.

A POTÊNCIA DA SERPENTE

Esta crença em uma energia primeira (que seria a origem da criação do homem), a qual reside nele e tem aspecto de serpente, não é exclusiva da cultura religiosa hindu. Ela é encontrada nos símbolos e mitos universais relacionados com a serpente e o dragão — que é uma serpente magnificada, marinha, aérea, terrestre ou celeste — e, evidentemente, na cultura judaico-cristã. De fato, no relato bíblico do Gênesis,



Eva, seduzida pela serpente, oferece o fruto proibido a Adão (gravura do século XV).

a serpente é o personagem central da cena da tentação de Eva (Gênesis III, 1-5), que lhe custou a maldição de Yahvé (Gênesis III, 14-15).

Mas muito antes dos redatores da Bíblia atribuírem esse papel essencial e maléfico à serpente, provocadora do pecado original, no espírito dos homens da Antigüidade, a serpente encarnava as forças vitais e originais sinistras que podiam ser criadoras e/ou

destrutivas. Assim, o chamado *Enouma Elish*, o grande poema babilônico da criação do mundo, Tiamat, a Mãe que deu à luz o mundo e os deuses, símbolo das águas primárias de onde toda a vida surgiu — na Babilônia, o mar era chamado *tamtou* ou *tiamtou* —, representava-se com uma grande serpente ao mesmo tempo macho e fêmea, ou seja, hermafrodita ou andrógina.

Tiamat encarnava ao mesmo tempo as forças da criação e a destruição, criando tanto seres divinos como monstros.

Mais próxima de nós, a noção de libido, utilizada desde 1880 pelos fundadores da sexologia para designar a energia própria

do instinto sexual e retomada por Sigmund Freud no ano de 1905 em sua obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, designa a manifestação do impulso sexual na vida psíquica que seria simultânea a um impulso de vida — simbolizado por Eros, o deus grego do amor — e a um impulso de morte — representada por Tánato, a divindade grega alada que personificava a morte —. Assim, quer se relacione com uma das lendas cosmogônicas mais antigas ou com as mais recentes teorias da psicanálise, esta crença em uma energia primordial com efeitos



criadores e/destruidores que assedia o homem, ainda hoje subsiste e permanece unida, e é muitas vezes representada com uma serpente.

O PODER DA SERPENTE

No entanto, parece que as crenças e as técnicas da ioga, relacionadas com os sete centros de energia sutil que são os chakras, cujo princípio base é a kundalinî que ocupa o *Mûladhâra-Chakra*, provêm exclusivamente da cultura e civilização hindus.

De fato, embora os símbolos hindus da serpente mostrem muitos pontos em comum com os que vemos na Europa, no Oriente Médio, na África ou na Ásia, só o hinduísmo anuncia estes dois fundamentos essenciais: a fé na lei do karma e o despertar e a subida da kundalinî ao longo dos chakras, que provocam o *samâdhi*, êxtase ou estado de consciência superior.

Segundo esta crença, a *kundalinî* pode ser ativada com a energia dinâmica do alento vital, ou *prâna*, que penetra no corpo através da respiração. O *Prânâyâma* é uma técnica de ioga muito elaborada que permite dominar e dirigir a respiração para os pontos vitais do corpo. Na Índia, esta técnica era utilizada às vezes com fins terapêuticos para vivificar ou estimular um órgão doente ou debilitado.



Nesta imagem tântrica, as duas serpentes simbolizam a energia cósmica (desenho de século XVIII).

sociados ao parassimpático, chamado canal lunar, e o *pigalâ*, em relação com o sistema simpático, chamado canal solar.

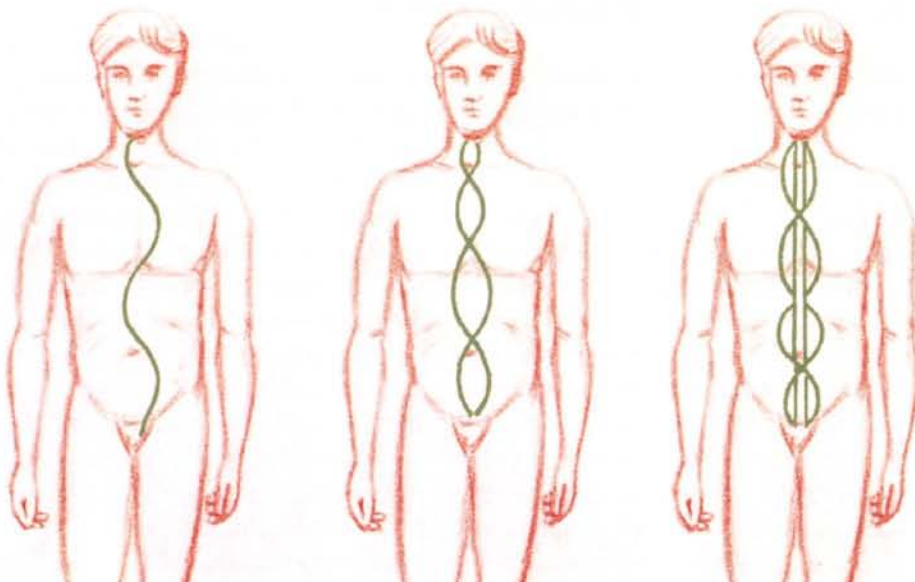
Continuando o trajeto dos *nadis*, as energias positivas solares e as negativas se estimulam e se misturam, atravessando os sete chakras que se abrem como as pétalas de uma flor de lótus. É assim que os hindus utilizam o poder da serpente ou kundalinî para libertar o homem das tensões, de seus desejos, esperanças e medos que o submergem e o encarceram na lei cósmica do karma, segundo a qual cada ação psíquica ou física provoca causas e efeitos que se reproduzem até o infinito. Na Índia, as técnicas milenares da ioga, que favorecem o despertar da kundalinî, estão ainda vigentes.

Estas técnicas são praticadas nos *ashrams*, que seriam o equivalente aos nossos mosteiros, e sob a direção de um *guru* ou guia espiritual.

O *prâna* circula então por todas as partes do corpo, pelos canais sutis, os *nadis*, que são como vasos sanguíneos e veias do corpo sutil.

Os *nadis* principais são o *sushumnâ*, que corresponde ao trajeto da medula espinhal na coluna vertebral, à volta da qual se enroscam em espiral os *idâ*, as-

A coluna vertebral é formada pelo caduceu de Mercúrio, cujas duas serpentes simbolizam a kundalinî.





A levitação e a bilocação

Pode o homem voar por seus próprios meios? Pode o homem encontrar-se no mesmo momento em dois lugares diferentes? Estas são as perguntas levantadas pelos misteriosos fenômenos da levitação e da bilocação.



Quer queiramos quer não, temos a necessidade de acreditar nos prodígios e milagres, de ser algum dia surpresas testemunhas de estranhos fenômenos, inexplicáveis, irracionais, que superam a compreensão. A tal ponto isto é verdadeiro que, apesar dos imensos progressos obtidos pelos cientistas desde há mais de um século, apesar das explicações lógicas, evidentes, inegáveis que produziram, contribuindo assim para um melhor conhecimento da vida, do mundo e do universo, persistimos em nos prender a idéias preconcebidas, a crenças sem fundamento. Pior ainda, nos negamos a compreender o que, no entanto, tem uma simples explicação. Assim, apesar dos fabulosos instrumentos de comunicação que possuímos e das informações múltiplas e variadas de que dispomos e que estão quase ao alcance de todos, temos um sentimento da ignorância e não de conhecimento, que prevalece. Tudo acontece como se o homem se negasse, apesar de si mesmo ou inconscientemente, a ser sábio, por medo de perder sua capacidade de sonhar, de crer e de maravilhar-se. É certo que a época em que vivemos está marcada por um certo desencanto, compensado amplamente pela magia do cinema. Por exemplo, sublinhemos que atualmente, somos cada vez maior o número dos que acreditamos que seguramente existe uma vida e uma inteligência extraterrestre e que, em breve, entrará em contato conosco. Vinte anos atrás, uma hipótese assim teria parecido totalmente utópica. Atualmente, os mesmos cientistas, principalmente os astrofísicos, aderiram a ela. É certo que, enquanto isto, Steven Spielberg produziu e realizou o filme *Encontros do Ter-*



céiro Grau e que, depois, nossa imaginação, impregnada com as imagens deste filme, que confunde sonho com realidade, faz com que esta hipótese seja mais que provável.

De nossa parte, deploramos que o homem que tenha a memória tão curta e que se abandone à tendência de arrojá-lo pelo caminho as boas idéias que teve no passado, com o pretexto de que encontrou outras, das quais, obviamente, se orgulha, com as quais se identifica, embora oculte todas as suas fontes de inspiração. De fato, parece que está na natureza humana o fato de crer que sua época é superior às épocas precedentes, que não vale a pena referir-se ao passado.

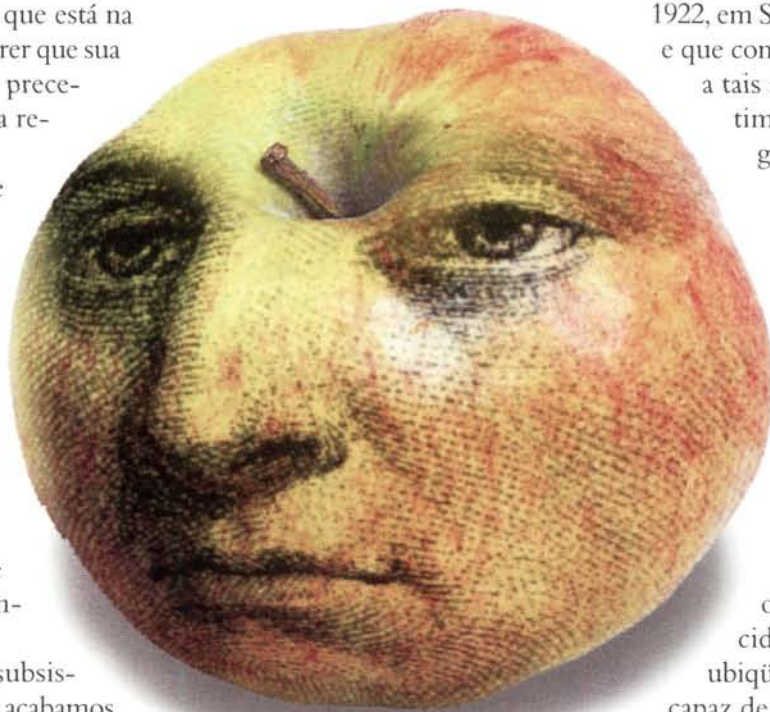
No entanto, um estado de espírito deste tipo acaba também por privar-nos de futuro, de perspectivas, de aspirações e, pelo mesmo motivo, engendra um estranho complexo de auto-satisfação e de superioridade que passa a ser destruidor e sufocante, se não estamos de acordo com ele, e que conduz de cabeça ao desencanto e à zombaria.

No entanto, os mistérios subsistem. Mas, pelas razões que acabamos de expor, não nos interessam se não é do ângulo dos cálculos e as medidas estabelecidas em função de regras estritas, rigorosas e imutáveis. Por conseguinte, se alguns fenômenos não entram no campo de uma compreensão e uma explicação racionais, que é o nosso atualmente, negamos categoricamente sua existência. Como é o caso da levitação e da bilocação.

O QUE É A LEVITAÇÃO?

Para começar, devemos sublinhar que a palavra “levitação” apareceu pela primeira vez no final do século XVII — embora o próprio fenômeno da levitação se perca na noite dos tempos — e que significa “ação de elevar-se graças à sua

leveza”. Porém, nesta época, sir Isaac Newton, cuja famosa história da maçã continua sendo célebre, introduziu a noção da gravidade universal e da força de atração da Terra. Tinha-se que criar uma palavra para distinguir o princípio da gravidade, segundo o qual o homem experimentava a atração da Terra, e o princípio de levitação que o afasta dela. De fato, o que levita possui esta faculdade tão particular de poder desprender-se do solo e deslocar-se fisicamente



Newton descobriu a lei da atração universal ao observar a queda de uma maçã.

no ar, um pouco como um pássaro, segundo um fenômeno rejeitado pela ciência, mas que não deixa de ser uma realidade excepcional, é certo, mas tangível.

Por outro lado, no século XV, Teresa de Ávila, por todos conhecida como Santa Teresa de Jesus, estava sujeita à levitação em seus êxtases místicos, tal como testemunharam muitas freiras e cientistas daquele tempo. No século XVII, Giuseppe Desa, um monge franciscano italiano conhecido pelo nome de José

de Copertino, era também dotado para a levitação. Muitas testemunhas contam que podia literalmente flutuar desde a porta da igreja até o altar e que era visto voar com frequência e pousar em um galho de oliveira, onde permanecia ajoelhado, rezando. Mais recentemente, Anna Maria Turi, uma jornalista italiana que investigou há pouco tempo as múltiplas aparições da Virgem no mundo e os fenômenos misteriosos que a cercam, descreveu o caso de um camponês italiano, nascido em 1922, em Stornarella, a quem conheceu e que com regularidade estava sujeito a tais acrobacias místicas. Por último, destaquemos que, segundo uma prática ancestral, o iogui que consegue dominar a Anâhata-Chakra, chamada “chakra do coração” porque se situa na região do órgão vital, adquire o poder de levitação.

O QUE É A BILOCAÇÃO?

Trata-se de um fenômeno mais excepcional ainda que o da levitação, muito conhecido pelo nome de “dom de ubiqüidade”. O ser que o possui é capaz de encontrar-se, simultânea e fisicamente, em dois lugares diferentes, às vezes bastante longe um do outro. Um depoimento surpreendente deste tipo de fenômeno, relativamente contemporâneo porque data de 1925, é o que nos apresenta o Padre Pio, um capuchinho italiano, cuja vida esteve cheia de prodígios. Assim, tendo prometido a seu superior, monsenhor Damiani, que estaria presente no dia de sua morte para assisti-lo em seus últimos momentos, foi reconhecido fisicamente por pessoas que estavam em seu leito de morte, enquanto que também se encontrava a três quilômetros dali, como testemunharam outras pessoas que se encontravam a seu lado naquele mesmo momento.



O Nirvana

Segundo os hinduístas e os budistas, o Nirvana é o grau mais alto de consciência que um homem pode alcançar.

Esta palavra que se emprega, de forma tão errônea e equivocada, para designar uma felicidade indescritível, uma alegria profunda, corresponde, na realidade, ao estado de consciência mais alto que existe, segundo o hinduísmo. Literalmente, não significa alegria, felicidade e êxtase ou qualquer noção que implica um grau supremo de felicidade, mas sim “extinção”. Seu verdadeiro sentido escapa tanto à nossa cultura e à nossa mentalidade, que a afastamos de sua acepção original, preferindo ver nela a descrição de uma espécie de segundo estado no qual se submerge o iogue ou o adepto entregue aos ritos ou técnicas hinduístas.

Na verdade, da mesma forma que o xamã, e ao contrário da maioria dos místicos ou religiosos ocidentais, o autêntico iogue não busca uma perfeição qualquer, nem um paraíso neste mundo ou no mundo do além, mas sim que tenta dissolver seu eu individual, o qual em astrologia, como você pode lembrar, se define pela posição do ascendente.

A DISSOLUÇÃO DO EU INDIVIDUAL

Primeiro, segundo os hinduístas, e, mais tarde, segundo os budistas, o eu individual é o que causa as divisões, tensões, crises, conflitos, doenças, dramas, desordens de todo tipo e, além disso, as guerras e catástrofes de ordem coletiva que nos afetam ou das que somos vítimas, mais cedo ou mais tarde e de forma cíclica.

É fácil compreender porque somos tão reticentes com respeito ao que é uma das verdades fundamentais das crenças hinduístas. De fato, não chegaremos a dizer que o eu individual é tudo, mas todos conhecemos a grande importância que lhe concedemos, pois nossas sociedades e os sistemas políticos que as governam, qualquer que seja sua ideologia, se baseiam no princípio da liberdade individual e, portanto, na noção do indivíduo. No entanto, para não criar confusão, devemos entender que esta

extinção ou dissolução do eu individual ou Nirvana não põe sua existência em dúvida, nem se opõe às liberdades individuais. Pelo contrário, para o adepto ou discípulo hinduísta ou budista autêntico, ninguém pode conhecer o Nirvana se não for um indivíduo completo e realizado. Dito de outra forma, um dos princípios básicos que indicam como alcançar esta extinção ou dissolução do eu individual, que leva a paz à alma e ao espírito, o fim de todos os sofrimentos físicos e morais, uma espécie de liberação

— subentende-se a liberação das paixões e tensões engendradas pelos desejos, cobiças e possessividade —, consiste em se ser a si mesmo, realizar-se, conhecer-se a si mesmo e não identificar-se com ideologias, crenças, dogmas, convicções ou, simplesmente, tópicos ou lugares comuns, que anulam todo pensamento e todo ato pessoais, que emanam do eu individual. Mencionemos de passagem um trecho do Evangelho apócrifo de Tomás, manuscrito escrito em copto, encontrado no Alto Egito em 1945, na localidade de Nag Hammadi e que, para alguns, é o texto original no qual teriam se inspirado os quatro evangelistas para redatar seus correspondentes Evangelhos, hipótese, por outro lado, muito controvertida.

A dissolução do eu individual, que traz a paz à alma e ao espírito, é o Nirvana.





“Disse Jesus:

*Quem for conhecedor de tudo,
mas falhe (no tocante a) si próprio, falha
em tudo.”*

(Evangelho de Tomás, Apócrifos gnósticos de Nag Hammadi, tradução do castelhano procedente da edição realizada a cargo de Aurélio de Santos Otero, em 1956, para a Biblioteca de Autores Cristãos. 7.ª ed.: 1991).

Esta passagem (ao contrário de muitas outras contidas neste texto e embora possa não ser original ela é, em todo caso, reconhecida, cronológica e historicamente, como anterior aos *Evangelhos* canônicos, e não tem seu equivalente em tais *Evangelhos*) pode ser interpretada da maneira seguinte: se uma pessoa tem a oportunidade de assimilar todo o conhecimento e todo o saber e viver muitas experiências, inclusive compreender os grandes princípios universais do mundo, mas, por outro lado, ignora quem é ele próprio e desconhece seu eu individual, então, tudo que conhece, sabe, assimilou, viu ou viveu, não lhe serve de nada.

Se destacamos o conteúdo desta passagem para ilustrar nossas palavras é

porque pretendemos demonstrar que os princípios e crenças de onde provém o cristianismo primitivo não estão opostos aos enunciados pelo hinduísmo e pelo budismo. No século II de nossa era, Nâgârjuna — um dos principais filósofos do budismo, cujo sistema de pensamento seria muito próximo tanto de talmudistas e cabalistas como das teorias modernas da relatividade, ou dos *quanta*, pois segundo ele, e de forma evidentemente resumida, qualquer coisa neste mundo só existe ou se distingue graças ao seu contrário, de maneira que tudo é relativo e nada possui uma realidade verdadeira —, escreveu o seguinte:

“Nirvana não é a não-existência.

Como podes pensar isto?

Chamamos Nirvana à cessação

de todos os pensamentos da não-existência e da existência.”

*(Citado por Robert Linssen, em *Bouddhisme, Taoïsme et Zen*, Le Courrier du Livre, 1972.)*

Aqui vemos uma noção que poderíamos comparar com a que fizemos alusão ao falar do Aleph e de Urano, tal como se definem a partir das fontes cabalistas da astrologia hebréia. Final-

mente, citemos Hui Hai, maestro do budismo zen:

“A compreensão como consequência de uma percepção particular não tem porque implicar a compreensão da realidade da coisa percebida. O que se percebe no processo de percepção do comum é o Nirvana, também conhecido como liberação.”

(Citado por Robert Linssen, já citado.) Também encontramos palavras do Evangelho apócrifo de Tomás que tem muitos pontos em comum com as do budismo zen e que, desta vez, encontram um equivalente em três dos quatro Evangelhos canônicos:

“Disse Jesus:

Reconheces o que tens ante teus olhos,

e se manifestará o que está oculto,

pois nada há escondido que não venha a manifestar-se.”

(Evangelho apócrifo de Tomás, já citado.)

A “percepção comum” aludida no primeiro texto e a idéia de “conheces o que tens ante teus olhos” têm o mesmo sentido: ver o que vemos sem interpretá-lo, nem querer dar-lhe um sentido: ver o significado.

Vejamos quatro textos dos *Evangelhos*, parecidos ao que acabamos de ler:

“Porque nada há oculto mas sim para ser descoberto, e não há nada escondido mas sim para que venha à luz.”

(Marcos, 4, 22.)

“Não os temeis, porque nada há oculto que não venha a descobrir-se, nem segredo que não venha a conhecer-se.”

(Mateus, 10, 26.)

“Pois nada há oculto que não tenha que descobrir-se, nem segredo que não tenha que conhecer-se e vir à luz.”

(Lucas, 8, 17.)

“Pois nada há oculto que não tenha que descobrir-se, e nada escondido que não chegue a saber-se.”

(Lucas, 12, 2.)

*(Traduções procedentes da *Sagrada Bíblia* de Eloíno Nácar e Alberto Colunga, La Editorial Católica, 1966.)*



A percepção direta e comum leva ao Nirvana. É o mesmo que dizia Jesus em outros termos.



Os 5 profetas ou a renovação da vida espiritual

Em pouco mais de um século, surgiram 5 profetas que realizaram uma verdadeira revolução espiritual, da qual ainda não aprendemos todas as lições.

Ao longo dos séculos, o mundo conheceu muitos profetas, videntes, visionários e mestres espirituais; cada civilização tem os seus e alguns deles são legendários. Mas quer se trate ou não de uma coincidência, a história nos revela que durante o transcurso de um período relativamente recente e curto da história da humanidade, apareceram 5 profetas artífices de uma grande evolução das consciências e das mentes de quase todos os povos do mundo, e que ainda exercem uma profunda influência na mente dos homens modernos.

De fato, parece que o percurso iniciático e o discurso destes 5 profetas, que foram quase contemporâneos entre si embora nunca tenham se encontrado, ainda não os assimilamos completamente, nós que somos homens e mulheres do século XXI e do III milênio. Se dissemos um “período relativamente recente e curto”, é porque se situa aproximadamente entre o ano 600 e 480 antes de nossa era e cobre somente pouco mais de um século. Além disso, se nos centramos nestes 5 profetas ou mestres espirituais é justamente porque suas mensagens ainda são, mais que nunca, atuais.



ZARATUSTRA, ISAIAS, BUDA, CONFÚCIO E PITÁGORAS

O primeiro deles, Zaratustra, cuja morte se situa por volta do ano 583 antes de Cristo aproximadamente, mas cuja data, lugar e ambiente de nascimento não são conhecidos, apareceu, portanto, a princípios do século VI antes de Cristo, como inspirador da religião indo-européia do mazdeísmo. A *Avesta*, uma recompilação das obras de Zaratustra, transformou-se com o tempo no suporte em que se inspiraram os homens que promulgaram as leis e a ordem da

vida social de milhões de almas, desde a Pérsia até a Índia. Parece que viveu entre a bacia do Oxus, mais conhecido hoje pelo nome de Amu Daria, longo rio da Ásia Central que desemboca no mar Aral, na Rússia, e a do Uxarte, chamado atualmente Sir Daria, outro rio que desemboca no mar Aral, que por sua vez formava a fronteira natural da Pérsia aquemênida.

O segundo é o profeta Isaías. Não se trata do profeta Isaías nascido em volta do ano 760 antes de Cristo na Judéia, mas sim do que viveu provavelmente durante a metade do século VI antes de nossa era. Foi autor do livro bíblico de Isaías e tomou o nome do anterior profeta hebreu, mas quis ou teve que permanecer no anonimato. Antigamente acreditava-se que viveu no século VIII a. C.; no entanto, uma das indiscutíveis provas que levam aos historiadores de hoje a situar sua existência por volta dos fins do século VI antes de nossa era é o fato de em seus textos ele relata que Ciro II o Grande, fundador do império aquemênida, liberou o povo hebreu do jugo assírio no ano 539 a.C. e permitiu seu retorno à Judéia.

O terceiro é Siddartha Gautama, chamado Buda, que nasceu por volta do ano 566 antes de nossa era, em Kapilavastu, uma pequena cidade-estado situada no

A doutrina de Zaratustra se baseia no triunfo da justiça. Esta clava com cabeça de touro (acima) usada pelos sacerdotes zoroástricos, é exemplo disso. Conta-se que Mithra, divindade hindu, a utilizava para impedir que os demônios martirizassem os ocupantes dos infernos.





que hoje seria o reino do Nepal e cujo pai era o rei ou chefe da tribo dos Shakyas do clã Gautama. Até o ano 486 antes de Cristo, existem marcas de sua passagem pelo que é hoje Bihar, um dos estados da Índia contemporânea, onde manteve sua conhecida busca, cujo eco e repercussão no mundo são bem conhecidos. O quarto é Confúcio, Kong-fu-zi em chinês, ou o “Venerável Mestre Kong”, originário do estado de Lu, em Shan-ping, onde nasceu por volta do ano 551 e morreu por volta do ano 479 antes de nossa era, na atual Shandong, província da China oriental, considerada a mais povoada na atualidade, pois conta com quase 100 milhões de habitantes. Confúcio viveu em uma época em que a China, sob o domínio da dinastia Zhou, estava em plena decadência. A influência que seu discurso indiretamente teve, e tem até hoje, na Ásia e em toda a China, é bem conhecida.



O quinto e último é Pitágoras, nascido em Samos por volta do ano 570 antes de Cristo. Sabe-se que viajou ao Egito, Babilônia, Pérsia, talvez até mesmo a Índia, para finalmente estabelecer-se em Crotona, uma cidade-estado do império helênico, onde estudou sua mística dos Números, que, segundo ele, eram os fundamentos mesmos do universo, mística a partir da qual estabeleceu uma ética profunda e poderosa.

UMA REVOLUÇÃO ESPIRITUAL

O que salta aos olhos ao estudar a quantidade de relatos históricos e lendas que constituem a vida destes 5 mestres espirituais, que foram quase sempre contemporâneos entre si — ou também quando consultamos suas vidas ou obras escritas — é que cada um deles, com sua própria cultura e em seu próprio contexto, se salientou totalmente da comunidade de onde nasceu.

Todos tiveram a vontade de suprimir do divino, assim como da natureza divinizada, esse caráter sagrado que o fazia inacessível. Seus discursos defendem um contato direto com a vida, a natureza, o mundo e o universo, em cujo centro se encontra e é o homem. No entanto, não se conformaram apenas em devolver ao homem este contato direto com a realidade espiritual da vida, ou de permitir-lhe ser consciente dele, mas sim que também suscitaram sentimentos rebeldes. Assim, Zaratus-tra denunciou, revolucionou e transformou por completo a tradição religiosa de sua comunidade cultural. Isaías fez o mesmo, e inclusive tomou seu nome de um profeta que havia vivido quase dois séculos antes dele, e con-

Confúcio (ao lado) preocupava-se principalmente em acabar com a decadência que reinava na China durante sua época, ensinando aos homens a virtude. Pitágoras (acima) transmitiu uma teoria sobre os números em tanto que fundamento de todas as coisas.

tinuiu no anonimato para escrever seu livro, que apesar de foi incluído na Bíblia e estabeleceu um marco na religião judia, pois se encontrava no Deuterônômio, que em grego significa “Lei segunda” e que ajudou a definir a era de uma nova Aliança.



Quanto a Buda, este repudiou radicalmente qualquer experiência iniciática ou ascética religiosa para viver uma experiência única baseada no princípio da extinção dos desejos humanos. Queria vencer a própria morte, fatalidade última de todos os homens. Confúcio propôs um novo modo de vida social, inspirando-se em um novo tipo de vida e no do homem novo. Por último, Pitágoras, da mesma forma que Buda, tentou compreender também o sentido do universo, a chave da verdade última que pudesse liberar o homem do sofrimento e da morte. Portanto, em pouco mais de um século, estes 5 profetas provocaram uma verdadeira revolução espiritual, que a humanidade ainda não conseguiu assimilar completamente.



Nostradamus

médico, astrólogo, adivinho e profeta

“Humanus sum, possum errare, failli et decapi, escreveu Nostradamus, que significa: “Só sou um homem, posso equivocar-me, falhar, enganar-me.”

Aqui está um curioso personagem que deu e continua dando muitas alegrias aos editores, mas a quem praticamente não se faz nenhuma alusão ou se ignora totalmente nos livros de História dedicados ao Renascimento. Por que este desprezo ou ignorância voluntária dos historiadores contemporâneos em relação a ele? Porque, para eles, Nostradamus não é um personagem sério; mas, principalmente, porque afinal não se sabe grande coisa dele. Desta forma, o que fica dele tem mais de lenda e folclore que de filosofia e ciências ocultas do Renascimento. Hoje em dia não se quer reconhecer que estas foram o berço das ciências modernas, como foram. Tudo isso faz com que o chamado “Mago de Salon” — não porque freqüentasse os salões mundanos, mas porque passou seus últimos quatorze anos de vida em Salon-de-Provence, onde reis e príncipes vinham consultá-



lo — seja pouco credível para nossos sérios universitários, já que, na realidade, não encaixa em nenhum adjetivo de nossa sociedade atual. Quanto muito, se olharmos mais de perto sua biografia, descobrimos (que escândalo!) que Michel de Nostredame, chamado Nostradamus, era um médico diplomado e que

em sua época exercia sua arte com talento e reputação. Como poderíamos imaginar atualmente, no século do racionalismo e da tecnologia, que um médico possa ser simultaneamente um mago, astrólogo e profeta? Finalmente, heresia máxima, gabava-se de predizer fatos chamados históricos, como se a história em seu conjunto estivesse escrita de antemão.

QUEM ERA NOSTRADAMUS?

Antes de abordar o assunto de suas famosas profecias publicadas pela primeira vez em 1555 em Lion e que, como sublinhava Nostradamus no prefácio de seu livro, prediziam o futuro até o ano 3797, examinemos o homem, sua vida e o contexto em que viveu.

Acima: edição integral das profecias de Nostradamus, de 1568.

Abaixo: caricatura de Nostradamus.





Mestre Michel de Nostredame, doutor em medicina na cidade de Salon-de-Craux, na Provença, nasceu em 14 de dezembro de 1503, ou seja, a 23 de dezembro do calendário gregoriano, na localidade de Saint-Rémy-de-Provence, no seio de uma família judia convertida ao cristianismo. Nascido no início do século XVI, pertence à época chamada Renascimento, onde a arte, a cultura e a ciência se inspiravam em grande parte nos modelos da Antigüidade. Nessa altura, Francisco I reinava na França, país destroçado pelas guerras da Itália e pelas guerras religiosas, que já ameaçavam ensangüentar a Europa.

Suas raízes judias têm muita importância, já que a tradição profética encontra-se no Antigo Testamento da Bíblia. Ele próprio se vangloriava de ser um dos descendentes dos profetas de Israel.

Jaume de Nostredame, seu pai, um comerciante que tinha feito fortuna, tornou-se notário da cidade de Saint-Remy. Mas parece que foi sobretudo o avô materno de Michel que teve o papel mais importante em sua educação. De fato, Jena de Saint-Remy, médico e tesoureiro de Saint-Remy, iniciou Michel desde muito cedo em medicina, matemáticas, astronomia e astrologia.

MICHEL DE NOSTREDAME, MÉDICO AMBULANTE E CURANDEIRO

Em primeiro lugar, Michel inscreveu-se na Faculdade de Medicina de Avignon, onde estudou a ciência dos boticários e praticantes de sua época, bem como o *Trivium*, que consistia no estudo da gramática, da retórica e da lógica, e o *Quadrivium*, composto pela aritmética, música, geometria e astronomia. Depois, em 1529, obteve seu diploma de médico na faculdade de Montpellier, onde tinha seguido seus estudos de medicina ao mesmo tempo que outro estudante, que foi seu condiscípulo e que



A peste e seus estragos entre os contemporâneos de Nostradamus.

também seria célebre, François Rabelais. Ao sair da faculdade, Michel de Nostredame, que ainda não se fazia chamar de Nostradamus, fervoroso discípulo de Hipócrates, Galeno e Menodoto, os célebres médicos da Antigüidade, tornou-se um médico itinerante, ambulante. Foi assim, que, durante longos anos, percorreu toda a França para assistir e curar. Seu talento como médico deu-lhe tal reputação, que as mais altas autoridades em medicina de seu tempo — com sede em Aix-en-Provence e Lion — recorreram a ele para lutar contra as epidemias da peste que causavam estragos na Europa de 1546. De fato, tinha descoberto um remédio que, segundo ele, não curava os que já tinham sido contagiados com esta terrível doença, mas podia atuar como prevenção e salvar da morte os que bebiam esta poção. Sua receita, da que Nostradamus escreveu “finalmente encontramos, atra-

vés da experiência demonstrada, que aquela preservava de uma forma de contágio”, foi descrita e publicada, entre outras, em sua obra *Bastiment de plusieurs receptes. Remède pour la peste* (Composição de algumas receitas. Remédio contra a peste), editada em 1550 em Lion.

Condenado pela maioria dos médicos de sua época, que questionaram sua ciência — especialmente pelo médico de Lion, Antoine Sarrazin —, a gente do povo chegou à conclusão de que Michel de Nostredame curava a peste. Sua notoriedade como curandeiro foi crescendo e precedeu a de profeta.

NOSTRADAMUS PROFETA

De fato, Michel de Nostredame não se conformou em acabar assim. Tal como seus contemporâneos, estava convencido de que as epidemias de peste tinham como origem uma maldição reconhecível e legível nos fenômenos celestes.

De forma que, de 1552 a 1566, ano de sua morte, dedicou-se mais à adivinhação e à astrologia do que à medicina, empreendendo a publicação anual de almanaques e “prognósticos”, muito apreciados naquele tempo, folhas predecessoras de nossos horóscopos anuais contemporâneos e bastante lucrativas para os livreiros-editores e autores. O próprio François Rabelais, em sua casa chamada não por acaso La Devinière (A Adivinha), foi autor de almanaques e “prognósticos” anuais.

Em 1555, o médico-astrologo elevou-se à categoria de profeta e publicou suas primeiras *Prophéties* (Profecias), que constavam de 353 estrofes e que tiveram um êxito considerável na época. Consultaram-no personagens tão importantes como Catarina de Médicis e o rei Henrique II da França. Nos anos consecutivos, reis, rainhas, príncipes, princesas, os condes da França, Itália, Alemanha e de outros países da Europa, e mesmo os papas, recorreram regularmente a Salon-de-Provence, onde Nostradamus tinha se instalado.



Nostradamus

As profecias

Nostradamus predisse, na realidade, o futuro do mundo, tal como se jactava no prólogo de suas primeiras Centúrias? Ou será que nos contou sua experiência individual em uma linguagem poética e simbólica?

No decorrer deste século, tivemos muitas vezes a tentação de decifrar os textos das famosas profecias de Nostradamus, que no momento de serem publicadas tiveram repercussão e conferiram fama e fortuna a seu autor. Entretanto, estes textos herméticos não podem ser lidos nem interpretados sem se ter em consideração a mentalidade dos homens do Renascimento, nem o contexto social, cultural e político desse período. De fato, nada nos permite dizer ou achar que todas as traduções das obras de Nostradamus sejam fiáveis e verídicas.

Sob o aspecto de prognósticos — era assim que se intitulavam os almanaques que continham as previsões astrológicas anuais, publicadas e difundidas todos os anos na França —, Nostradamus escreveu na mesma linha que os profetas da Bíblia e os grandes místicos da Idade Média. Mas, tudo permite pensar que não haverá nunca um Champollion que decifre a linguagem empregada por Nostradamus, pela simples razão de que se trata de um discurso poético de caráter visionário e profético, fundado em uma interpretação mítica e simbólica do mundo e da vida. Neste tipo de linguagem, o ritmo das palavras, dos versos, dos sons e das imagens ou as impressões que estas dão excluem

toda a interpretação racional ou histórica.

O dom poético de Nostradamus provinha de uma inspiração divina e não, como pensava o escritor Pierre de Ronsard, que era seu contemporâneo e que o estimava, se assemelhava a um dom de profecia. Na realidade, era um princípio, hoje diríamos uma moda, nos poetas do Renascimento que, referindo-se à arte antiga, não distinguiam a ciência poética de um processo espiritual. Para ilustrar estes propósitos, citemos este poema de Ronsard, que evidentemente Nostradamus conhecia:

“Por oração, por jejum e por penitência também...”, Nostradamus interrogava os oráculos. (Gravura proveniente da Biblioteca da Universidade de Heidelberg.)



P. de Ronsard

No dia em que nasci, Apolo que preside às Musas, serviu-me neste mundo de guia, animou-se de um espírito sutil e forte, e de ciência e honra me apaixonou.

No lugar de grandes tesouros e de riquezas vãs, que cegam os olhos das pessoas humanas, deu-me para partilhar um espírito furioso, e a arte de pôr a inspiração nos meus escritos.

E levantou-se o corpo, também a fantasia, inspirando em minha alma um dom de poesia,

que só concedeu Deus ao espírito atingido pelos aguçados agulhões de sua divindade.

Quando o homem é tocado torna-se Profeta, e prediz as coisas antes que sucedam,

conhece a natureza e os segredos do Céu, e com espírito fervendo se eleva entre os deuses.

Conhece as virtudes de ervas e de pedras,

encerra tempestades e enfeitiça os trovões:

Ciências que o povo admira e desconhece,

que Deus as vai dando aos homens daqui debaixo,

quando têm do humano as almas separadas,

e que a tal fúria se encontram preparadas,

por oração, por jejum e penitência também.

Pierre de Ronsard, *Hino do Outono*.



COMO PROFETIZAVA NOSTRADAMUS?

Relembrando as antigas tradições da adivinhação mediante a água e o fogo, a hidromancia e a piromancia, e utilizando também a ciência dos astros, Nostradamus, durante noites inteiras, interrogava o oráculo, dirigindo-se aos anjos (algo habitual em toda a filosofia oculta do Renascimento), executando rituais iniciáticos praticados correntemente na Antigüidade. No decurso destas sessões tinha visões proféticas que transcrevia em forma de estrofes poéticas, escritas em um linguagem simbólica.

Para entender como lhe chegavam estas visões e como as traduzia, citemos as duas primeiras estrofes pertencentes à primeira *Centúria* de Nostradamus:

*Estando sentado de noite,
Sozinho, apoiado no assento de minha
cadeira cural*

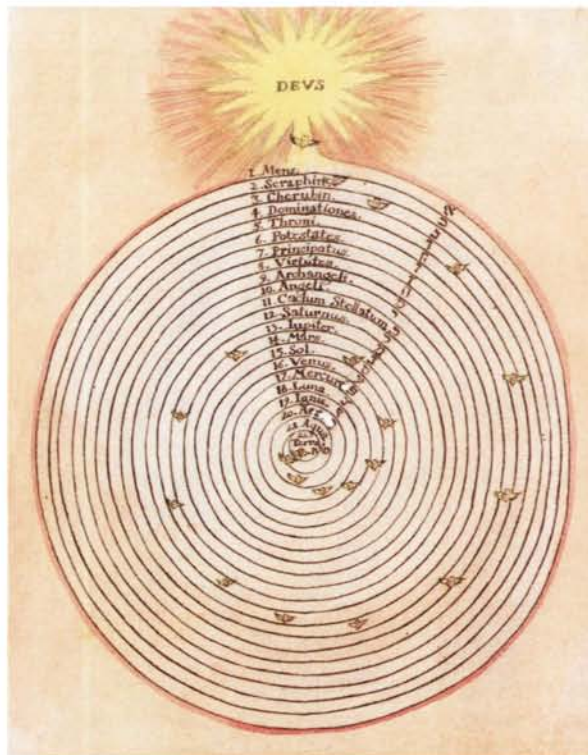
*(trata-se do assento de marfim onde se
sentavam os vereadores romanos),
Uma chama exígua saindo da solidão
Faz prosperar no que não crê em vão.
Vára na mão, posta no meio dos ramos,
Com água molha tanto o limbo como o pé,
(O limbo designava o lugar das almas
no interior do Zodíaco)*

*Um medo e uma voz temem pelo cabo.
Esplendor divino. O divino senta-se perto.*

QUE MENSAGEM NOS TRANSMITIU NOSTRADAMUS?

Atribuído às correntes de pensamento de sua época, sobretudo entre os cabalistas cristãos, que se inspiravam por sua vez na sabedoria e nos conhecimentos dos sábios, dos filósofos e dos poetas da Antigüidade — que podiam ser também médicos, astrônomos e matemáticos —, Nostradamus tomou suas visões proféticas da magia e da ciência antiga.

Mas não podia traduzir nem transmitir ao mundo o que viu, como tinha



O *locus terrenus* de Robert Fludd, um paralelo entre a cabala cristã e as 22 letras do alfabeto hebraico.

gava descobrir o que interpretara. É certo que a visão e a previsão provêm do mesmo princípio. Mas devemos entender que a linguagem empregada por Nostradamus não pode ser percebida nem entendida mais que no âmbito de uma experiência mística individual, semelhante à que ele viveu. Esta é a mensagem verdadeira que encerram seus versos.

A partir de então, todos os que julgaram ver simples previsões históricas nos enganaram e, ao fazê-lo, enganaram-se a si mesmos. Tudo que Michel de Nostredame profetizou no final de sua vida foi

uma experiência espiritual individual, que achou correto transmitir ao mundo para que cada um a viva por sua vez, tal como ele a viveu.

acontecido a outros profetas e videntes antes dele, de outra maneira que não fosse através de uma linguagem poética e simbólica na qual, depois, cada um jul-

Nostradamus tinha previsto a Revolução Francesa?

Julho de 1790. Um batalhão de guardas nacionais marseheses entra em Salon-de-Provence, recebido pelo alcaide David. Mas tinham se instalado na cidade um pequeno grupo, dirigido por Augusto, mercenário e ladrão famoso, que se dirige à igreja dos Cordoeiros para destruí-la. Profanam o túmulo de Nostradamus, que se encontra na entrada da igreja, e partem o ataúde.

Os ossos do médico de Salon-de-Provence são espalhados, roubados e profanados. Alguns se apoderam destas relíquias como se se tratasse de um santo.

Um cidadão escandalizado, menos assustado que os outros, corre para avisar o alcaide. Este último, acompanhado de seus soldados, dirige-se imediatamente à igreja dos Cordoeiros.

Começa uma breve luta na qual Augusto e seus companheiros são detidos. Depois de cometida esta malfeitoria — pelo que

serão fuzilados três dias mais tarde — e recobrada a calma, o alcaide recupera o resto das relíquias do médico e astrônomo provençal: entre elas uma medalha que Nostradamus trazia ao pescoço, onde estava gravada uma data: 1790! E proclamou aos habitantes da cidade: "O cidadão Nostradamus tinha previsto a liberdade! Devemo-lhe gratidão e respeito!"

Onde começa a lenda de Nostradamus? É impossível sabê-lo. Nos séculos XVI e XVII numerosos astrólogos, como os ingleses John Dee ou Robert Fludd, e Jean-Baptiste Morion de Villefranche, astrólogo e professor de matemática do College de France, o padre capuchinho François Yves — autor de uma obra de previsões sobre futuros acontecimentos na França e na Inglaterra escrita em 1654 —, para citar apenas alguns, também tinham previsto grande problemas na França em 1790.



A arte dos médiums

*Como seu nome indica, o médium é um “meio”, um “intermediário”.
Porém, mais especificamente, seu papel de mediador está situado entre o reino dos mortos e dos vivos.*

A palavra “médium” foi usada popularmente a partir do ano 1860, durante uma época em que as qualidades, dotes e os eventuais poderes dos médiums tiveram um grande sucesso. Foi a escritora Marguerite Yourcenar quem, durante uma entrevista na televisão, observou que os testemunhos das aparições e contatos com os espíritos nunca tinham sido tão numerosos como durante a época em que, simultaneamente, nasceram a fotografia e o telégrafo sem fios. Como se o fato de poder fixar imagens da realidade e transmiti-las através de sons, palavras ou música através de ondas estivesse em correlação com a capacidade que alguns seres têm para entrar em comunicação com o que chamamos o invisível. Poderíamos acrescentar que, a partir daquele momento, procuramos instrumentos tecnológicos que nos permitem ver, não apenas virtualmente o invisível, mas intervir direta ou indiretamente em campos que não são perceptíveis à primeira vista: por exemplo, os micróbios, os vírus, os genes e os átomos.

Mas nem todos os terrenos invisíveis são iguais. Assim, deveríamos utilizar sempre o condicional para falar de fenômenos próprios da arte dos médiums, pois de maneira al-

guma devemos influir nas crenças ou convicções de cada um. De nossa parte, nos limitaremos a revelar as qualidades do médium, no sentido em que se distingue de um vidente ou de um visionário.

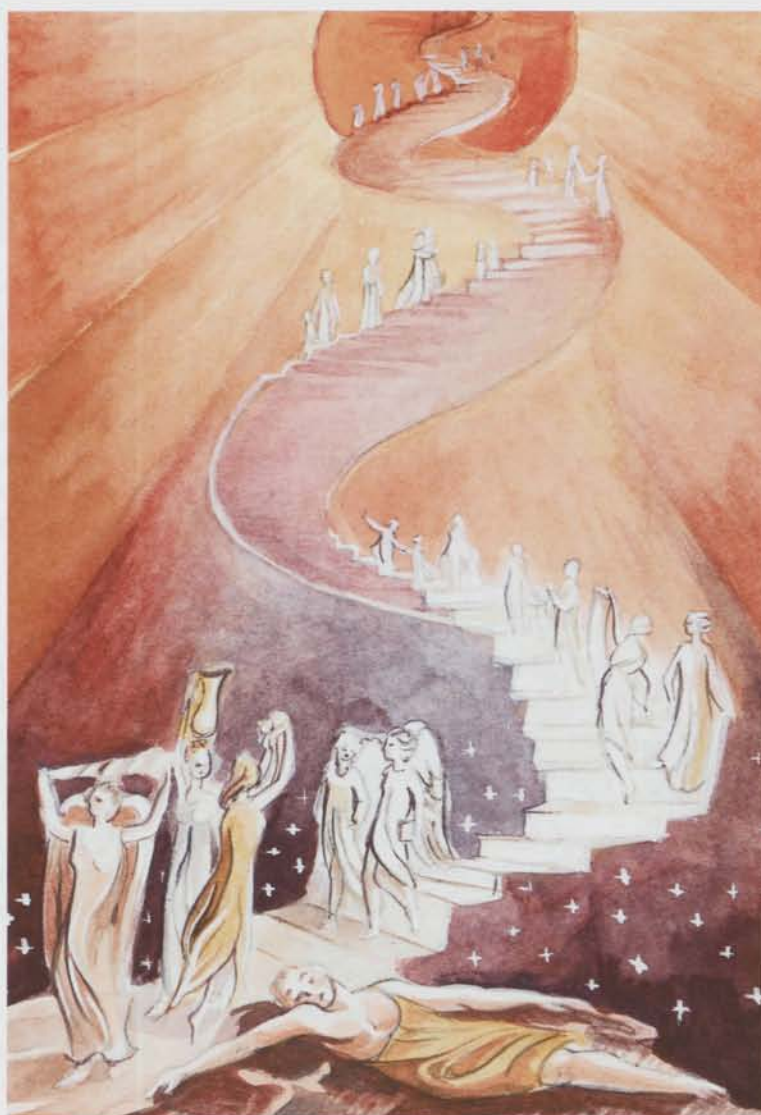
OS MÉDIUNS E A CIÊNCIA

Parece que a palavra “médium” foi usada pela primeira vez pelo pesquisador e erudito sueco Emmanuel Swedenborg (1688-1772) que fundou a primeira revista científica sueca, mas se destacou

principalmente por seu espírito inventivo e sua grande imaginação científica. Assim, foi ele quem definiu os grandes princípios do mundo submarino, um novo sistema de comportas, a futura máquina a vapor, um aparelho voador e uma bomba de mercúrio. Mas também se interessou por geologia, física, química e, principalmente, pela biologia.

Eleito membro da Real Academia de Estocolmo em 1741, foi depois considerado — até hoje — um autêntico filósofo da natureza e fez muito pelo desenvolvimento das artes e da indústria sueca.

Paralelamente, a partir de 1736 aproximadamente, levado por um espírito curioso e científico como era o seu, inclinou-se com muita seriedade para alguns fenômenos específicos. De maneira que observou que algumas vezes era vítima de vertigens e de visões de luzes. De um ponto de vista psicanalítico clínico, os fenômenos que Swedenborg testemunhou foram considerados desde então como os estados que precedem a esquizofrenia.



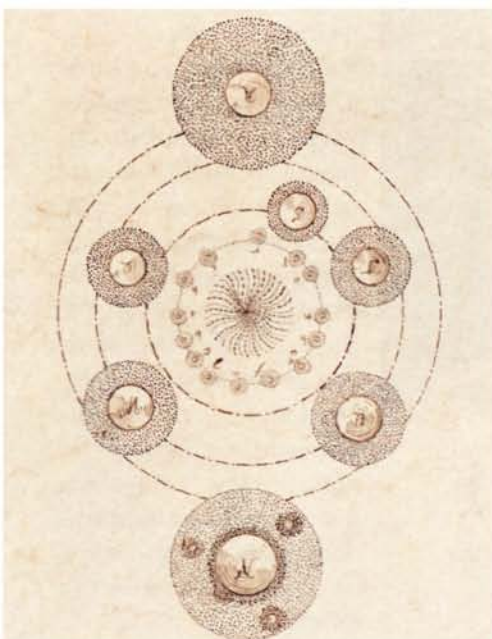
William Blake interessou-se amplamente pelas pesquisas de Swedenborg. Para o pintor e poeta britânico, a “escada de caracol sem fim que leva ao último céu” é uma representação do canal auditivo. Para o pesquisador e erudito sueco, “a abertura do ouvido subjetivo ou interior” permite relacionar-nos com os mundos superiores. (William Blake, A Escada de Jacob, ca. 1800).



No entanto, a partir de 1747, parece que se produziu uma reviravolta em sua vida e em seu pensamento. De fato, este homem sério, rigoroso, lúcido, ponderado, reconhecido unanimemente por suas qualidades de homem de ciências, afirma de repente que estava prestes a entrar em comunicação com os espíritos e os anjos.

A partir deste momento, e até o final de sua vida, Emmanuel Swedenborg dedicou-se sobretudo às ciências físicas e biológicas. E sua reputação nunca foi maculada nem rebaixada pelo fato de, concomitantemente aos seus trabalhos científicos, se interessar bastante pelos fenômenos inerentes à alma, pelas relações psíquicas com o mundo dos espíritos e pelas visões e manifestações sobrenaturais. As obras que dedicou às suas visões e aos fenômenos estranhos, dos quais foi protagonista ou testemunha, tiveram uma profunda difusão em toda a Europa do século XVIII e no pensamento científico e filosófico do século XIX. Sua fama foi tal que o filósofo Immanuel Kant (1724-1804) escreveu um livro inspirando-se nos

Antes de se consagrar em exclusivo às suas visões, Emmanuel Swedenborg elaborou teorias sobre a origem do sistema solar (Emmanuel Swedenborg, Opera philosophia et mineralia, Dresden e Leipzig, 1734).



testemunhos e na obra de Emmanuel Swedenborg: *Os Sonhos de um Visionário Explicados pelos Sonhos da Metafísica*, publicado em 1766. Embora tenha sido declarado herege pela Igreja em 22 de março de 1769, seus semelhantes nunca duvidaram de sua clarividência e é considerado, ainda hoje, um precursor no campo da cristalografia e da biologia moderna.

O escritor Honoré de Balzac afirma em relação ao assunto: “Swedenborg recupera do ocultismo, do bramanismo, do budismo e do misticismo cristão o que estas quatro religiões têm em comum, real, divino, e devolve à sua doutrina uma razão, por assim dizer matemática. Sua religião é a única que admite um espírito superior.”

O QUE É UM MÉDIUM?

Assim, segundo Emmanuel Swedenborg, o médium é um ser dotado de tamanha capacidade psíquica, que lhe permite entrar em comunicação com os espíritos de almas defuntas. Devemos, portanto, distinguir o médium de um vidente e de um visionário.

O médium

Simplificando, diremos que é um ser que consegue entrar em comunicação com os mortos.

Para admitir que tal fenômeno existe, devemos partir necessariamente do pressuposto segundo o qual há outra forma de vida para além da vida terrena e material, em uma dimensão que se encontra além do universo do mundo fenomênico e perceptível à primeira vista, e do qual conhecemos hoje em dia a sua existência. Trata-se do universo das células, dos átomos, das ondas, das estruturas da matéria e da luz.

Os espíritos dos defuntos empregariam de alguma forma este canal, se é que podemos chamar-lhe assim, para entrar em comunicação com o espírito do médium. Atualmente, existe uma técnica, a transcomunicação, que parte deste postulado e que parece oferecer novas perspectivas neste campo de investigação.



Durante uma sessão de espiritismo, William Blake teve a visão do espírito de uma mosca. Desenhou-a, enquanto a mosca lhe explicava que a alma das moscas era a dos indivíduos sanguinários (segundo as palavras do astrólogo e paisagista John Varley). (William Blake, O Espírito de uma Mosca, ca. 1819.)

O vidente

É um ser que, quer por indução — ou seja, explorando suas faculdades cognitivas espontâneas, e assim sem nenhum suporte, — quer por dedução — isto é, utilizando artes adivinhatórias e mancias —, se encontra em condições de penetrar na consciência e na memória intuitivas de um terceiro e revelar os acontecimentos e os fatos relativos ao seu passado e ao seu futuro.

O visionário

É um ser cujas preocupações ou estados de espírito são do tipo místico ou religioso e que, também neste caso, quer por indução — ou seja, sob a influência de fenômenos devidos quase sempre a uma grande receptividade psíquica — quer por dedução, empregando técnicas de meditação e orações, consegue ser objeto de visões proféticas.



O que é a adivinhação?

A adivinhação é um jogo para um ser sensato, preocupado em converter-se em dono de seu destino e mostrar-se digno do mesmo.

Pode parecer absurdo levantar esta pergunta em um mundo onde tudo parece previsto, organizado de antemão e onde não se deixa nada ao acaso. No entanto, poderíamos dissertar longamente sobre a adivinhação, pois esta existe desde que o mundo é mundo, até tal ponto que o divino e o adivinho parecem sempre haver formado parte integrante do pensamento e da mentalidade do ser humano.

Se queremos encontrar referências históricas sobre a adivinhação e a observação do céu e das estrelas, pois sempre necessitamos ter presente uma cronologia, não temos mais que citar ao astrônomo e sacerdote caldeu Beroso, que também era historiador e que emigrou da Babilônia à Grécia no ano 300 antes de Cristo aproximadamente, onde fundou a primeira escola de astrologia, na ilha de Cos. Com respeito à adivinhação, já calculava que se podia remontar até 490.000 anos atrás... Mas não foi o único a anunciar este número de anos. Cícero, o filósofo romano, do século I antes de nossa era, e Plínio o Velho, o naturalista e escritor latino do século I de nossa era, coincidiam em que essas ciências se remontavam até 480.000 anos. Quanto a Deodoro Sículo, historiador grego contemporâneo de Cícero, este pensava, com mais modéstia, que se podia calcular em 473.000 o número de anos que separavam a sua cólica das primeiras aparições da adivinhação. Sem dúvida alguma, nada nos permite confirmar tais estimativas. Mas tampouco nada nos autoriza a invalidá-las, pois parece que a noção do divino e a adivinhação, que sempre a acompanha, estiveram presentes na história da humanidade, por mais longe que recuemos no tempo.



O ORÁCULO DA ADIVINHAÇÃO E A OBSERVAÇÃO CIENTÍFICA

Mas voltemos aos tempos presentes e tentemos compreender em que consiste a adivinhação e qual é a diferença da ex-

Este adivinho traça na areia complexas figuras que representam o mundo. Durante a noite, os animais que passarem por cima modificarão esses desenhos, criando assim uma mensagem adivinhatória.



periência científica, a qual, por razões conhecidas, é a única referência tangível para nós.

Para isso, tomaremos um exemplo muito simples e, neste caso, não criticaremos em absoluto a observação científica, que tem razões de sobra para existir e da qual nosso mundo moderno tanto tem se beneficiado com suas numerosas e indiscutíveis vantagens. Não se trata, insistimos, de opor o oráculo da adivinhação à observação científica, mas sim de tentar demonstrar que uma e outra procedem de dois pontos de vista diferentes, porém não opostos, e, quem sabe, talvez inclusive complementares.

Porque, histórica e cronologicamente, não se pode negar que o oráculo da adivinhação não apenas precedeu a experiência científica, como também foi a origem da ciência dos presságios, os quais podem ser considerados a primeira organização metódica e científica do mundo e, em consequência, precursora das ciências modernas.

CARA OU COROA?

Nosso exemplo é a moeda que lançamos ao ar dizendo: cara ou coroa?, quando queremos repartir uma tarefa entre nós sem que às partes em jogo pareça uma divisão arbitrária, quando desejamos obter algo, conseguir algum bem ou fazer alguma escolha quando não nos vemos capazes de tomar nenhuma decisão. Que estamos fazendo ao lançar a moeda pronunciando as conhecidas palavras? Remeter-nos ao acaso. Não somos nós, portanto, que decidimos o que nos parece difícil decidir, mas sim o acaso. Por isso, se você tem sorte de que a moeda caia do lado de sua escolha, pode considerar que obteve uma informação positiva, isto é, um oráculo favorável. Por outro lado, se a moeda cai do outro lado, seu oráculo é desfavorável. É evi-

dente que a observação científica exclui qualquer perspectiva de acaso. Para o cientista, o acaso não pode existir e deve inclusive ser eliminado.

A experiência científica implica efetivamente a repetição imutável de alguns fa-



tores e parâmetros, que são identificáveis, que se podem medir e quantificar, e que se podem reproduzir até o infinito e que, obviamente, não deixam nada ao acaso, pois se, precisamente por acaso, algum fator inesperado se manifestasse, se poria em dúvida, por exemplo, a ordem e a coerência de uma

fórmula. Daí que possamos deduzir que, do ponto de vista científico, o acaso é o elemento que deve ser forçosamente eliminado, enquanto que para o oráculo da adivinhação, tudo se baseia no acaso, tudo depende dele. A pesquisadora Marie-Louise von Franz escreveu a este respeito: "As experiências eliminam o acaso, o oráculo faz do acaso seu centro; a experiência se baseia na repetição de um fenômeno, o oráculo se baseia em um ato único. A experiência se baseia em um cálculo de probabilidades e o oráculo utiliza o número único e individual como fonte de informação".

OS PRINCÍPIOS DA ADIVINHAÇÃO: O JOGO, A EMOÇÃO E O DESTINO

A emoção é um movimento constante. O homem é evidentemente um ser equipado de numerosas emoções, que, na maioria das vezes, produzem nele não menos numerosas contradições e certa confusão. Mas, o jogo, de qualquer que seja o tipo, é uma forma como qualquer outra de organizar o mundo interior e exterior ao mesmo tempo, de ser o centro de tal organização e, assim, pôr ordem em suas emoções, inclusive dominá-las. Quando o espírito do homem está jogando, este é deus, isto é, é dono de suas emoções. Não em vão, tal domínio lhe permite fazer escolhas, tomar decisões, atuar "conscientemente" ou "a propósito", como se costuma dizer. Faz o que crê que deve fazer. E se tiver obtido um signo, uma aprovação ou um conselho, o fará bem mais e melhor. Por isso interrogamos o oráculo e praticamos a adivinhação.

O grande jogo da vida é a realidade. Mediante a adivinhação, o homem sempre tentou não perder sua vida, mas sim ganhá-la, isto é, transformar-se em dono de seu destino e ser digno dele.



A rabdestesia ou a forquilha e o pêndulo

A forquilha é o instrumento do vidente e o pêndulo é o do rabdestesista. Porém, apesar de sempre acreditarmos na forquilha, não ocorre o mesmo com os que utilizam o pêndulo.

Não podemos aludir a essa ciência esotérica sem reforçarmos até que ponto a fronteira que separa o racional do irracional, tal como o concebemos hoje em dia, é muito delicada. Dessa forma, se a curiosidade foi uma das principais motivações que levaram o homem a estudar cientificamente o mundo, a indagar a realidade até as suas raízes mais profundas, às vezes inquestionáveis, talvez as preocupações utilitárias e as aplicações práticas das pesquisas científicas foram muito determinantes. Quando observamos a história, temos a sensação de que, geralmente, o homem fez uma descoberta por casualidade, sendo chamado posteriormente de cientista, com uma finalidade puramente utilitária, que demonstra engenho e uma espécie de espírito de iniciativa que estabeleceu o sistema que, quase sempre, reproduz o que já existe na natureza e que, uma vez estabelecido, realizado e relativamente confiável, o estuda cientificamente para melhorar os seus resultados. É nessa etapa que compreende verdadeiramente como funciona, tira medidas, faz cálculos, verificações, experiências, em resumo, transforma-se nesse homem de laboratório que hoje chamamos de cientista.

Na fronteira entre esses dois comportamentos, ou seja, por um lado a descoberta espontânea, sem cálculos precisos, para fins puramente utilitários e, por outro lado, o estudo científico, a observação sistemática de tal descoberta, apareceu a rabdestesia, a qual não podemos negar que se baseia em princípios e fenômenos conhecidos, mas que dificilmente podem ser verificados de maneira científica, porque



A forquilha de aveleira, utilizada há milênios, ainda é empregada na atualidade para detectar poços.

além de fatores tangíveis e que podem ser medidos, também consta de estranhos parâmetros.

O QUE É A RABDESTESIA?

“Rabdestesia” é um termo muito recente, que deriva da palavra “radiestesia”, criada no século XIX por um abade chamado Bouly para designar uma ciência que se baseava em um sistema e um método que permitia perceber e agir sobre as radiações emitidas sobre o corpo humano, em particular, e todos os corpos em geral.

A palavra “radiestesia” deriva do latim *radius*, “raio”, e do grego *esthetikos*, “que tem a capacidade de sentir”, e do qual derivou a palavra “estética”. Dito de outra forma, literalmente, a rabdestesia também é a capacidade de sentir os

raios, sentido que, como vemos, se desvia consideravelmente do ponto de vista científico. De fato, não dizemos que um microscópio, por exemplo, tem a capacidade de ver micróbios. Dessa forma, a rabdestesia continua ausente em todas as obras e dicionários científicos, mesmo que encontremos extensos capítulos dedicados às radiações e aos raios. Não é então, uma autêntica ciência no sentido entendido na atualidade.

A FORQUILHA

Quando, como e por que o homem teve a necessidade de “sentir os raios”? Só podemos fazer suposições a respeito. Porém, tudo indica que foi para encontrar água, uma fonte, em um lugar onde *a priori* parecia havê-la.



Foram descobertas pinturas rupestres do Neolítico, nas cavernas localizadas no norte do Saara, sobre as quais está representado um homem com uma forquilha na mão. No entanto, também encontramos a famosa forquilha no antigo Egito, na China e, principalmente, na civilização Inca. A forquilha de aveleira, muito usada na Antiguidade, voltou a ser usada na época das grandes descobertas, pois muitos queriam encontrar tesouros, ouro e metais preciosos com esse instrumento. No entanto, por razões óbvias, os indivíduos que se dedicavam a detectar fontes e acumulações de água com a forquilha eram perseguidos impiedosamente pela Inquisição e executados publicamente como as bruxas. Nessa época, para a Igreja, as bruxas obedeciam o demônio e por isso eram castigadas.

No início do século XVII, um fiscal geral das minas do reino de Luís XIII encontrou mais de 150 jazidas, utilizando uma forquilha de aveleira. Por outro lado, no final desse mesmo século, outro adepto à forquilha de aveleira tornou-se famoso. O seu nome era Jacques Aymar e era conhecido por reconhecer assassinos apenas usando a sua forquilha.

Certamente, tudo isso atualmente nos pode parecer engraçado e inclusive absurdo, e preferimos confiar nas pegadas, chamadas provas genéticas. Até o dia em que, talvez percebamos a existência de outras provas ainda mais indestrutíveis: as que os nossos atos marcam na nossa alma. Porém, ainda não chegamos ao ponto de admitir que a alma pode ser detectada por certas radiações próprias e que são emanadas por todos nós.

O PÊNDULO

A partir do final do século XIX, como já vimos, surgiu o termo “rabdestesia”, ao mesmo tempo que o uso do pêndulo se ampliava entre os que praticavam essa curiosa ciência. O primeiro a utilizar com frequência o pêndulo, foi o famoso abade Bouly, que viveu

entre os séculos XIX e XX. Ele usou o pêndulo para detectar muitos sítios arqueológicos da Idade Média e do período galo-romano e do final da Primeira Guerra Mundial, quando foi enviado pelo governo francês para rastrear as minas e as bombas. Como vemos, nem a Igreja — que se opôs duramente à tais práticas durante a Inquisição —, nem as instituições — que nessa época eram menos reticentes no que se refere a esse tipo de prática, tanto que obtiveram bons resultados — desprezaram os serviços do abade Bouly.

No entanto, apesar do movimento do pêndulo se basear em uma lei fundamental enunciada na época por Gali-

leu, que ninguém nega a sua exatidão, o uso que os rabdestesistas fazem, principalmente como ajuda ou suporte ao diagnóstico médico, talvez deva ser colocado em dúvida. Não estamos com isso dizendo que não possui fundamentos, mas, considerando que não se apóia sobre nenhuma regra nem deontologia, basta com que alguns indivíduos tenham esse instrumento nas mãos para acreditarem que possuem um dom sobrenatural que lhes permitem curar, detectar fontes, tesouros ou um corpo enterrado. Dessa forma, apesar da forquilha mágica ter dado provas das suas aptidões desde cerca de 6.000 anos, as do pêndulo continuam sem ser demonstradas.



Apesar do movimento do pêndulo se basear em uma lei fundamental, o seu emprego por alguns rabdestesistas para encontrar pessoas desaparecidas continua sendo empírico.



A piromancia

ou a adivinhação através do fogo

Sem nenhuma dúvida, há muito tempo, o homem já tinha visões olhando para o fogo. Se sentarmos diante de uma fogueira e a observarmos, ainda podemos entendê-lo facilmente.

Segundo o filósofo e psicanalista Gaston Bachelard, “o fogo dentro do lar foi sem dúvida o primeiro sujeito de ilusões, o símbolo do repouso, o convite ao descanso, já que não se pode conceber uma filosofia do descanso sem sonhar diante das velas que se consomem. Também, em nossa opinião, deixar de sonhar diante do fogo é perder o primeiro uso verdadeiramente humano deste elemento. Sem dúvida que aquece e conforta. Mas não temos consciência desse conforto até que realizemos uma contemplação suficientemente prolongada; não sentimos o bem-estar que nos proporciona o fogo se não apoiarmos nossos cotovelos nos joelhos e a cabeça em nossas mãos. Esta atitude vem de longe. É o que uma criança faz quando está próxima do fogo. Não é em vão a posição do Pensador. Determina uma atenção muito particular, que não tem nada que ver com a atenção da escuta ou da observação. Raramente se utiliza em outro tipo de contemplação”.

O PODER E A MAGIA DO FOGO

O fogo está em todo lado, em nós e a nossa volta, invisível e visível. O fogo é criador e destruidor, regenerador e purificador.

O fogo vem do céu: raios de sol que aquecem a Terra, mas que podem incendiar as florestas; relâmpagos que cruzam o céu, o raio que cai das alturas. Talvez meteoritos inflamados que os homens da Antiguidade viram cair do céu para a terra e que confundiram



com bolas de fogo. Mas o fogo também sai das entranhas da terra pela cratera dos vulcões. Também o vemos no homem que arde em febre.

Concordamos em afirmar que o domínio do fogo foi uma etapa fundamental na evolução do homem, inclusive tão importante quanto a etapa que o viu passar da posição horizontal para a vertical. Tanto em um caso como no outro, sua visão do mundo e o papel que podia e devia ter mudaram. Acredita-se que foi no período chamado Pleistoceno — ou seja, há mais ou menos 500 mil anos — que o *Homo erectus* o dominou, sem dúvida

alguma por razões utilitárias. Talvez usasse simplesmente o fogo natural, ocasional, conseqüência de um incêndio, por exemplo, que mantinha soprando algumas brasas. Os paleontólogos acham que o primeiro uso do fogo foi de ordem culinária. É bastante possível. Mas, no homem, o caráter utilitário e o caráter mágico, sobrenatural ou divino dos elementos não eram incompatíveis.

Parece inclusive que sempre considerou que este poder que podia exercer para tornar a vida muito mais simples e agradável — ainda não falamos de conforto — provinha de um milagre, de um dom extraordinário que, de uma ou de outra forma, lhe tinha sido concedido pelos deuses.

O pragmatismo e o sobrenatural estiveram sempre de mãos dadas para os nossos antepassados, por mais afastados que estejam um do outro. E devemos admitir que o fogo em si mesmo é um elemento absolutamente fascinante, tonificante e tranqüilizador, mas, ao mesmo tempo, aterrador pela devastação que pode causar.

Quaisquer que sejam os instrumentos de que dispomos, e atualmente são tecnologicamente muito sofisticados, não podemos fazer nada contra os elementos como o fogo e a água quando se “revoltam”.

Sabemos disso muito bem. Por isso, continuam produzindo os mesmos terrores obscuros em nós, que tentamos conjurá-los em vão.



OS SINAIS DO FOGO

Portanto, nossos antepassados viram no fogo um elemento sobrenatural, talvez a emanção ou o atributo de um deus, de uma divindade da natureza. Por isso, rapidamente e de forma natural ocorreu-lhes consultá-lo e ler nele os presságios.

Aqui oferecemos alguns dos mais célebres métodos de interpretação do fogo, embora existam muitos mais:



A calcinomancia é uma adivinhação baseada no princípio das formas que alguns objetos lançados ao fogo adotam e que se consomem lentamente.



A capnomancia é uma arte adivinatória baseada na fumaça que sai de um fogo.



A ceraunioscopia é uma arte adivinatória mais dirigida para as formas e os aspectos dos relâmpagos cruzando o céu durante uma tempestade e os lugares onde cai o raio, do que o próprio fogo. Não obstante, esta ciência está relacionada com ele.



A ceromancia tem também uma relação indireta com o fogo, pois esta arte adivinatória resulta da observação das formas, sempre variáveis, que a cera de uma vela derretida ou um círio adotam.



A molibdomancia tem também algo a ver com o fogo, já que se sustenta na observação do chumbo fundido, quer na forja quer em água fervente.



A piromancia é, evidentemente, a adivinhação através do fogo. Mas agrupa a *capnomancia* e a *piroscopia*, ou seja, o estudo das chamas do fogo. Porém, a *piroscopia* também era uma arte cem por cento adivinatória, especialmente no Egito, onde a disciplina consistia em observar uma folha de papiro consumindo-se lentamente.

Algumas interpretações piromânticas

Se você tiver a oportunidade de se sentar diante do fogo de uma lareira ou à volta de uma fogueira, observe atentamente as chamas. Talvez veja algumas destas formas, todas com caráter adivinatório e que podem ser interpretadas como presságios.

Animal: cada animal tem um significado simbólico particular; seja qual for a figura que tenha identificado entre as chamas, tenha sempre presente que para os nossos ancestrais um espírito humano podia habitar o corpo de um animal.

Espada: conflito, luta, rompimento, problema de saúde.

Mão: ajuda, amor, união, acordo.

Pássaro: notícia, mensagem, encontro, viagem.

Rosto: proteção providencial, sorte, auxílio, favor.



A sideromancia está igualmente relacionada com o fogo, pois se trata de uma leitura adivinatória a partir do ferro em brasa.



A teframancia baseia-se na observação das cinzas de um fogo previamente utilizado para fazer um sacrifício.





A cafetomania

ou a adivinhação da leitura das borras de café

A cafetomania é uma arte adivinhatória cuja origem é muito anterior ao aparecimento do café na civilização ocidental.

As borras do café assim como a bola de cristal, são clichês que são empregados com frequência quando se quer ilustrar a adivinhação ou a vidência. Em geral, estes métodos não são levados a sério. Como é possível que o futuro de cada um de nós apareça escrito e seja legível em uma bola de cristal ou no fundo de uma xícara de café?

Assim, os cépticos ou os racionalistas escolhem estes exemplos para justificar sua aversão pela ciência dos presságios, que, lembremos, é a base de todas as observações científicas atuais.

HISTÓRIA DA CAFETOMANCIA

No começo, tratava-se seguramente de “chá-mancia”, embora esta palavra não exista. Efetivamente, na Ásia, na China e sobretudo no Japão, eram utilizadas folhas de chá para descobrir os presságios no fundo das xícaras. Este método era empregado ou levantando a tampa da chaleira e observando a posição das folhas de chá que flutuavam na superfície da água — quando esta estava parada, claro — ou observando a disposição das folhas coladas no fundo da xícara, depois do chá ter sido bebido ou despejado. Segundo um método idêntico, os adivinhos romanos liam o pé do vinho, isto é, os depósitos que o vinho deixava no fundo das vasilhas.

É provável que este tipo de adivinhação se utilizasse também entre muitos outros povos de todas as latitudes.

De fato, é uma arte adivinhatória que se baseia na fixação de certos elementos naturais em uma ordem ou em uma harmonia imprevisível, constituindo assim formas e figuras que ganharam,



pouco a pouco, significados simbólicos, os quais podiam ser atribuídos a sinais ou dos quais se podiam deduzir presságios. Assinalemos de passagem que é o mesmo princípio que os chineses utilizavam quando lançavam os rebentos no I Ching, imitando assim a natureza. Também é a origem do jogo de dados e de todos os jogos chamados de azar. Ao jogar, imitamos a natureza. Ora, sabemos que a natureza é um grande livro de presságios.

Aqui entramos de cheio nos próprios fundamentos em que se baseia a teoria da física moderna, chamada Teoria do Caos, se-



gundo a qual existe também uma ordem, uma estrutura harmônica intrínseca e matemática nas desordens da matéria e, poderíamos dizer, no imprevisível.

MOLIBDOMANCIA E CEROMANCIA

Na Idade Média, os alquimistas empregavam também uma arte adivinhatória semelhante, que consistia em banhar estanho ou chumbo em água fria. O metal fundido solidificava repentinamente e adotava formas que o adivinho interpretava segundo algumas tabelas de presságios.

Esta prática foi chamada molibdomancia por volta de finais do século XVIII, tomando emprestado o nome de um metal descoberto pelo mineralogista Hielm: o molibdênio. Este sólido metal, de cor branca como a prata opaca, maleável, muito difícil de fundir e composto de chumbo, foi utilizado então em fusão e em submersão em água fria para fins adivinhatórios, justamente pela sua maleabilidade. A partir de um princípio semelhante, nasceu a ceromancia;

para esta técnica adivinhatória, utilizava-se a cera derretida de uma vela ou de um círio, que em contato com água fria adotava diversas formas instantaneamente.

A ceromancia aconselhava a derreter a cera sobre um jarro cheio de água, a qual, ao cair adotava formas variadas, complexas e significativas. Esta arte adivinhatória gozou de grande popularidade na Europa no século XVIII, durante a época em que as cartas eram enviadas lacradas.



PRÁTICA E INTERPRETAÇÃO DA CAFETOMANCIA

O café da manhã é já um costume. Às vezes, ao bebê-lo e por brincadeira, fazemos alusão às borras do café, observando as formas ondulantes e esbranquiçadas que aparecem na superfície e que são consequência do calor, da pressão ou do açúcar que se costuma adi-

cionar a esta bebida. Porém, podemos realizar interpretações e retirar presságios dessas figuras fugitivas que vêm efetivamente à superfície das nossas xícaras cheias de café. Basta simplesmente que se concentrem e fixem seus movimentos espontâneos, que formam uma espécie de desenhos. Para aprender a lê-los, é suficiente identificá-los e consultar

a lista de presságios abaixo, estabelecida a partir das interpretações dos adivinhos do café (simpaticamente, poderíamos chamá-los "cafetomantes"). Estes liam tanto nas folhas de chá como nas borras do café. Assim, você poderá treinar improvisando com o café da manhã e descobrir os presságios para esse dia que está começando.

As interpretações das principais figuras na cafetomancia

Abelha: receberá uma boa notícia ou obterá qualquer sucesso.

Âncora: brevemente fará uma viagem ou estará em relação com o estrangeiro, um país longínquo ou com alguém que vem de longe.

Anel: andarás satisfeito, encantado e feliz. Receberá uma proposta agradável. Seguramente que será cumprido um acordo.

Aranha: descobrirá um segredo.

Arco: receberá uma má notícia. Andará cansado.

Asas: este dia deveria passar muito rapidamente para você.

Avião: partirá de repente.

Balança: terá algo a ver com a justiça.

Baleia: obterá um êxito profissional.

Barco: receberá uma visita.

Borboleta: se mostrará frívolo ou despreocupado.

Bota: sua situação progredirá. Terá sucesso no que empreender.

Burro: terá atritos com uma pessoa teimosa ou você mesmo terá tendência a obstinar-se contra tudo que é razoável.

Carrinho de mão: passará um momento com um dos seus amigos.

Cavalo: será muito amado ou estará muito apaixonado.

Chapéu: espera-o uma mudança.

Chave: receberá ofertas de novas perspectivas inesperadas.

Círculo: encontrará plenitude em sua vida sentimental ou profissional.

Coelho: deverá demonstrar coragem e perseverança.

Coração: receberá visíveis provas de afeto.

Coroa: terá um triunfo pessoal.

Cruz: terá dificuldades, preocupações, ou problemas. Sua saúde se debilitará. Terá oportunidade de uma escolha.

Escada: sua situação evoluirá ou você progredirá.

Estrela: terá sorte. Se tiver cinco pontas: estará plenamente satisfeito; se tiver seis pontas: será informado de um nascimento; se tiver oito pontas: se produzirá uma mudança positiva.

Faca: alguém querará fazer-lhe mal.

Flecha: receberá uma notícia que o impactará.

Flor: um de seus desejos será realizado.

Folha: seus lucros crescerão.

Garrafa: receberá um favor ou passará um momento agradável.

Gato: terá conflitos com uma pessoa maliciosa ou hipócrita.

Linha: reta: dia sem problemas; curva: espere qualquer imprevisto; sinuosa: dia instável e desconcertante; inclinada para cima: progresso, evolução e otimismo; inclinada para baixo: fracasso e pessimismo.

Livro: não poderá fazer nada sem conselho.

Lua: crescente: boa notícia e boa saúde; minguante: má notícia e saúde fraca.

Maçã: obterá um êxito profissional ou financeiro.

Machado: aparecerão obstáculos para ultrapassar ou problemas para resolver.

Mão: estará em relação com um amigo.

Mesa: será convidado. Terá uma discussão. Uma reunião de família é previsível.

Montanha: será ambicioso.

Noz: terá uma decepção sentimental.

Números: o número que aparecer será o do número de dias que faltam antes de ocorrer um acontecimento importante em sua vida.

Nuvens: tenha por certo que terá problemas.

Olho: será clarividente ou vigiado de perto por alguém.

Ovo: sua situação será próspera. Obterá um sucesso. Criará algo novo. Sentirá uma grande alegria.

Pato: terá uma entrada de dinheiro.

Pena: será instável. Faltarão profundidade em você.

Quadrado: receberá um presente. Viverá em condições confortáveis. Sua situação lhe dará segurança.

Roda: terá muita sorte.

Rosto: pensará em alguém ou uma pessoa do seu meio pensará muito em você.

Sapo: uma mudança o beneficiará.

Serpente: alguém estará aborrecido com você ou tentará feri-lo.

Tacho: andarás inquieto, nostálgico ou terá remorsos.

Tesoura: terá um conflito, uma disputa ou uma discrepância com alguém.

Trevo: terá muitíssima sorte.

Triângulo: com a ponta para cima: êxito, triunfo; com a ponta para baixo: fracasso.

Tridente: seus desejos se cumprirão.

Vela: será ajudado ou apoiado. Terá uma boa idéia ou o espírito iluminado.





A cristalomania ou a adivinhação através do cristal

Ainda hoje a bola de cristal é o instrumento de adivinhação mais representativo dos videntes. Não é em vão que esta arte adivinhatória é uma das mais antigas e naturais que existem.

É possível ler o futuro numa bola de cristal, segundo a fórmula tradicional? Muitos videntes dizem que sim e a utilizam para decifrar os arcanos de um futuro imediato ou distante, referentes às pessoas que os consultam, sem saber realmente como funciona..., se é que realmente funciona.

A ORIGEM DA CRISTALOMANCIA

Podemos imaginar a surpresa que o primeiro ser experimentou ao ver seu próprio reflexo em um espelho ou em um rio quando se inclinou para beber água, sem compreender ao princípio que se tratava dele mesmo? Não por acidente são abundantes os espíritos da água, de fontes, açudes, lagos e gelo, em diferentes culturas e civilizações.

De fato, quando o homem se aproximava da água, via refletido um ser imaterial, parecido com ele, que acabou por considerar sua duplicação mágica. Além disso, lia neste reflexo sinais provocados pelos movimentos da água: ondas, torvelinhos redemoinhos...

As bases da adivinhação através do cristal se confundem com o descobrimento do espelho natural e a tomada de consciência do duplo e da alma, que reencontramos na lenda mitológica grega de Psique.

A catoptromancia, ou adivinhação através de um espelho, era praticada normalmente por magos e adivinhos gregos, que submergiam um espelho na água das fontes ou mananciais sagradas para ler assim os presságios.

Na China antiga, utilizavam-se os espelhos de bronze polido, decorados com símbolos mitológicos, cosmológi-



cos e astrológicos, para encontrar reflexos dos demônios que se invocavam. A aparição do que hoje chamamos bola de cristal é muito mais recente. Data de meados do século XIII e tem sua origem na Europa medieval. Sem dúvida foi importada do Oriente, onde surge o ofício de vidraceiro, do ourives que talhava as pedras de cristal. A indústria do vidro é

também uma das mais antigas que existem e era já conhecida no Antigo Egito, onde também teve lugar a descoberta do vidro soprado.

Este artesanato chegou a Roma através dos Fenícios. As melhores mostras de arte do vidro da Idade Média saíram de Bizâncio; e mais tarde se desenvolveram principalmente em Veneza (é muito fa-



moso o cristal de Murano). Na região centro-européia da Boêmia o vidro pasou a ser apreciado a partir do século XVI.

A ADIVINHAÇÃO ATRAVÉS DO CRISTAL

Porque o homem talhou o cristal em forma de esfera? Simplesmente porque a esfera ou bola, simbolicamente em analogia com o círculo, representa a perfeição absoluta, o mundo em sua totalidade. Quanto ao cristal, trata-se do instrumento natural que os deuses puseram à disposição dos homens para entrar em contato com eles, uma espécie de instrumento de comunicação entre o visível e o invisível. Assim, em um princípio, estes dois símbolos juntos tinham um caráter mágico e sagrado. De modo que se organizou um verdadeiro ritual em torno da utilização da esfera de cristal. Porém, as consultas só eram feitas em ocasiões específicas,

em circunstâncias excepcionais, cujos grandes princípios eram os seguintes:

- a esfera que se utilizava tinha que ser de cristal de rocha ou berilo, de uma pureza absoluta, sem nenhuma bolha ou ornamentos;

- quando não estava sendo utilizada, a esfera tinha que ser protegida da luz do sol, que podia destruir suas virtudes e manchar a pureza do cristal.
- a esfera de cristal tinha de ser guardada em um lugar secreto, unicamente conhecido por seu possuidor, no norte e a uma temperatura constante e moderada;
- o cristalomante consultava a esfera exclusivamente à noite, em período de lua cheia ou crescente, em presença de um só consultante, em meio a um silêncio absoluto, sem tocar jamais no cristal.

Via nele as nuvens de formas distintas, símbolos que interpretava segundo um código particular, e às vezes via acontecimentos que tinham um ou outro significado, segundo apareciam diante, atrás, à direita ou à esquerda da esfera.



A água, espelho natural, origem da cristalomania.

Código de interpretação da adivinhação através do cristal

AS NUVENS

Nuvens escuras: *dificuldades, preocupações, confusão, infortúnios.*

Nuvens claras: *dificuldades a ponto de desaparecer, problemas resolvidos ou possibilidade de resolvê-los proximamente por parte do consultante.*

Nuvens azuis: *felicidade, bem-estar, alegria, período favorável.*

Nuvens verdes: *prosperidade, sorte, lucros.*

Nuvens violetas: *vida harmoniosa e tranqüila.*

Nuvens vermelhas: *paixão, luta, conflito, muita atividade.*

Nuvens amarelas: *esclarecimento necessário, verdade que parece com toda a clareza.*

Nuvens alaranjadas: *dúvida, indecisão, falta de firmeza com os problemas e dificuldades.*

Nuvens que se deslocam da direita para a esquerda: *a intensidade dos elementos revelados pelas cores das nuvens vai diminuindo.*

Nuvens que se deslocam da esquerda para a direita: *a intensidade dos elementos revelados pelas cores das nuvens vai aumentando.*

OS SÍMBOLOS

Âncora: *situação estável, equilibrada.*

Balança: *intervenção da justiça, decisão de justiça, juízo imparcial ou arbitrário, segundo o caso.*

Cálice: *união, associação, contrato, proposta.*

Coração: *vida amorosa intensa, grande amor.*

Coroa: *êxito, prestígio, responsabilidade.*

Espada: *luta, conflito, combate, desacordo, hostilidade.*

Estrela: *sorte constante ou passageira, acontecimento providencial.*

Fruto: *nascimento, criação, colheita.*

Máscara: *traição.*

Olho: *tomada de consciência, clarividência, previsão, lucidez, revelação.*

Pássaro: *notícia, viagem.*

Serpente: *vida dissoluta, excesso, problemas de saúde.*

ACONTECIMENTOS OU ROSTOS QUE APARECEM NO CRISTAL

Na parte anterior da esfera: *acontecimentos ou pessoas que intervêm na vida do consultante no presente ou que se manifestarão em um futuro imediato.*

Na parte posterior da esfera: *acontecimentos ou pessoas presentes há muito tempo na vida do consultante ou que jogaram um papel importante no passado.*

À esquerda da esfera: *acontecimentos ou pessoas em quem o consultante não deve confiar.*

À direita da esfera: *acontecimentos benéficos ou pessoas suscetíveis de ajudar ou apoiar o consultante.*



A metoposcopia ou adivinhação através dos sinais

Os sinais no rosto da mulher

Os sinais do nosso rosto e do nosso corpo podem ser comparados a estrelas fixas: revelam nosso caráter e nosso destino.

Da mesma maneira que podemos decifrar os sinais inscritos no céu ou revelados por certos fenômenos naturais, também podemos ler como em um livro aberto nosso rosto, nosso corpo, as palmas de nossas mãos, as plantas de nossos pés, assim como nossas atitudes, gestos e forma de andar. Tudo que somos transparece no menor dos nossos traços e comportamento. Se soubéssemos utilizar estas técnicas ancestrais conscientemente, com certeza não nos deixaríamos enganar tão facilmente tanto por nós mesmos como pelos outros. Assim, por exemplo, saberíamos distinguir com um simples olhar a impostura e as incoerência que prevalecem em muitas campanhas publicitárias, onde um produto de consumo se associa a uma pessoa de uma beleza plástica inegável, mas cujos traços denotam uma indiferença, um desinteresse e às vezes até um desprezo pelo produto que ela mesma apresenta.

Entre todas as técnicas empíricas que se referem a observações minuciosas e seculares, a metoposcopia (ou adivinhação através dos sinais) é uma das mais antigas e metódicas que existem. Era utilizada na Mesopotâmia, no Egito e na China, e mais tarde, como muitas das artes adivinhatórias e práticas esotéricas, recuperou seu interesse no Renascimento. Estas são algumas das lições que podem ser extraídas desta arte adivinhatória, sem dúvida uma das fontes de inspiração da morfopsicologia moderna.

OS SINAIS NO ROSTO

Cada uma das zonas do rosto tem um significado particular, tanto no que se refere à caracterologia e ao comportamento do indivíduo como ao seu destino.

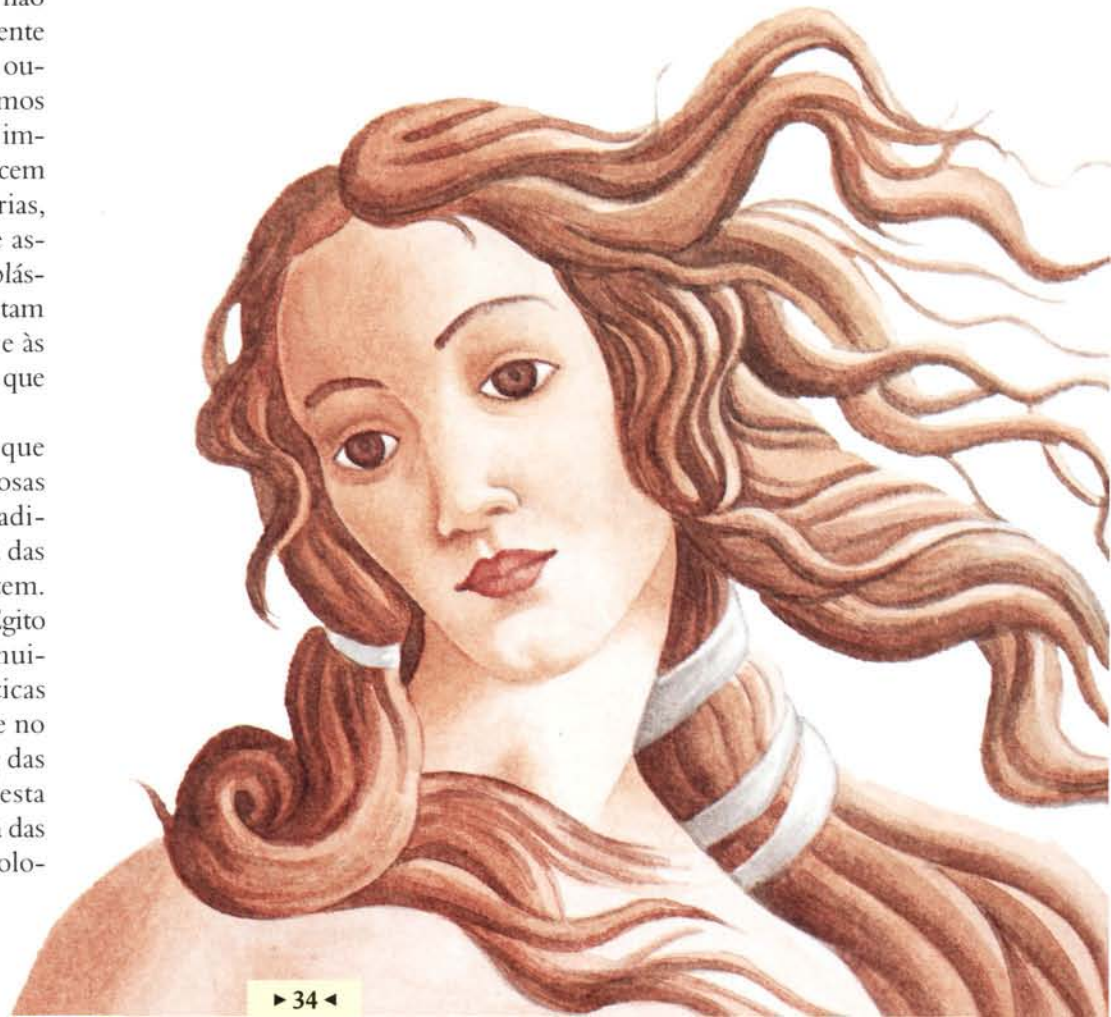
No rosto da mulher, selecionamos trinta desses sinais particulares que nos parecem dignos de interesse.

Evidentemente, dependendo do tamanho do sinal, a adivinhação atribuída à

sua presença em uma outra zona será mais ou menos evidente.

Assim, consultando o “mapa” do seu rosto, você deverá matizar as informações que ele revela, isto é, dar-lhes sua própria interpretação.

Além disso, o número de sinais que cobrem seu rosto fornecerão informações complementares ou contraditórias. Anote portanto estas informações e faça uma síntese hábil.





INTERPRETAÇÕES DOS SINAIS NO ROSTO DA MULHER



Na testa

• *À esquerda:* profundo apego à mãe, grande feminilidade e sentimento de rivalidade feminina.



• *À direita:* grande amor pelo pai, caráter firme e necessidade de admirar o homem amado.



• *Na raiz do cabelo:* forte influência do meio familiar, profundo apego aos pais, dificuldade de se separar deles e afirmar sua independência.



• *No meio:* caráter instável, vacilação, comportamento indeciso, dificuldades perante as decisões da vida.



• *Em cima à esquerda:* forte desejo de ser amada e admirada.



• *Sobre a sobrancelha esquerda:* vida interior, natureza sonhadora, grande imaginação.



• *Sobre a sobrancelha direita:* grande capacidade de discernimento, lucidez, realismo e juízos.



• *Entre as sobrancelhas:* dons de clarividência, tendência para sublimar os sentimentos, grandes aspirações.



Ao redor dos olhos

• *Sobre o olho esquerdo:* ingenuidade, tendência para se refugiar nos sonhos, falta de realismo e de espírito prático.



• *Sobre o olho direito:* aumento da lucidez que a torna muito realista, pessimista e intransigente.



• *Junto ao olho esquerdo:* natureza submissa, passiva, indecisa, muitas vezes decepcionada com suas relações com os homens.



• *Junto ao olho direito:* feminilidade visivelmente desenvolvida, relações boas e sadias com o sexo oposto.



• *Sob o olho esquerdo:* falta de equilíbrio interior, dificuldades e decepções nas relações de amizade.



• *Sob o olho direito:* sentimentos equilibrados, relações serenas, agradáveis, de grande sociabilidade.



No nariz

• *Na base do nariz:* tendência para alimentar idéias fixas e rancores, falta de generosidade, de flexibilidade, de compreensão.



• *Na narina esquerda ou ao lado:* prodigalidade e nefasta tendência para viver acima de suas possibilidades.



• *Na narina direita ou ao lado:* sensatez, prudência, previsão, necessidade de se sentir segura a nível material.



Nas maçãs do rosto

• *Na maçã do rosto do lado esquerdo:* tendência para confiar nas aparências, caráter superficial e vaidoso.



• *Na maçã do rosto do lado direito:* modéstia, reserva, subserviência, caráter doce.



Nas orelhas

• *Junto à orelha esquerda, em cima:* caráter generoso, simpático, natureza comunicativa.



• *Junto à orelha direita, acima:* de natureza tímida, orgulhosa, suscetível e suspicaz, desconfiada.



• *No extremo da esquerda ou ao lado:* personalidade forte, bom sistema de autodefesa e saúde boa.



• *No extremo da orelha direita ou acima:* caráter frágil, influenciável, sistema imunitário debilitado.



• *No orifício da orelha esquerda:* sorte, proteção providencial, dotes artísticos.



• *No orifício da orelha direita:* poder de concentração, disponibilidade, dom de saber escutar e prestar atenção aos outros.



• *Em cima ou abaixo do lóbulo da orelha esquerda:* gosto pelos mistérios, segredos, enigmas e pela solidão.



• *Em cima ou em baixo do lóbulo da orelha direita:* natureza que tende à simulação ou caráter instável, lunático.



Em torno da boca

• *Entre o nariz e a boca:* caráter brilhante, êxito, prestígio, cumprimento de suas ambições.



• *No lábio superior:* grande doçura, sobriedade e moderação.



• *No lábio inferior:* grande sensualidade, gula, tendência para o abandono e a preguiça.





A metoposcopia ou adivinhação através dos sinais

Os sinais no rosto do homem

Os sinais têm significados diferentes dependendo de onde se encontrem no rosto de uma mulher ou de um homem.

Na mulher, a sensibilidade, revelada na astrologia pela posição da Lua no mapa astral, exterioriza-se, enquanto sua vontade, indicada pela situação do Sol, se interioriza.

No homem é o inverso. Pelo menos é assim que se apresentam as coisas habitualmente. No entanto sabemos que, tanto na vida como na natureza, nada é totalmente branco ou totalmente negro, mas sim que tudo é mais sutil e matizado.

Assim, pode acontecer que uma mulher tenha a parte da vontade muito forte, mais forte que sua sensibilidade natural, às vezes até mais do que a de um homem.

E, ao contrário, certos homens possuem uma intensa sensibilidade que diminui, filtra, modera, transforma ou inibe sua vontade, a depender do caso. Evidentemente, estamos em condições de ler, compreender e integrar estas características específicas na interpretação de um mapa astral.

Porém, existem outros meios de fazê-lo, como por exemplo a metoposcopia. Trata-se certamente de um código

muito menos elaborado que o dos símbolos astrológicos, uma arte adivinhatória que oferece menos possibilidades de interpretação que um mapa astral, mas baseia-se no mesmo princípio analógico e, principalmente, permite-nos

compreender como se estabeleceu o sistema original de interpretação dos astros e signos do Zodíaco que, em um princípio, se inspirou na “ciência” dos presságios utilizada nas civilizações antigas.





INTERPRETAÇÕES DOS SINAIS NO ROSTO DO HOMEM

Na testa



• *Na parte esquerda da testa:* forte união ou grande identificação com o pai.



• *Na parte direita da testa:* profunda união com a mãe ou com o papel predominante que este teve e sua considerável influência.



• *Na fonte esquerda:* tendência para idealizar seus sentimentos, procura do absoluto ou desequilíbrio afetivo.



• *Na fonte direita:* frieza, indiferença diante dos sentimentos.



• *No alto e no meio da testa, sob a raiz dos cabelos:* reivindicação de independência, espírito de rebeldia, indisciplina, o que geralmente se conhece como "cabeça dura".



• *No meio da testa:* lucidez, grande faculdade de discernimento, espírito penetrante, que se mostra exigente e agressivo com os outros.

À volta dos olhos



• *Sobre o olho esquerdo:* distração, falta de concentração, desatenção e também deficiência no olho esquerdo.



• *Sobre o olho direito:* grande capacidade de concentração, visão perspicaz, mas também, paradoxalmente, olho direito frágil.



• *Entre as sobrancelhas:* clarividência ou lucidez, boa vista, facilidade de compreensão e de assimilação, aceitação, êxito obtido graças às suas qualidades.



• *Perto do olho esquerdo:* sentimentos inconstantes, incerteza afetiva, dificuldade para amar.



• *Perto do olho direito:* fraqueza, caráter influenciável, duvidoso, indeciso, falta de lealdade ou de fidelidade.



• *Por cima ou sobre a pálpebra esquerda:* ausência de espírito familiar, desapego do seu meio natural ou decepções devidas aos seus pais.



• *Por cima ou sobre a pálpebra direita:* profundo apego à família, ao seu passado, às suas raízes, respeito pelos pais, gosto acentuado por tudo que é antigo.



No nariz



• *Na narina esquerda ou ao lado:* natureza perdulária e dispendiosa, forte tendência para viver acima de suas possibilidades.



• *Na narina direita ou ao lado:* sentido inato da economia e gestão prudente de seus bens.



• *Na ponta do nariz:* forte sensualidade, temperamento ardente, grande necessidade de uma fusão carnal e sentimental transbordante, mas também tendência para se deixar levar pelos seus desejos ou amores.



Nas faces



• *Na face esquerda:* mudanças voluntárias na existência que sempre serão um fator de evolução, e faculdade inata para se recompor, para levar a sua vida avante, sejam quais forem as circunstâncias.



• *Na face direita:* destino irregular, instabilidade na atividade profissional, mudanças importantes durante sua vida neste campo.



• *Na maçã esquerda do rosto:* homem com orgulho, presunção, tendência para sobrestimar os meios de que dispõe ou suas capacidades, ou até ausência de consciência e conhecimento de si mesmo.



• *Na maçã direita do rosto:* falta de confiança em si mesmo, tendência para subestimar os outros, caráter pessimista ou fatalista, além de não ser objetivo consigo mesmo.

Nas orelhas



• *Perto ou atrás da orelha esquerda:* falta de escrúpulos, determinação secreta, segundas intenções.



• *Perto ou atrás da orelha direita:* autêntica sorte e arte de saber dissimular para conseguir seus objetivos, principalmente se o sinal se encontrar atrás da orelha.

À volta da boca



• *Sobre o lábio superior:* ausência de timidez, tendência para a tagarelice, vida social instável, muitas vezes decepcionante devido à falta de discrição.



• *Sob o lábio inferior:* caráter ingênuo, jovial, rapaz correto, mas é fácil trocar dele ou enganá-lo.



• *Na ponta ou no meio do queixo:* caráter obstinado, rigidez intelectual e moral, mas também com uma franqueza maior do que aparenta.



A metoposcopia ou adivinhação através dos sinais

Os sinais no corpo da mulher

No corpo da mulher, bem como em seu rosto, a posição de cada um dos sinais possui um significado concreto.

Na parte frontal do corpo

- *No ombro direito:* uma mulher de caráter seguro, um apoio real para os seus.
- *No ombro esquerdo:* mulher de coração, que tem necessidade de apoio, afeto e confiança.
- *Sob a clavícula direita:* sociabilidade, nunca totalmente desinteressada.
- *Sob a clavícula esquerda:* natureza introvertida, à espera de mostrar-se mais sociável e de abrir-se aos outros.
- *No seio direito:* grande sensualidade, tendência para a preguiça ou a negligência.
- *No seio esquerdo:* mulher com grande necessidade de amor, ternura e afetos recíprocos.
- *Entre os seios:* felicidade na união, natureza expressiva e simpática.
- *Entre os seios e o umbigo:* grande poder de sedução.
- *À volta do umbigo:* vida amorosa e afetiva feliz.
- *No cotovelo direito:* tendência para a tagarelice, dificuldade em ficar calada.
- *No cotovelo esquerdo:* mulher cheia de encanto, mas de caráter infantil.
- *No pulso direito:* tendência para agir com precipitação, intransigência e obstinação.
- *No pulso esquerdo:* dificuldades familiares, problemas de relação com os membros de sua família.
- *Na mão esquerda:* grande habilidade manual e muito bons reflexos intelectuais.
- *Na mão direita:* sutil capacidade de adaptação e de sedução que lhe permite livrar-se de dificuldades.

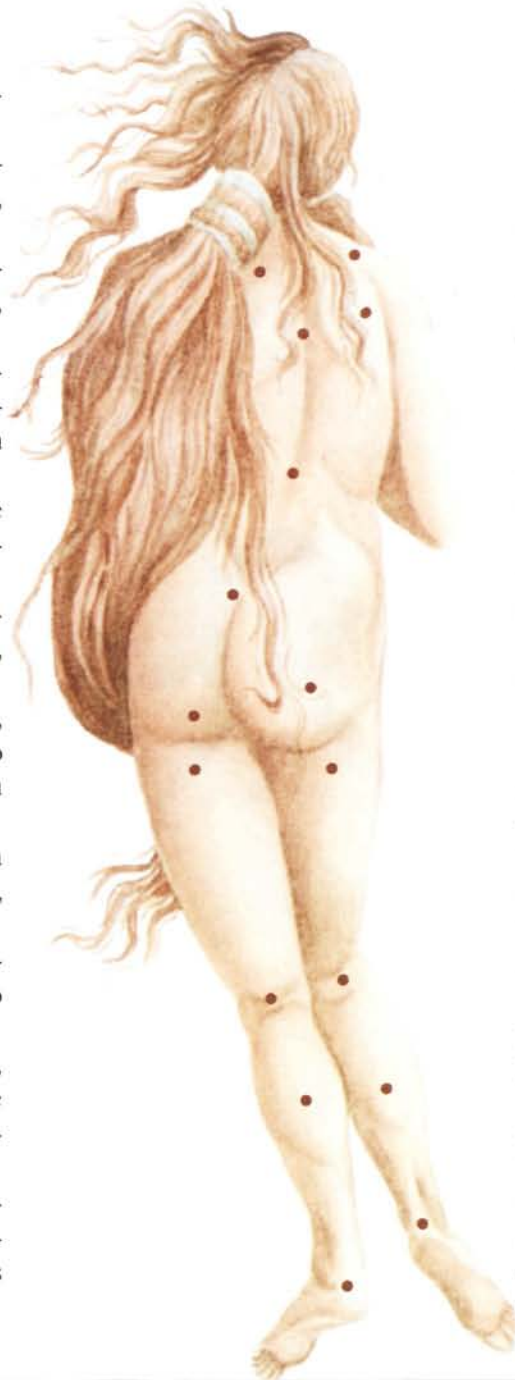


- *Sobre a coxa direita:* importância, nervosismo, ansiedade.
- *Sobre a coxa esquerda:* caráter reservado, paciente, delicado, compreensivo e bom.
 - *Na dobra da virilha direita:* forte sensualidade, temperamento ardente e apaixonado.
 - *Na dobra da virilha esquerda:* natureza doce, afetuosa, fiel e possessiva.
- *Próximo ao púbis:* interpretação igual à da dobra da virilha direita.
- *Na coxa direita:* mulher de caráter determinado, que se entrega, simpática.
- *Na coxa esquerda:* tendência para a dispersão, para gastar mal suas forças ou indecisa.
- *No joelho direito:* modéstia, humildade, mulher de caráter serviçal.
- *No joelho esquerdo:* consciente de seu valor, de suas qualidades, necessidade de reconhecimento e consideração.
- *Na canela direita:* forte tendência para não saber controlar seus impulsos, impaciente, nervosa.
- *Na canela esquerda:* incertezas, dificuldades para escolher ou tomar decisões e implicar-se.
- *Na zona interior do tornozelo direito:* fortes tensões emocionais que pode conseguir controlar.
- *Na zona interior do tornozelo esquerdo:* fortes tensões emocionais incontroláveis.
- *No pé direito:* indolência, gula, excesso, sensualidade desenfreada.
- *No pé esquerdo:* gosto pelos prazeres refinados e tendência para idealizar seus sentimentos.



Na parte posterior do corpo

- *Na base da nuca:* caráter influenciável, vaidade, inconstância.
- *No ombro direito:* caráter correto, sentido do dever, consciência profissional, amor pela justiça.
- *No ombro esquerdo:* caráter instável, indomável, indisciplinado, imprevisível, impulsivo.
- *Sob a omoplata direita:* mulher de natureza amável, sociável, simpática, conciliadora, sabe obter o que quer com habilidade.
- *Sob a omoplata esquerda:* amabilidade aparente que esconde um caráter intolerante, intransigente e calculista.
- *Entre as omoplatas:* complexo de virilidade, gosto pela luta e pelo confronto, caráter arisco, na defensiva.
- *No centro das costas:* caráter enérgico, espírito penetrante, mas ao mesmo tempo tendência para dispersar-se ou falta de perseverança.
- *Na zona interior do pulso direito:* natureza fundamentalmente boa e compreensiva, atenta aos outros, cheia de sabedoria.
- *Na zona interior do pulso esquerdo:* natureza impressionável, falta de domínio de si mesma, não sabe dizer não.
- *Na palma da mão direita:* mulher hábil, capaz de conseguir tudo que precisa, de satisfazer seus desejos, de obter dos demais o que lhe interessa.
- *Na palma da mão esquerda:* grande ingenuidade, tendência para se deixar enganar, para confiar demasiado nas aparências.



- *No cóccix:* caráter agressivo, falta de generosidade.
- *Na nádega direita:* mulher atraente, com uma mágica sensualidade, que exerce fascínio nos homens, provida de um certo magnetismo.
- *Na nádega esquerda:* mulher de caráter equilibrado, de sentimentos estáveis e profundos, cheia de bom senso e naturalidade.
- *Na parte superior da coxa direita:* inibições, forte sensualidade escondida que pode levá-la em certas ocasiões a excessos.
- *Na parte superior da coxa esquerda:* tendência para se subestimar, para se anular, para se fechar em si mesma.
- *Na curva do joelho direito:* caráter indeciso, temperamento fiável, falta de energia e de tato.
- *Na curva do joelho esquerdo:* tendência para alimentar o complexo de ser olhada com maus olhos, falta de discernimento na escolha do parceiro.
- *Na barriga da perna direita:* sorte nas transações financeiras e assuntos de dinheiro.
- *Na barriga da perna esquerda:* tendência para viver acima de suas possibilidades, para a prodigalidade, para o esbanjamento.
- *No calcanhar direito:* mulher que sabe forçar a sorte e o destino, que obtém tudo o que quer graças à sua vontade.
- *No calcanhar esquerdo:* mulher que sabe o que quer mas que tem necessidade da ajuda e aprovação dos outros para obtê-lo.

O que é um sinal?

O sinal é um *nevo*, vocábulo que provém de *naevus*, termo latino cuja origem continua a ser desconhecida e que significa "mancha no corpo, verruga". Utilizava-se tanto para designar as sardas como os sinais. Alguns nevos são consequência de uma malformação na pele, de origem embrionária. Distinguem-se os nevos pigmentários, que aparecem em forma de sardas, e dos nevos com relevo chamados sinais. Distinguimos igualmente os nevos com relevo vasculares, considerados muitas vezes como tumores cutâneos benignos, de aspecto mais ou menos brilhante, castanhos ou vermelhos, chamados angiomas. Outros são nevos mortos ou simples, devidos à pigmentação da pele, secos e de cor pálida, que se confundem muitas vezes com a epiderme. Esses são os primeiros que a metascopia leva em

consideração. Se, a partir deste fenômeno corporal natural, os homens da Antiguidade criaram um modo de adivinhação foi porque viram uma relação entre o céu e o homem, o universo e o corpo, as estrelas e os sinais.

Naqueles tempos remotos, alguns astrólogos supunham que os sinais eram devidos à influência da Lua sobre o bebê ainda no ventre materno e, em comparação com a Lua cheia, passaram a designar certas manchas da pele mais ou menos redondas. O sinal designa um atrativo que concede encanto e sedução e, ao mesmo tempo, é uma força mágica que corresponde a um elemento da personalidade, de onde podemos obter um significado a partir de sua situação no corpo. Com base neste princípio foi então criada a metoscopia.



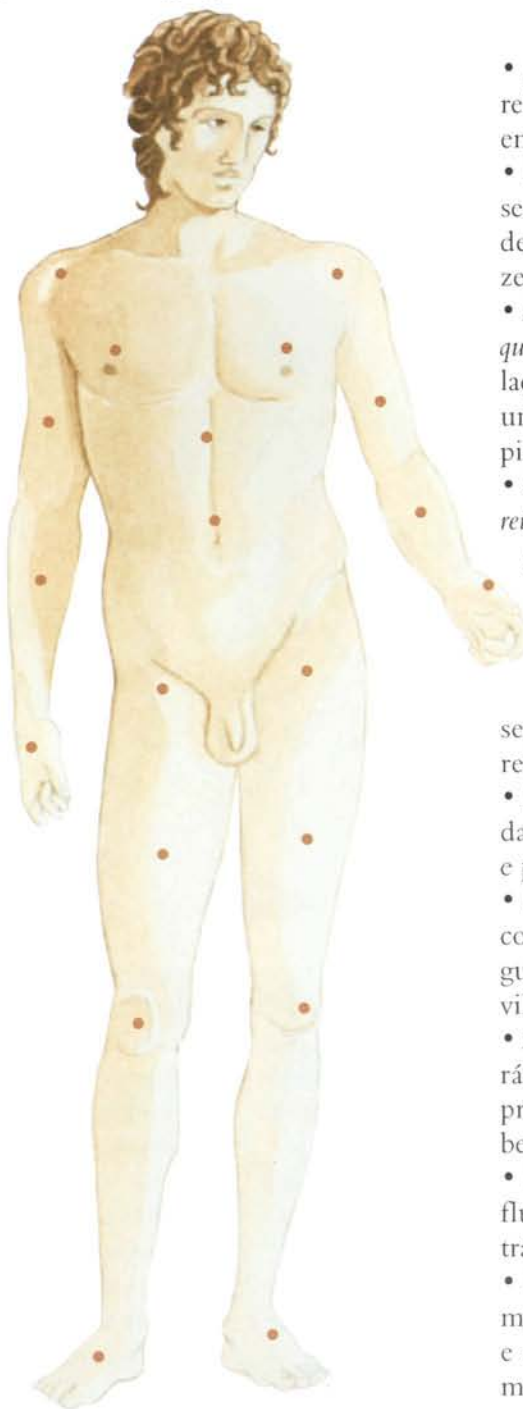
A metoposcopia ou a adivinhação através dos sinais

Os sinais no corpo do homem

Tanto no corpo do homem como no da mulher, a localização de cada sinal possui um significado determinado.

Na parte frontal do corpo

- *Perto do ombro esquerdo:* falta de organização, continuidade e perseverança nos empreendimentos.
- *Perto do ombro direito:* sensibilidade muito feminina; para ele as mulheres são valiosas aliadas em todos os campos.
- *No peito esquerdo:* homem de grande coração, que se entrega, de sentimentos nobres e generoso.
- *No peito direito:* forte sensualidade, refinamento, gosto pelos jogos eróticos, pelos prazeres, pelo bem-estar, pelo bom viver.
- *Debaixo do braço esquerdo:* traições, possível vítima de boatos se se mostrar demasiado confiante, sobretudo no meio social ou familiar.
- *Debaixo do braço direito:* tendência para se esconder, falta de franqueza e de confiança em si mesmo.
- *À altura do plexo:* caráter autoritário, dominante, homem respeitado e temido que, pela mesma razão, tem poucos amigos e relações.
- *Perto do umbigo:* grande desejo de seduzir, de gostar das mulheres, de amar e admirar e, do mesmo modo, ser amado e admirado.
- *No antebraço esquerdo:* homem de caráter sutil, cheio de matizes e de encanto, de sensualidade refinada, mas que às vezes faz demasiados rodeios para conseguir seus objetivos.
- *No antebraço direito:* homem impaciente, impulsivo, decidido a obter o que quer, mas um pouco primário ou brusco em algumas ocasiões.



- *Na mão esquerda:* habilidade para se relacionar, o que irá favorecer todos os empreendimentos.
- *Na mão direita:* temperamento possessivo, caráter interesseiro, ambicioso, de grande avidez, disposto a satisfazer os seus desejos.
- *Por cima ou na parte superior da coxa esquerda:* natureza sociável, gosta das relações múltiplas e variadas e esconde um espírito profundo e elevadas aspirações.
- *Por cima ou na parte superior da coxa direita:* caráter sentimental, fiel, mostra grande vontade de criar uma união estável.
- *Na coxa esquerda:* temperamento simpático, muito atraente, encantador, um tanto superficial, mas sempre muito sincero e fiel nas suas relações.
- *Na coxa direita:* homem com dificuldade em expressar seus sentimentos e para fazer com que gostem dele.
- *No joelho esquerdo:* humildade, mas com tendência a subestimar-se, e orgulho dissimulado sob um certo servilismo ou falsa modéstia.
- *No joelho direito:* muita abnegação, caráter que se entrega aos que lhe são próximos; prestativo, compreensivo, benévolo, indulgente.
- *No pé esquerdo:* dúvida, caráter influenciável, tendência para ficar para trás, falta de autonomia.
- *No pé direito:* caráter que dá muita mais importância às relações sociais e amigáveis do que à sua vida sentimental.



Na parte posterior do corpo

- *Na nuca:* caráter forte e decidido, autêntica força de caráter capaz de tornar um homem hermético face às influências exteriores.
- *No ombro esquerdo:* tendência para se envolver com problemas de outros ou assumir responsabilidades que não são de sua incumbência.
- *No ombro direito:* vontade de se sobressair e de se destacar em seu meio social, temperamento vivo e ativo.
- *Na omoplata esquerda:* natureza com tendência para dramatizar, falta de objetividade, incapaz de julgar a se mesmo ou impor alguma distância.
- *Na omoplata direita:* homem com grande capacidade para discernir e que só confia em seu juízo.
- *Entre as omoplatas:* caráter cheio de boa vontade, que não retrocede face à necessidade de esforço, mas que peca por ingenuidade, entusiasmo ou excesso de confiança.
- *No meio das costas:* grande sociabilidade, brilhante, necessidade de admiração e reconhecimento.
- *No cóccix:* homem com uma grande confiança em si mesmo, consciente de suas qualidades e possibilidades e que sabe perfeitamente como aproveitá-las.
- *Na nádega esquerda:* temperamento apaixonado e impaciente, desejos e impulsos às vezes descontrolados.
- *Na nádega direita:* temperamento muito sensual, doce ou passivo, que necessita que o motivem para agir.
- *Perto do cotovelo esquerdo:* flexibilidade, grande capacidade de adaptação, caráter oportunista.



- *Perto do cotovelo direito:* falta de maturidade, de flexibilidade, de espírito de adaptação e recusa de mudança.
- *Abaixo do antebraço esquerdo:* tendência para sobrestimar suas possibilidades, falta de prudência e de clarividência.
- *Abaixo do antebraço direito:* homem que ama e luta; competição, rivalidade, riscos, desafios.
- *Na mão esquerda:* natureza esbanjadora, gosta do fácil, sabe aproveitar as oportunidades, mas falta-lhe previsão.
- *Na mão direita:* sentido inato para o comércio, para os lucros e para a economia, boas predisposições para satisfazer seus desejos e ambições.
- *Atrás da coxa esquerda:* sobriedade, moderação, muita reflexão antes de agir, caráter generoso, reto, justo.
- *Atrás da coxa direita:* caráter complicado e desordenado, que age segundo seus impulsos, muitas vezes confrontado com situações complexas.
- *Na barriga da perna esquerda:* homem que não age sem pedir a opinião aos que o rodeiam, atento às necessidades dos outros.
- *Na barriga da perna direita:* homem de múltiplos talentos, que se entrega a numerosas atividades, mas que deve tomar decisões importantes com regularidade.
- *No calcanhar esquerdo:* caráter cheio de dúvidas e indeciso, desejo inconstante de independência e tendência para desperdiçar suas energias.
- *No calcanhar direito:* caráter reto, franco, direto, otimista, homem que olha para a frente, decididamente orientado para o futuro.

Alguns sinais complementares

Segundo os homens da Antigüidade, a localização dos sinais com significado é tão variada que seria possível realizar-se uma obra inteira dedicada à referida compilação. Somos obrigados, portanto, a selecionar os mais característicos.

Se você tem algum sinal que não corresponde a nenhum dos que lhe apresentamos, não é que não tenha significado, nem tampouco que o tenhamos excluído.

Para sermos os mais exaustivos possível, propomos alguns significados complementares de sinais, habituais no rosto de uma mulher ou de um homem:

- *Na base do nariz:* evolução da personalidade lenta mas segura, bem como da situação que, com o tempo, será próspera.
- *Na comissura dos lábios, à direita:* pessoa que sabe desfrutar com intensidade dos pequenos prazeres, gozar muito as pequenas coisas e que, graças a isso, não lhe faltará nada, nem desconhecerá a felicidade.
- *Na comissura dos lábios, à esquerda:* capacidade de reprimir seus desejos, lucidez e sangue-frio, sensualidade controlada.
- *Debaixo do queixo, na parte superior do pescoço:* gosto requintado, dom para apreciar e distinguir os sabores mais requintados.



A cleromancia ou os dados adivinhatórios

Origem e história da cleromancia

“A sorte está lançada!”, diziam os Egípcios e Romanos quando consultavam os cleromantes, os quais utilizavam pequenos ossos e dados para ler os presságios.

Muitas vezes ouvimos dizer que o azar não existe. É falso, já que o azar (ou acaso) é um jogo de dados. Efetivamente, esta palavra vem do árabe *az-zahr*, que significa “jogo de dados”, derivado por sua vez de *zahr*, a flor da laranjeira, que estava representada em uma das faces dos dados árabes.

Já na Europa do começo do século XIII, a expressão “um golpe de azar” transformou-se em um dito popular para designar qualquer golpe de sorte em um jogo de dados; por exemplo, quando saía um 6, número pelo qual, ainda hoje, tanto anseiam os jogadores do ganso e do loto.

O termo “cleromancia”, que designa as práticas adivinhatórias realizadas com pequenos ossos, pedras ou pauzinhos de madeira, tem sua origem no grego *klêros*, que significava “objeto lançado à sua sorte ou sorteado”. No entanto, os predecessores dos dados, como acontece com muitos dos chamados atualmente jogos de mesa, utilizados antes com fins adivinhatórios, são os astrágalos, do grego *astragalos*, palavra que designava as vértebras ou ossos do tarso. Nossos antepassados utilizavam quase sempre vértebras ou ossos dos pés do cordeiro, que tinham quatro faces. O astragalomante inscrevia neles uma letra do alfabeto, depois tirava à sorte um dos ossos de um recipiente, depois de tê-los misturado e depois de formular diversos encantamentos. Os ossos tirados da urna, uma vez reunidos, poderíamos dizer mediante um ritual, formavam um conjunto de letras que tinham um



significado e que permitiam ao astragalomante obter uma mensagem adivinhatória para a pessoa que o consultava.

Depois, as letras foram substituídas por números e, pouco a pouco, foram criados os dados de pedra no Egito, os dados de madeira e inclusive os dados de doze, quatorze e vinte faces, especialmente nos tempos romanos.

No entanto, o dado comum tinha seis faces, numeradas de 1 a 6, como atualmente; e certamente, cada valor ou cada combinação de números, dependendo de serem usados um, dois ou três dados, tinha um significado adivinhatório particular. Alguns autores atribuem a criação deste jogo adivinhatório a Ateneu, retórico e pragmático grego de origem egípcia, que viveu nos princípios do século III d. C.

Na realidade, a única coisa que fez foi destacar — especialmente — em seu *Banquete dos Sofistas* (uma coleção de mais de mil e quinhentas obras, todas com datas do início de nossa era e que hoje já desapareceram) o importante papel que desempenhava a arte adivinhatória na vida cotidiana dos egípcios e gregos.

Do que podemos estar certos, pois muitos relatos antigos confirmam isso, é de que os cleromantes egípcios, gregos e romanos, e sobretudo as cleromantes gregas, integram pouco a pouco o uso de ossos e dos dados adivinhatórios em suas práticas. A grande maioria das cleromantes eram cortesãs que tinham praticado primeiro a geomancia, uma



arte adivinatória mais antiga ainda, cujo princípio se baseia nos significados e interpretações de figuras desenhadas com areia. Não nos surpreende que na Grécia, tal como em Roma, os letrados, os políticos e até os imperadores, recorressem a eles com frequência. Por outro lado, os cleromantes tinham seu próprio lugar, como os que atualmente lançam as cartas.

As civilizações humanas mudam mas as preocupações relativas ao futuro do homem, seus receios e esperanças, sua sede de conhecer seu destino ou sua vontade de controlá-lo permanecem intactos.

ELABORAR UMA TABELA CLEROMÂNTICA

Propomos-lhe dois lances com os dados adivinatórios. Para realizá-los segundo seus desejos ou necessidades, aconselhamos a elaborar uma tabela cleromântica.

Utilize uma folha grande de cartolina em branco, na qual possa usar sua frente e verso, uma régua graduada de 30 centímetros no mínimo, um transferidor, um compasso, um marcador preto e um lápis.

❶ Na frente, desenhe um círculo de 30 centímetros de diâmetro, e em seu interior desenhe uma cruz que o divida em quatro partes iguais.

❷ ❸ Depois, servindo-se do transferidor, divida cada um das quatro partes em três novas partes iguais.

❹ Assim você obterá um círculo dividido em 12 partes iguais, que tem muito em comum com a roda zodiacal, embora aqui os 12 setores do círculo que você desenhar se juntem no centro.

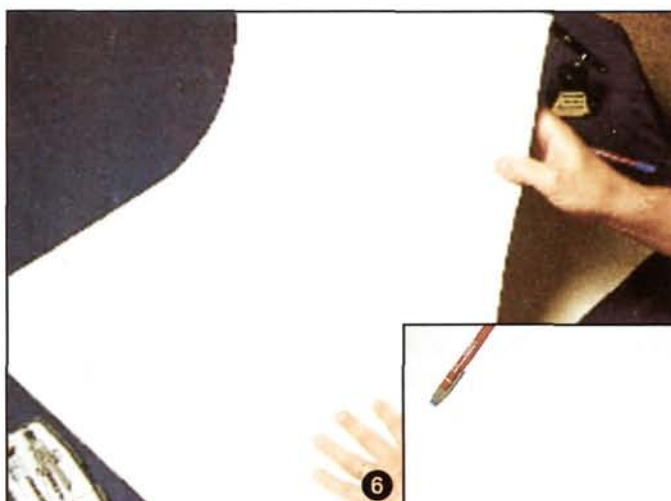
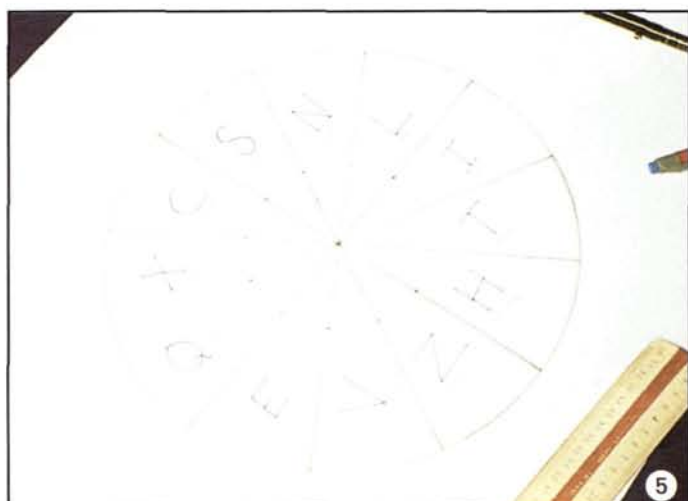
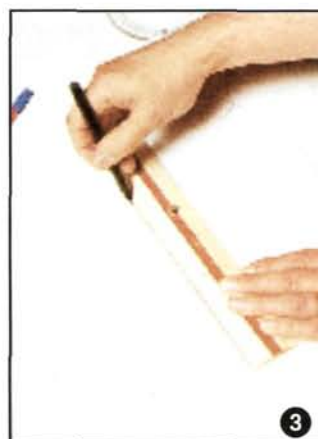
❺ No interior de cada um destes setores, escreva uma letra na seguinte ordem cronológica: no primeiro setor, que começa na linha horizon-

tal do círculo e que, em uma roda zodiacal, corresponde ao primeiro signo, Áries, escreva a letra E maiúscula e sublinhe-a com o marcador para que fique bem visível. Depois continue, seguindo o mesmo princípio utilizado para a construção de uma roda zodiacal, isto é, girando no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio.

Da mesma maneira, no segundo setor, escreva e sublinhe a letra V maiúscula. E faça o mesmo com as 10 letras seguintes, respeitando completamente a ordem, por razões que depois explicaremos: Z, H, T, I, L, N, S, C, X, e Q.

❻ ❼ Uma vez constituída a tabela cleromântica, vire a cartolina e, no verso, desenhe um círculo do mesmo diâmetro que o da frente. Não escreva nada.

Para o segundo tipo de lance, você só vai precisar deste círculo.





A cleromancia ou os dados adivinhatórios

Lance e interpretações

Escolha três dados de tamanho médio para poder manipulá-los comodamente. Sente-se a uma mesa, na qual deverá pôr uma toalha ou um lençol. Use um bloco para escrever suas perguntas e o conteúdo de seus lances e, por último, tenha preparada sua tabela cleromântica.

COMO UTILIZAR OS DADOS ADIVINHATÓRIOS

Jogue sempre com três dados. Obterá combinações de um, dois ou três algarismos, formando uma série de conjuntos e números de 1 a 17, que devem ser compostos da seguinte maneira:

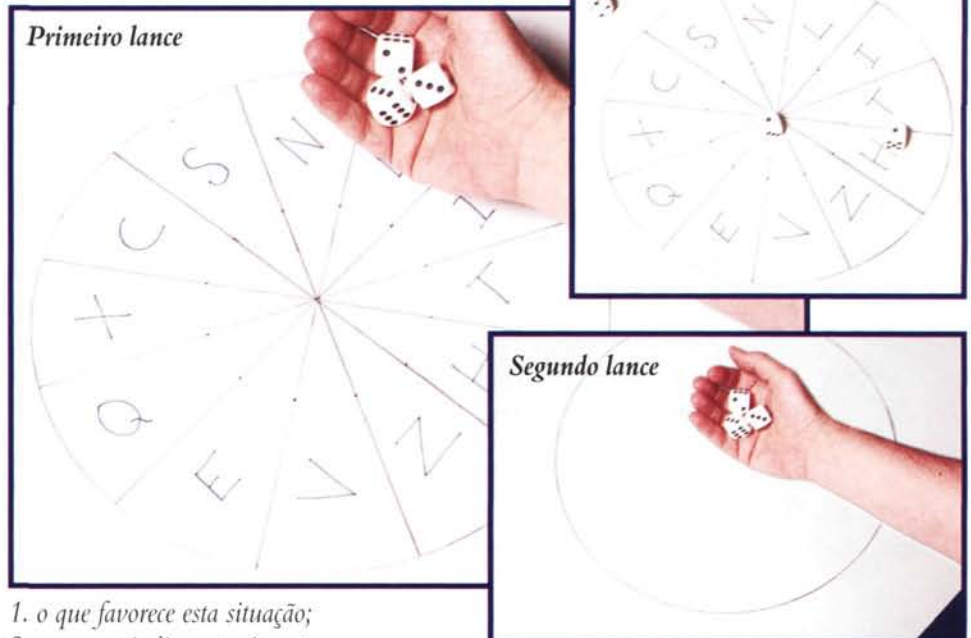
- **Com 1 dado:** leve em consideração o algarismo de 1 a 6 que aparece na face do dado e remeta-se para o parágrafo que lhe corresponde.
- **Com 2 dados:** some os algarismos que aparecem; obterá sempre um número entre 2 e 12.
- **Com 3 dados:** some os três algarismos e consulte o parágrafo correspondente.

Também aqui bastará remeter-se ao parágrafo correspondente. Quando os dados formam um **trio** ou **tríplo** de algarismos, como por exemplo três 1 ou três 5, não os some (veja na página seguinte).

PRIMEIRO LANCE

Depois de ter formulado uma pergunta, lance os dados três vezes dentro do círculo de sua tabela cleromântica dividida em 12 partes iguais. Só terá em conta os dados que caírem no interior do círculo e dentro de um ângulo, ou seja, em uma letra.

São estes os que têm um significado particular. Cada número que obtiver, lançando os dados três vezes seguidas, corresponderá às três etapas da situação que o preocupa:



1. o que favorece esta situação;
2. o que prejudica esta situação;
3. o que tem de fazer.

Quanto mais clara e precisa for sua pergunta, tanto mais compreensíveis serão as informações que obtiver. No entanto, se das três vezes que lançar os dados estes caírem fora de sua tabela cleromântica e não obtiver nenhuma resposta é porque, infelizmente para você, não está em condições de ler as respostas ou em boa forma para fazê-lo, ou então sua pergunta não é clara. No primeiro caso, deve abster-se de interrogar os dados. Faça-o em outro momento. No segundo caso, leve algum tempo para refletir sobre sua pergunta e a situação que o preocupa, para fazer novamente o lance.

Se uma ou duas das etapas permanecerem sem resposta, porque um dos dados não caiu no interior do círculo, significa que apenas uma ou duas respostas são necessárias para ajudá-lo a ver mais claramente sua situação.

Finalmente, para realizar uma interpretação mais precisa de seus lances, observe os setores onde caem os dados. Cada setor que contém uma letra tem

um significado particular, que apresenta analogias com cada um dos 12 signos do Zodíaco e cada uma das casas astrológicas (veja o quadro na página seguinte).

SEGUNDO LANCE

Este lance deve ser realizado uma vez por mês, em Lua cheia por exemplo, e informa-o sobre o que o espera nas próximas semanas.














Lance os dados duas vezes seguidas dentro do círculo em branco de sua tabela cleromântica. Cada número obtido a partir de um, dois ou três dados que tenham caído no círculo corresponde a uma das 12 letras do círculo dividido em 12 partes que estão em analogia com os 12 signos do Zodíaco e as 12 Casas.

Com três dados, é possível que obtenha um número superior a 12. Neste caso, consulte o respectivo parágrafo de interpretação.


Se ao lançar os dados não cair nenhum dentro do círculo, isto significa que não se pode ou não lhe deve ser revelada nenhuma informação relativa aos elementos que se referem a este setor.





AS INTERPRETAÇÕES


-  **1:** decisão, iniciativa, empreendimento, livre arbítrio.
-  **2:** indecisão, dúvida, dualidade, escolha.
-  **3:** notícia, trâmite, mudança, surpresa.
-  **4:** problema, atraso, dificuldade, vicissitude.
-  **5:** alegria, felicidade, realização dos desejos.
-  **6:** perda, sacrifício, hesitação, abandono de um projeto.
-  **7:** êxito, projeto ou ambição realizados.
-  **8:** a evolução de sua situação depende essencialmente das circunstâncias, dos outros e das influências exteriores.
-  **9:** relações ternas, afetuosas, harmoniosas, união, acordo, associação, contrato.
-  **10:** criação, nascimento, satisfação, promoção, progresso, melhoria da situação.
-  **11:** saúde fraca, dificuldade nas relações com os outros, conflito, desacordo, oposição.
-  **12:** descoberta pessoal, tomada de consciência, ensino, revelação, notícia, alívio.
-  **13:** decepção, período difícil, problemas morais, re-

viravolta na vida, situação que é preciso resolver.

 **14:** ajuda, sustento, apoio, entrada inesperada de dinheiro, empréstimo, presente, doação, presente.


 **15:** lucro, vantagem, benefício, aumento de receitas mas também risco de má administração e falta de honestidade.


 **16:** arrebatamento, nova paixão, nova motivação, entusiasmo, exaltação, viagem, aventura, mudança, presença do novo.

 **17:** mudança de projetos, reviravolta positiva, mudança, aspiração ou sonho que se realiza.


Trios ou triplos

 **1.1.1.:** inteligência, espírito de iniciativa total, livre arbítrio, independência, papel de chefe ou líder, possibilidade de impor as próprias idéias, escolhas, decisões e vontade.

 **2.2.2.:** intuição, receptividade, doçura, compreensão, força moral, mulher que tem um grande papel na vida do consulente, estudos, reflexões, descobertas pessoais.

 **3.3.3.:** grande amor, relações afetivas privilegiadas, vida familiar feliz, prosperidade, geração de idéias frutuozas.

 **4.4.4.:** período ativo, realismo, realização concreta e material, bom negócio, transação vantajosa, situação sólida e estável, os esforços serão recompensados.

 **5.5.5.:** sentido do dever e da responsabilidade, levar a sua avante, posição honorífica ou vantajosa, homem sério que ocupa um lugar relevante na vida do consulente.

 **6.6.6.:** sorte, êxito total.

Os 12 setores do ciclo cleromântico

1-E: tudo depende de você, de sua vontade, desejos e capacidade de ação.

2-V: deve prestar atenção a sua situação financeira.

3-Z: os intercâmbios com os que lhe são próximos, o meio onde evolui, uma viagem ou trâmite, são atuais.

4-H: estão em dúvida sua vida familiar e seu lar.

5-T: refere-se a seus amores e a seus filhos.

6-I: trata-se do seu bem-estar, de sua saúde ou de suas ocupações.

7-L: refere-se a um acordo, um contrato, uma associação, ou a suas relações exteriores.

8-N: trata-se do campo jurídico, da legalidade ou, então, de uma transformação em sua vida ou em sua situação.

9-S: revela uma possibilidade de expansão de sua situação ou a intervenção de um fator exterior ou de um elemento novo.

10-C: o que prevalece é sua situação social e profissional.

11-X: reforça suas idéias, projetos relações amigáveis, seu equilíbrio psicológico e moral.

12-O: revela uma etapa importante que precisa ser superada, uma prova a passar, uma mudança profunda em sua vida.



A cromatomancia ou a adivinhação através das cores

Procure a sua cor! Assim você poderá se conhecer melhor, descobrir o seu próximo e desvendar o seu futuro e o dele.

É costume dizer-se que gostos e cores não se discutem. O que esta expressão popular revela poderia ser explicado em outros termos, visto que o fenômeno da atração e repulsa que sentimos são mais fortes do que nós, ou seja, não temos nenhum poder sobre eles. Será que isto é verdade? O estudo de um mapa astral não nos ensina a reconhecer as marcas, os sinais de uma ou outra preferência, de uma ou outra escolha que fazemos instintivamente ou conscientemente, conforme o caso, e que estão integrados em nós mesmos? Não estamos assim em condições de analisar os mecanismos e as bases, e assim compreender como e porque é que somos mais receptivos a uma cor, uma forma, uma música, etc., do que em relação a outras? Não é segundo este critério que podemos descrever o retrato de uma personalidade que se distinguirá dos seus semelhantes, já que seus gostos e cores estarão relacionados? É sobre este princípio que se baseia a cromatomancia ou adivinhação através das cores.

Há já muito tempo que os homens compreenderam que havia uma sutil ligação entre certas cores e as reações emotivas e afetivas de cada um. Assim, por exemplo, no Egito, os escribas não escolhiam suas cores por acaso ou conforme lhes apetecia pintar, desenhar ou escrever os hieróglifos, mas sim em função de regras e critérios religiosos muito estritos, que se baseavam, evidentemente, na simbologia daquilo que narravam ou representavam.

AS CORES EXISTEM?

Esta pergunta não é tão absurda como parece. Que é a cor das coisas? Por que é que dize-

mos que o céu é azul e que a relva é verde e não ao contrário? Estará provada cientificamente a existência das cores na natureza?

Se disséssemos que não — e se o número de daltônicos fosse muito maior, o que possibilitaria portanto dizer que o verde é vermelho e vice-versa, e que nós, que vemos o verde, verde, e o vermelho, vermelho, estaríamos enganados — nos acreditariam? Certamente que não; no entanto, é esta a verdade, visto que a cor é um efeito da luz, e é sabido que a luz não possui cor. O que significa que nossa imagem das cores é consequência de um efeito ótico, a que quase poderíamos chamar ilusão.

Evidentemente, trata-se de uma ilusão real, pois as cores existem. Porém, quando alguém diz que sonha sempre em preto e branco, enquanto você sonha a cores, pensa que não é possível e, no entanto, essa pessoa está lhe dizendo a verdade.

Realmente, certas pessoas que sofreram um traumatismo craniano depois de um acidente testemunham que durante algum tempo sua visão era em preto e branco. Este fenômeno se deve ao fato dos sinais das cores que partem dos olhos até o cérebro terem sido perturbados ou interrompidos durante um certo período.

As cores que atribuímos às coisas são a consequência da combinação de três elementos:

1. A luz ou a vibração de um corpo;
2. O contexto onde se encontra e a interação entre sua própria luz e a luz que está à sua volta.
3. A sensibilidade da retina do olho que a vê.

Por isso que, dependendo do indivíduo, de seu estado de espírito, de sua sensibilidade, de sua visão da realidade, a cor possa variar. Há, portanto, uma infinidade de matizes nas cores classificadas na escala cromática.





AS CORES E OS ESTADOS DE ESPÍRITO

Por exemplo, as paixões mais exaltadas são representadas em vermelho vivo. Mas também podemos ficar vermelhos de vergonha. E, tradicionalmente, ficar roxo equivale a estar prestes a explodir de raiva. Por outro lado, pôr uma pessoa verde equivale a insultá-la. Quando estamos felizes, vemos a vida colorida; porém uma vida aborrecida é uma vida cinzenta, e um pessimista vê tudo negro. Estas expressões com cores demonstram que há já muito tempo que os homens compreenderam que sua visão da realidade depende em muito de seu estado de espírito.

Sem dúvida alguma, fundamentada nesta afirmação, nasceu a cromaterapia, cujo princípio é aplicar as cores com fins terapêuticos. O reverendo e psicanalista suíço Oskar Pfister (1873-1956), grande amigo de Sigmund Freud, compôs uma "pirâmide de cores", que utilizava para diagnosticar certos problemas psíquicos. O doente devia selecionar um certo número de cores e, segundo essa seleção, podia fazer-se uma descrição psicológica. Deste modo, Oskar Pfister tinha retomado por sua conta, e posto ao serviço da ciência de Freud, um princípio muito antigo baseado na adivinhação através das cores.

A CROMATOMANCIA

Este jogo adivinhatório é muito simples de se realizar. Pode interpretar-se o lance do ponto de vista do conhecimento de nós mesmos, nossos estados de espírito, sentimentos, emoções, humores do momento... a fim de realizar uma espécie de revisão psicológica instantânea. Mas também podemos abordá-lo do ponto de vista da adivinhação pura, ou seja, da leitura dos acontecimentos e circunstâncias que se produzirão ou se manifestarão em um futuro muito próximo. Para realizar e interpretar este lance, utilizaremos oito círculos correspondentes às seguintes oito cores: amarelo, vermelho, azul, verde, violeta, castanho, preto, cinzento.

Mas, tudo isto será visto mais à frente.

Quadro das qualidades e dos sentimentos segundo a escala de cores da cromatomancia



AMARELO

Vantagens: força, vontade, coragem, fé, generosidade, prodigalidade, ardor, calor humano, ambição, instinto dominador.

Fraquezas: dureza, orgulho, intransigência, covardia, traição.

Correspondências astrológicas: o Sol e Leão.



VERMELHO

Vantagens: paixão, coragem, vigor, potência, energia, impulso, sacrifício, regeneração, juventude, entusiasmo.

Fraquezas: luta, destruição, crueldade, cólera.

Correspondências astrológicas: Marte, Plutão, Áries e Escorpião.



AZUL

Vantagens: alegria de viver, expansão, riqueza, grandeza de alma, simplicidade, boa fé, dedicação, misticismo.

Fraquezas: ingenuidade, duplicidade, didatismo, moralismo, conformismo, ofuscação emocional, auto-engano, desespero.

Correspondências astrológicas: Júpiter, Netuno, Sagitário e Peixes.



VERDE

Vantagens: honestidade, retidão, justiça, equidade, fidelidade, sensatez, continuidade, realismo, fertilidade, beleza e segurança.

Fraquezas: conservadorismo, materialismo, sisudez, imobilidade, sentimentalismo, indecisão, parcialidade.

Correspondências astrológicas: Vênus, Touro e Libra.



VIOLETA

Vantagens: reflexão, prudência, sensatez, humildade, obsequidade, identificação, diferenciação e comunicação.

Fraquezas: despersonalização, influencibilidade, instabilidade, agitação, loucura, vaidade, superficialidade.

Correspondências astrológicas: Mercúrio, Gêmeos e Virgem.



CASTANHO

Vantagens: lucidez, paciência, concentração, tenacidade, perseverança, lógica, força de trabalho, integridade, força de espírito.

Fraquezas: solidão, sectarismo, inflexibilidade, amargura, insensibilidade, tristeza.

Correspondências astrológicas: Saturno e Capricórnio.



PRETO

Vantagens: independência, instinto, solidariedade, impulso, consciência de si mesmo, sentido do paradoxo, individualismo, oportunismo.

Fraquezas: versatilidade, rebeldia, indisciplina, desordem, caos.

Correspondências astrológicas: Saturno, Urano e Aquário.



CINZA

Vantagens: pureza, franqueza, doçura, verdade, esperança, sonho, imaginação, fecundidade.

Fraquezas: ansiedade, passividade, dependência.

Correspondências astrológicas: a Lua e Câncer.

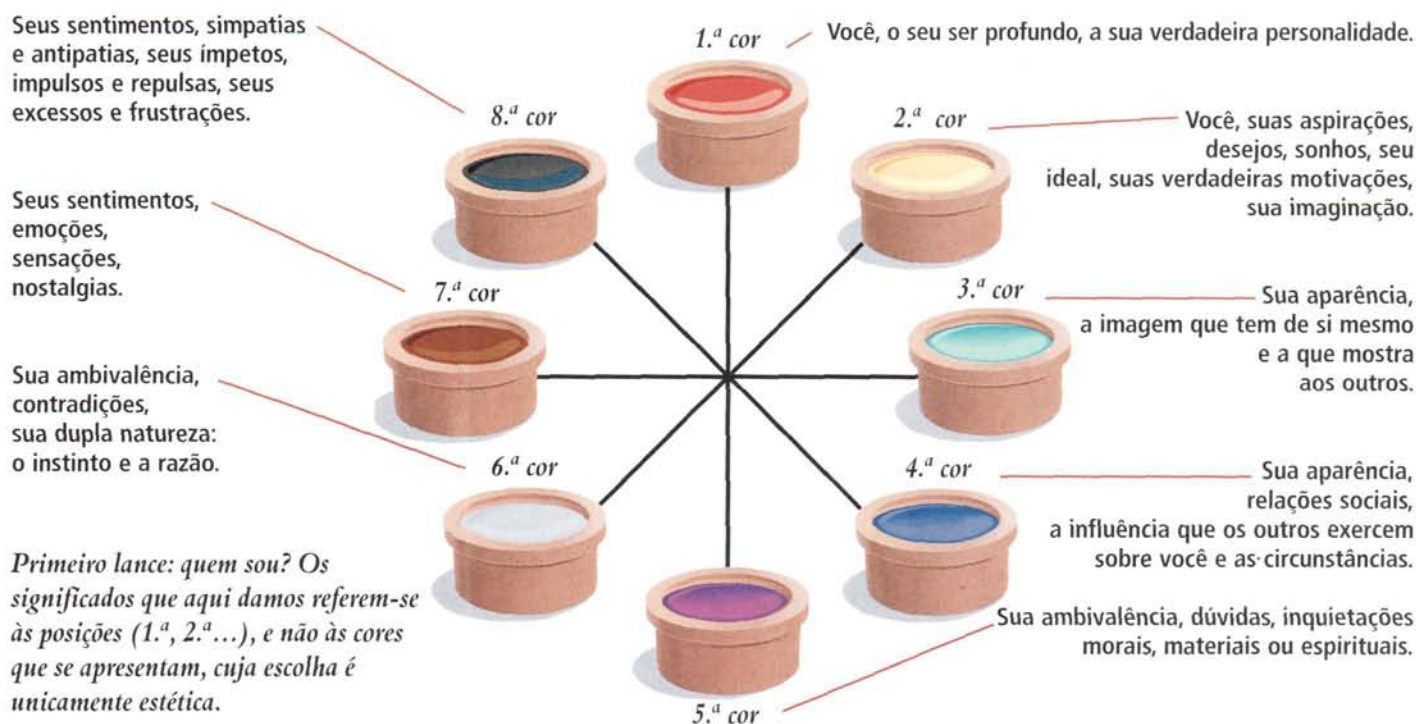




A cromatomancia

Lance, consulta e significado.

Se você deseja descobrir as cores e seus estados de espírito atuais, ou de sua vida em um futuro imediato, a adivinhação através das cores pode ajudá-lo.



Antes de se aventurar em um lance cromatomântico, é preciso primeiro recortar oito círculos em cartolina ou em papel das seguintes cores: amarelo, escarlate, azul, verde, violeta, castanho, negro e cinzento. Mas, em uma de suas faces, as cores desses círculos deverão ficar ocultas, colando-lhes um mesmo fundo (por exemplo, branco) em todos. Existem duas formas de lance: a primeira é realizada com a finalidade de interrogar-se sobre si mesmo, para fazer um pequeno balanço, para saber em que ponto se encontra cada um na vida; a segunda é feita para descobrir o futuro imediato. Estes dois lances diferem em seu objetivo e em sua realização.

PRIMEIRO LANCE

Quem sou?

Evidentemente que não devemos realizar este lance todos os dias, nem todas

as semanas ou todos os meses, pois embora seja verdade que tudo se move, muda e evolui sem cessar em nós e à nossa volta, também é verdade que necessitamos de vários lapsos de tempo para que o nosso comportamento psicológico, moral, afetivo ou espiritual se transforme.

Sem dúvida que se pode produzir de um dia para o outro, mas antes que um fenômeno apareça realmente, é necessário um certo tempo.

Aconselhamos a realizar este lance, tanto para si como outra pessoa do seu meio, só de vez em quando.

Por exemplo, faça-o pela primeira vez quando descobrir este princípio adivinhatório, novo para você, e depois deixe passar um ano, pelo menos, não antes. Exceto se, após a primeira vez, você ou a pessoa que o consultou atravessar uma crise psicológica grave.

Além disso, se utilizar este jogo com demasiada freqüência e com finalidades psicológicas adivinhatórias, influirá fatalmente no resultado e na interpretação que poderá obter com o mesmo, pois conhecerá demasiado bem as cores.

Para realizar o primeiro lance, pode utilizar uma simples folha em branco como suporte, para que as cores dos círculos fiquem melhor realçadas, ou então elaborar uma espécie de quadro de jogo como explicamos a seguir:

- Trace uma linha horizontal e uma linha vertical que se cruzem no centro.
- Em seguida, trace duas linhas diagonais que cruzem a vertical e a horizontal em seu centro.

Você acabou de desenhar uma estrela de oito pontas ou um octógono. Se desejar que seu suporte seja perfeito, utilize um compasso, um transferidor e uma régua.



Trace então um círculo e divida-o em oito partes iguais, tal como indicamos, com a ajuda do transferidor para traçar as linhas diagonais. Mas também você pode fazer isso sem suporte.

Em todo caso, com ou sem suporte, coloque os oito círculos coloridos à sua frente:

1. Escolha um, sem pensar demasiado, que corresponda à sua cor favorita do momento.

Ponha-o na ponta superior da estrela que desenhou em seu suporte, isto é, sobre a linha vertical. Se não tiver suporte, coloque-o simplesmente diante de você, mas bastante afastado da borda da mesa.

2. Em seguida, escolha a segunda cor que mais o atraia e coloque-a na linha diagonal situada à direita da linha vertical ou, se não tiver suporte, ligeiramente abaixo da primeira.

3. Selecione agora uma cor que gostaria de ter ao lado das outras.

Em seguida coloque seu círculo na linha horizontal à direita ou, sem suporte, à direita e abaixo do segundo círculo, de maneira a que os três juntos formem um quarto da roda que desenhou.

4. Continue da mesma forma com os restantes cinco círculos coloridos, indo

da cor que mais gosta para a que menos lhe agrada. O conjunto de cores assim colocadas formará uma roda ou as oito pontas de uma estrela de oito braços. Obviamente que cada colocação tem um significado particular, ao qual poderá atribuir uma interpretação. Depois, fazendo a síntese das informações reveladas por este lance, poderá fazer um pequeno balanço de seu estado psicológico ou do da pessoa que o consulta.

SEGUNDO LANCE

O que me espera?

Este segundo lance pode ser realizado com mais freqüência, se se quiser, pois diz respeito ao aleatório, isto é, ao fortuito ou ao accidental como muitas vezes acontece com os jogos adivinhatórios; ou seja, ao que M.-L. Von Franz, uma colaboradora do psicanalista Carl Gustav Jung chamou o "acaso significativo".

Desta vez, já não se trata de escolher uma cor segundo suas preferências, mas remetendo-se ao acaso, sobre o qual todas as pessoas sabem que faz habitualmente bem as coisas.

1. Vire os círculos coloridos de maneira a que não possa vê-los. Misture-os co-

mo se fossem cartas e escolha um, primeiro sem virá-lo. Não o coloque no topo da estrela como no lance anterior, mas à esquerda, diante de você se não tiver suporte, e na ponta esquerda da linha horizontal, se realizou um suporte. Uma vez aí colocado, vire-o para cima para descobrir a cor que selecionou.

2. Escolha um segundo círculo e coloque-o na ponta diagonal que se encontra por baixo do que colocou em primeiro lugar; se não tiver suporte, ponha-o ligeiramente separado, à direita. Como pode constatar, neste caso dispomos os círculos no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio.

3. Da mesma forma, o terceiro círculo, que você escolherá ao acaso, deverá ser colocado abaixo da linha vertical ou, se preferir, à direita e ligeiramente por baixo da segunda.

4. A seguir, continue o jogo segundo o mesmo princípio, até chegar a formar uma roda ou uma estrela com 8 círculos coloridos.

Depois disto, só lhe restará realizar uma interpretação deste lance, seguindo a ordem de sua escolha das cores, pois cada círculo se encontra em um lugar preciso e tem um sentido particular; mas isso veremos mais adiante.





A cromatomancia

Interpretações do primeiro lance

*Sessenta e quatro interpretações que você poderá obter realizando seu primeiro lance de adivinhação através das cores, a qual tem por título "Quem sou?"
A partir delas você poderá fazer as suas interpretações, mais pessoais.*



1.ª COR

Você, seu ser profundo...



O amarelo: não lhe falta coragem nem determinação. Sua vontade é franca, clara, generosa. Mas às vezes é demasiado orgulhoso ou intransigente.



O vermelho: é empreendedor e apaixonado, energético e entusiasta. Mas às vezes quer dominar os outros, aberta ou indiretamente.



O azul: é bom caráter, é bom, cheio de vontade, muito emotivo e generoso. Seu único defeito é ser um pouco ingênuo e ter demasiadas ilusões.



O verde: é íntegro, cheio de bom sentido, honesto e realista. Precisa se confrontar com verdadeiros valores. Mas às vezes é obstinado, demasiado interesseiro ou não suficientemente curioso.



O violeta: é dotado para se adaptar às circunstâncias, jogar com as idéias, estabelecer muitas relações. Mas nunca se sabe quem é ou o que realmente pensa.



O castanho: é sério, lúcido e tenaz. Nunca confia nas aparências e só conta consigo mesmo. Às vezes falta-lhe flexibilidade e tolerância.



O preto: tem os pés firmes na terra e não confia em ninguém. É uma pessoa lúcida, perseverante, muito independente e pragmática. Porém, algumas vezes falta-lhe flexibilidade.



O cinzento: é uma pessoa receptiva com os outros, muito

meigo e sonhador, um pouco artista, inspirado ou demasiado sensível. Precisa de sinceridade e pureza. A verdade, bem como a ação, o fascinam mas o amedrontam.

2.ª COR

Você, suas aspirações, seus desejos...



O amarelo: é muito ambicioso e aspira obter um certo reconhecimento pelo que faz



O vermelho: seus impulsos são vitais e irreprimíveis. Trata-se de uma pessoa que precisa realizar seus desejos e seus sonhos totalmente e com rapidez.



O azul: tem grandes sonhos, ambições loucas, mas com você tudo é possível e tudo pode acontecer.



O verde: suas motivações são essenciais. Não pode empreender nada sem uma boa razão. Seus sentimentos são também muito determinantes.



O violeta: tem idéias ou então tudo lhe interessa. Mas precisa pôr ordem e organizar-se.



O castanho: não tem muita imaginação, mas tem um objetivo, é perseverante e tenaz, logo certo de que o atingirá.



O preto: faz muitos projetos, mas realiza as coisas precipitadamente. Seus desejos e motivações mudam com frequência.



O cinzento: alberga mais sonhos e esperanças que motivações ou aspirações reais, já que tem medo do desconhecido.

3.ª COR

Sua aparência, a idéia que faz de si mesmo...



O amarelo: embora pareça muito seguro de sua pessoa, não confia em si mesmo e necessita constantemente da admiração dos outros.



O vermelho: gosta de seduzir e comporta-se de maneira diferente com os outros, mas custa-lhe objetividade, quando se trata de sua pessoa.



O azul: normalmente é de natureza feliz, mas falta-lhe objetividade ou lucidez, quando se trata de sua pessoa.



O verde: sua grande necessidade de segurança leva-o a não correr nenhum risco e ser alegre para todos mostrando-se tranqüilo e relaxado.



O violeta: muda de cara, de idéias e de impressões dependendo do interlocutor ou da circunstância do momento. Às vezes tem dúvidas acerca de si mesmo.



O castanho: mostra-se tal como é na realidade; quer isso agrade ou não aos outros, a você tanto faz. Às vezes tem orgulho de si próprio, mas principalmente é exigente consigo mesmo.




O preto: por lhe custar tanto decidir-se, nem sempre consegue situar-se nem compreender-se a si mesmo; nem aos outros tampouco.





O cinzento: você faz um sonho de si, mais do que se vê tal como é. De maneira que, ao enganar-se, às vezes engana os outros.





4.ª COR Sua aparência, suas relações sociais...


 **O amarelo** precisa que os outros olhem para você. Tem vontade, mas falta-lhe independência.


 **O vermelho**: parece sensível, receptivo, atento aos outros. No fundo, tem muito sangue-frio.


 **O azul**: é muito generoso. Os outros significam muito para você. Mas também eles contam com você e você gosta disso.

 **O verde**: de certa forma, sente-se proprietário dos outros. É possessivo e dependente deles sentimentalmente.


 **O violeta**: é sociável, mas não se interessa realmente pelos outros, pois está muito preocupado consigo mesmo.


 **O castanho**: tem um caráter introvertido ou misantropo. No fundo, não confia em ninguém.


 **O preto**: precisa viver cercado de muita gente ou de fazer as coisas com os outros, mas não permanece muito independente.


 **O cinzento**: é inquieto e procura principalmente alguém que seja e pense como você.


5.ª COR Sua ambivalência, suas dúvidas...


 **O amarelo** não duvida de nada. Está seguro de si, pelo menos aparentemente.


 **O vermelho**: é muito curioso e quase sempre insatisfeito. Mas isso o estimula.


 **O azul**: não tem nenhuma dúvida. Para você, tudo é simples e parece-lhe fácil.

 **O verde**: está muito preocupado em preservar sua segurança material e moral.


 **O violeta**: formula mil e uma perguntas sobre todas as coisas, e adora fazê-lo.


 **O castanho**: é muito céptico. Só acredita no que vê, e ainda lhe fazem falta provas.


 **O preto**: é muito independente, às vezes indomável, mas no fundo não consegue fazer nada sozinho.


 **O cinzento**: vive muitas vezes com o medo irracional de uma desgraça, sem dúvida para se preservar melhor dela.


6.ª COR Sua ambivalência, suas contradições...


 **O amarelo**: pode mostrar-se muito generoso, mas também autoritário e intransigente.


 **O vermelho**: é audaz ou inconformista. Mas muitas vezes tem reações violentas ou à flor da pele. O instinto o domina.


 **O azul**: está cheio de boa vontade, mas muitas vezes deixa-se ofuscar pelas emoções.

 **O verde**: entrega-se muito, mas recusa qualquer reconsideração ou mudança de ponto de vista.


 **O violeta**: sua curiosidade excessiva torna-o às vezes demasiado superficial ou o leva à dispersão.


 **O castanho**: é a razão que o domina. Não lhe falta discernimento, mas nem por isso é compreensivo.


 **O preto**: é permissivo, solidário, mas não suporta que os outros se imiscuem em seus assuntos.


 **O cinzento**: apesar de sua grande doçura, às vezes tende a ser excessivo, até mesmo fanático.


7.ª COR Seus sentimentos, suas emoções...


 **O amarelo**: seus sentimentos são exclusivos. Precisa amar e ser amado e admirado ao mesmo tempo.


 **O vermelho**: seus sentimentos são apaixonados, suas relações intensas, sensuais e possessivas.


 **O azul**: seus sentimentos são nobres e generosos, naturais e sem complicação.

 **O verde**: é muito sentimental, afetuoso, sensual, positivo e dependente.


 **O violeta**: para você, os sentimentos são um jogo que lhe permite descobrir-se a si mesmo.


 **O castanho**: falta-lhe doçura e ternura, ou então tem tendência para não dar importância aos sentimentos.


 **O preto**: vai onde o coração o leva, mas seus sentimentos são volúveis, instáveis, e suas simpatias múltiplas e variadas.


 **O cinzento**: tem uma grande necessidade de ternura, de fusão afetiva e sensual, de doçura e de compreensão.


8.ª COR Seus sentimentos, suas simpatias...


 **O amarelo**: é uma pessoa que gosta de cultivar relações gratificantes. Aborrece-o a desonestidade e a mediocridade.


 **O vermelho**: gosta das relações fortes. Não suporta as pessoas moderadas, indecisas. Teme sempre que o firam ou o traiam.


 **O azul**: estabelece relações felizes e detesta as complicações neste campo.

 **O verde**: está demasiado ligado aos que ama e isso torna-o, segundo eles, muito exigente, mesmo contra sua vontade.

 **O violeta**: é diligente ou muito sociável. Suas relações devem ser enriquecedoras. A estupidez o deixa doente.

 **O castanho**: é muito seletivo em suas relações. Mas são sólidas e toda a ambigüidade fica excluída.

 **O preto**: gosta das relações variadas, estimulantes, mas tende a mudar com frequência. Detesta a injustiça.

 **O cinzento**: tem necessidade de sentir afinidade com os outros. Receia não ser amado, estimado e compreendido, principalmente por aqueles que são importantes para ele.




A cromatomancia


Interpretações do segundo lance


Sessenta e quatro interpretações adaptadas para o segundo lance da adivinhação através das cores, intitulado "O que me espera" e a partir do qual você poderá deduzir suas próprias adivinhações.


1.ª COR


Você e seu presente, suas iniciativas...


 **O amarelo:** você poderá exercer sua vontade, tomar iniciativas brilhantes, agir para obter algo ou atingir um objetivo. Imporá suas decisões entre aqueles que o rodeiam.


 **O vermelho:** tomará iniciativas audazes e enérgicas ou arriscadas. Agirá com firmeza. Precipitará as mudanças.


 **O azul:** será feliz na vida, inspirado, talvez um pouco ingênuo, mas sempre cheio de boa vontade para com todos. Esta boa atitude, se mantida, lhe trará sorte.

 **O verde:** hesitará em agir. Suas iniciativas serão travadas por considerações de nível afetivo. Sentirá falta de motivação para tomar decisões.

 **O violeta:** as iniciativas que empreender se adaptarão às circunstâncias. Tome apenas suas decisões.


 **O castanho:** só tomará iniciativas após uma madura reflexão. Agirá com prudência e reflexão na condição de estar certo de conseguir seu objetivo.


 **O preto:** agirá com muita rapidez. Tomará uma iniciativa original, inesperada e surpreendente. Ficará livre de certos entraves.


 **O cinzento:** não agirá se não o obrigarem. Não conseguirá decidir-se. Renunciará a tomar uma iniciativa.


2.ª COR


Suas aquisições, a segurança de sua situação, seus intercâmbios...


 **O amarelo:** será ambicioso. Esclarecerá sua situação financeira. Seus lucros e receitas evoluirão de maneira brilhante. Será apreciado por todos.


 **O vermelho:** poderá agir para fazer com que seus bens aumentem. Seus esforços serão recompensados. Suas relações serão estimulantes.


 **O azul:** sua situação será próspera ou estará em plena expansão. Fará um ótimo negócio. Será generoso, sociável, otimista...

 **O verde:** não correrá absolutamente nenhum risco. Procurará uma situação mais confortável. Seus intercâmbios serão antes de mais nada afetivos.

 **O violeta:** fará cálculos acertados. Colocará seus interesses à frente dos interesses dos outros. Terá numerosas relações e um encontro inesperado.


 **O castanho:** sua situação financeira não evoluirá. Falta-lhe generosidade. Não será muito sociável.


 **O preto:** surgirá uma oportunidade que deverá aproveitar. Sua situação será instável. Seus intercâmbios ou relações serão ricos e variados.


 **O cinzento:** no âmbito financeiro, terá de seguir as modas do momento. Não terá lucidez em relação a este tema.


3.ª COR


Sua família, seu lar, sua residência...


 **O amarelo:** representará o papel de chefe de família. Terá uma posição destacada dentro de seu lar, ocupando-se pessoalmente de tudo e de todos. Viverá em um ambiente confortável.


 **O vermelho:** ficará à frente de sua situação familiar. Irá exteriorizar-se no seio de seu lar. Tomará iniciativas em relação ao seu *habitat*.


 **O azul:** sua vida familiar será feliz. Irá sentir-se bem no seio de seu lar, que será próspero, e rodeado dos seus. Poderá viver mais confortavelmente.

 **O verde:** sua vida familiar estará equilibrada. Irá sentir-se cercado de afeto. Tentará melhorar seu bem-estar.

 **O violeta:** a inteligência e os intercâmbios serão os donos de sua vida e do lar. Fará mudanças em sua residência.

 **O castanho:** irá sentir-se sozinho ou se isolará. Viverá em um meio austero ou restrito. Terá pouca espontaneidade.


 **O preto:** uma mudança, um acontecimento inesperado ou qualquer alteração na rotina ocorrerá em sua vida familiar ou em seu lar.


 **O cinzento:** sentirá sua vida familiar e seu lar como seu refúgio. Tentará estar calmo, seguro e os que lhe são próximos tomarão conta de você.





4.ª COR


Seus sentimentos, desejos, motivações, trabalho...


 **O amarelo:** será corajoso, ambicioso e brilhante. Expressará claramente suas motivações e desejos.


 **O vermelho:** será ativo e empreendedor. Seus desejos e sentimentos serão imperiosos e suas motivações impulsivas.


 **O azul:** se expandirá plenamente no âmbito de suas atividades. Seus sentimentos serão felizes e afortunados. Sentirá uma grande alegria.

 **O verde:** sua vida sentimental terá um papel de primeiro plano. Trabalhará em condições muito agradáveis.

 **O violeta:** terá numerosos intercâmbios muito afetuosos, mas não será muito sentimental. Terá boas idéias e bons contatos.


 **O castanho:** será bem mais restritivo e distante no âmbito sentimental. Será sério, fiável, exigente, prudente, ponderado e concentrado.


 **O preto:** viverá suas relações sentimentais de forma original. Trabalhará com toda a independência ou será livre de agir segundo seus desejos.


 **O cinzento:** será muito meigo e muito afetuosos. Será um pouco sonhador, mas terá imaginação.


5.ª COR


Suas relações exteriores, seu parceiro ou cônjuge...


 **O amarelo:** suas relações serão agradáveis e gratificantes. Seu parceiro terá um lugar muito importante em sua vida.


 **O vermelho:** será estimulado por suas relações ou entrará em conflito com elas. Seu parceiro será enérgico e impulsivo.


 **O azul:** suas relações serão expansivas e alegres. Seu parceiro o fará feliz e lhe dará serenidade.

 **O verde:** suas relações serão muito afetuosas. Você e seu parceiro estão muito apaixonados um pelo outro.

 **O violeta:** suas relações serão inteligentes. Estará em perfeita afinidade de espírito com seu parceiro.


 **O castanho:** suas relações serão mais sérias e seletivas. Seu parceiro será distante e frio ou sério e fiável.

 **O preto:** suas relações serão surpreendentes e originais. Seu parceiro será independente. Seus intercâmbios serão livres.


 **O cinzento:** suas relações serão ternas e meigas. Seu parceiro precisará de seu consolo.


6.ª COR


Suas mudanças, seus dons, suas proezas...


 **O amarelo:** mudará muito. Quererá ser mais livre. Poderá confiar em seu instinto. Terá um golpe de sorte.


 **O vermelho:** empreende grandes transformações em sua vida. Correrá riscos. Realizará algo de destaque.


 **O azul:** quaisquer que sejam seus problemas, poderá contar com as ajudas providenciais. Ampliará seus horizontes.

 **O verde:** custará desligar-se de seus sentimentos e de seus desejos, custará mudar. Será muito influenciável.

 **O violeta:** terá idéias inconformistas. Evoluirá muito intelectual ou espiritualmente.


 **O castanho:** realizará uma mudança radical e definitiva, contando apenas com você mesmo.


 **O preto:** mudará da noite para o dia ou então lhe oferecerão novas perspectivas inesperadas.


 **O cinzento:** rejeitará sistematicamente qualquer coisa em sua vida. Será receptivo com os outros.


7.ª COR


Seus êxitos, sua vida social e profissional...


 **O amarelo:** conseguirá um bom êxito. Poderá impor sua vontade.


 **O vermelho:** lutará para defender sua posição. Será enérgico e ambicioso.


 **O azul:** seus méritos serão reconhecidos. Sua vida social e profissional será muito expansiva.

 **O verde:** será muito apreciado, mas livre de seus atos.

 **O violeta:** seus intercâmbios favorecerão a evolução de sua situação. Porém, se mostrará muito influenciável.


 **O castanho:** será ambicioso e tenaz, mas se sentirá isolado. Terá responsabilidades a assumir.


 **O preto:** a mudança terá lugar de maneira repentina. Será muito independente.


 **O cinzento:** precisará de ser amado. Não conseguirá estar totalmente satisfeito.


8.ª COR


Seus projetos, seus amigos, seus segredos...


 **O amarelo:** seus projetos serão ambiciosos. Será o chefe de seu grupo de amigos. Não terá nada a esconder.


 **O vermelho:** realizará um projeto. Seus amigos o animarão. Terá paixões secretas.


 **O azul:** seus projetos se tornarão realidade. Terá muito boas relações com seus amigos.

 **O verde:** seus projetos se dirigirão principalmente para o âmbito afetivo. Viverá uma relação de amor-amizade.

 **O violeta:** fará projetos. Estará em afinidade de espírito com seus amigos. Terá segundas intenções.

 **O castanho:** realizará um projeto a longo prazo. Não contará com muitos amigos. Andará muito solitário.

 **O preto:** seus projetos e amigos serão múltiplos, mas instáveis. Realizará buscas secretas.

 **O cinzento:** terá mais sonhos do que projetos reais. Precisarão de consolo.



Milagres e prodígios

Temos que acreditar em milagres? Existem prodígios? De onde vem esta necessidade de se maravilhar, surpreender, deslumbrar e ficar petrificado, que nos dá medo e ao mesmo tempo todos desejamos?

O que é um milagre? Que é um prodígio? Que diferença existe entre ambos?

Um *milagre* é, etimologicamente, "algo surpreendente", admirável, estranho, maravilhoso, maravilha e milagre têm portanto raízes comuns. Mas o milagre tomou o sentido religioso, principalmente para os cristãos, de um "fato que, ao não ter uma explicação natural, se atribui a uma intervenção divina". Por esta razão, a história da cristandade está repleta de milagres, sendo fiel com isso aos fatos que constam no Antigo Testamento onde Elohim (Jeová ou Yahvé) aparecia e manifestava-se como castigador ou salvador do povo, dependendo do caso, diretamente ou através de seus profetas ou anjos.

No entanto, na acepção cristã, o milagre é sempre conseqüência de uma intervenção divina. A mão de Deus já não pesa, mas sossega, alivia, liberta. No sentido etimológico, um *prodígio* é um "sinal profético". Tanto pode ser maravilhoso e milagroso, como monstruoso ou associado à calamidade. Mas, enquanto o milagre tomava o sentido que já conhecemos, o prodígio trans-

formava-se propriamente "no que depende do milagre".

Em outras palavras, não podia ser mais que a conseqüência de uma intervenção divina.

Mas teria sido sempre assim? Não. Eis aqui algumas provas que nos ajudarão a compreender como nossos antepassados viam o que ainda atualmente é motivo de nossa atração — o Céu, a Terra, a natureza, o sobrenatural — com o olhar sempre atento e curioso e, contrariamente a nós, com essa capacidade de se maravilhar e encantar que perdemos e nos falta, bem como um espírito observador e dedutivo de grande pertinência.

PRODÍGIOS DA NATUREZA E SINAIS DOS DEUSES

Para ilustrar o exposto, citemos algumas palavras de Jean Bittero: "Os antigos habitantes da Mesopotâmia esta-



A passagem do rio Jordão: milagre ou sinal dos deuses?

vam convencidos de que o mundo só se explicava por si mesmo e para justificá-lo eram obrigados a colocar per-

Os deuses mesopotâmicos são personagens sobre-humanos, criadores e governadores do mundo, mas também autores de milagres, já em sua própria representação.





sonagens sobre-humanos que deviam ter fabricado e que governavam (...). E nesse país de antiga tradição escrita, onde as decisões soberanas normalmente se promulgavam por escrito, os deuses deviam ser gravados e memorizados assim como a expressão de sua vontade. Como? (...) Quando os deuses criavam um ser não conforme ao seu modelo, ou então um acontecimento singular, inopinado, excêntrico, manifestavam assim sua vontade de anunciar um destino igualmente não habitual, que se podia conhecer se se soubesse decifrar essa vontade mediante a apresentação do fenômeno anormal em questão. (...) Esta era a base da adivinhação dedutiva: tratava-se de ler nos acontecimentos ou objetos singulares ou irregulares, para retirar ou deduzir as decisões divinas em relação com o objeto do ato adivinatório”.

Como ilustram estes textos, os antigos habitantes da Mesopotâmia compilavam prodígios, ou seja, todos os acontecimentos que fugiam do normal, isto é, sobrenaturais, invulgares, estranhos ou monstruosos, os quais consideravam sinais revelados pelos deuses para prevenir outros acontecimentos ou situações que os afetavam. Deste modo, o que podia parecer antinatural ou sobrenatural tinha uma explicação racional e lógica, justificava-se e fundamentava-se, ganhava um sentido.

No entanto, se pensarmos bem, não se trata de um comportamento semelhante ao atual espírito científico? Não existe, portanto, uma vontade nos cientistas de explicar o inexplicável, de decifrar e dominar os mecanismos mais sutis da vida, os prodígios da natureza que, no imenso jogo e vasto campo de probabilidades, se convertem em fenômenos compreensíveis, justificados e previsíveis? A única diferença — que não é inofensiva, já que

implica outra mentalidade, isto é, uma atitude mental intervencionista e dominadora, que é uma das características de nossa civilização tecnológica — reside em que o homem antigo se admirava, maravilhava e respeitava os prodígios da natureza e estava atento a eles, enquanto o homem hoje em dia, ao querer racionalizá-los e dar explicações lógicas, escondeu-os e excluiu-os de sua cultura.

Onde estão os prodígios e os milagres da atualidade? Nas telas de cinema e da televisão. Porém todos sabemos que já não se trata de milagres ou prodígios, mas de efeitos especiais realizados por técnicos habilidosos.

OS MILAGRES DOS SANTOS

Se você deseja entrar no mundo dos milagres reais ou imaginários dos santos do mundo cristão, aconselhamos a ler alguma das numerosas compilações publicadas com o evidente nome de *Vida dos Santos*. Muitas delas foram



redigidas durante a Idade Média e ainda hoje continuam a ser editadas. Em uma delas descobrimos, por exemplo, que Santa Isabel curou um monge, devolveu a vida a um enforcado e a um afogado e deu a visão a um cego de nascença; também saberemos co-

Acima: A multiplicação dos pães. À direita: Pazuzu, deus mesopotâmico dos maus espíritos e da atmosfera.

mo São Martinho ressuscitou um defunto, apareceu uma bola de fogo sobre sua cabeça e foi visto em vários lugares depois de morto, errando entre os vivos com o propósito de curar um cego e um parálítico; descobrimos também como São Zózimo enterrou a santa Maria Egípcia com a ajuda de um leão; como São Pedro apareceu a Santa Ágata e a curou e como a erupção de um vulcão se deteve de repente graças ao seu véu...

Este inventário de milagres atribuídos aos santos é interminável. Ao lê-los, compreendemos melhor como e por que fazem parte do universo das crenças enquanto os prodígios da natureza pertencem ao domínio dos presságios e da adivinhação. Cada época tem seus milagres e prodígios, que são os sinais dos tempos.





O magnetismo

Do ímã ao eletromagnetismo, o homem descobriu que nele existia um campo de força magnética.

Quando garantimos normalmente que alguém tem magnetismo, queremos dizer que possui um certo carisma, que algo atraente, simpático e atrativo se exala de sua pessoa. Esta expressão do idioma tem sua origem nos fins do século XIX, quando o verbo magnetizar era sinônimo de fascinar. Porém, o verbo “magnetizar” apareceu na linguagem corrente no final do século XVIII, na mesma época em que, por um lado, Charles de Coulomb (1736-1806) — um físico francês da primeira promoção de cientistas modernos, para defini-lo de alguma maneira —, expunha ante a Academia de Ciências, em 1781, as base experimentais e teóricas do magnetismo e da eletrostática, e época também em que, por outro lado, um médico alemão chamado Franz Anton Mesmer (1734-1815) avançava a tese da existência de um fluido magnético animal no qual via um possível remédio para todas as doenças, tese que foi refutada em 1843.

HISTÓRIA DO MAGNETISMO OU COMO OS HOMENS DESCOBRIRAM A BÚSSOLA

A pedra da magnésia ou ímã, como diríamos atualmente, já era conhecida na Antigüidade. Efetivamente, a *magnês lithos*, como a chamavam os gregos, era uma pedra de ímã originária de Magnésia de Sípilo, uma cidade grega da Lídia fundada no século III antes de nossa era e que hoje leva o nome de Manisa e se encontra na atual Turquia. Tratava-se, pois, de uma região onde se encontravam em abundância estes famosos ímãs, cujas propriedades os gregos conheciam desde o século VI antes de Cristo. De fato, o astrônomo, matemático e filósofo grego Tales de Mileto foi o primeiro a fazer uma clara descrição



Charles de Coulomb (1736-1806), físico francês, membro da Academia de Ciências a partir de 1781, é o criador da teoria do magnetismo e da eletrostática.



Franz Anton Mesmer (1734-1815), médico alemão, estabeleceu as teorias terapêuticas às quais deu seu nome e que finalmente foram repudiadas.

deles. Mencionemos de passagem que, embora se conceda o título de astrônomo a este sábio da Antigüidade, não podemos excluir a hipótese de que fosse astrólogo. De fato, Tales, grande viajante, encontrou suas fontes de inspiração e obteve todo seu saber dos astrônomos, astrólogos, matemáticos e sacerdotes caldeus da Babilônia e dos escribas e sábios egípcios. De maneira que, este sábio da Antigüidade, que teve a idéia de determinar a altura de um objeto a partir de sua sombra e a quem se atribui a previsão de um eclipse do Sol no ano 585 antes de nossa era, não podia, portanto, desconhecer a astrologia. Se reparamos neste fato é porque deploramos uma vez mais que a ciência dos astros, tal como foi elaborada e praticada pelos homens da Antigüidade, tenha caído em desuso,

agora que o termo genérico de astrônomo parece, se não contraditório, ao menos mais correto para falar de um dos homens da Antigüidade que tinha os olhos cravados no céu, quando estes tinham o costume de empregar o termo “astrologia” para designar o estudo científico, descritivo e previsor dos astros. Somente a partir do século XI de nossa era, a pedra de Magnésia foi utilizada para construir um instrumento de navegação, a bússola, que funciona graças a uma agulha imantada. No entanto, como já indicamos, somente a partir do final do século XVIII empreendeu-se o estudo quantitativo do magnetismo. Descobriu-se então que cada ímã estava composto de dois pólos ou massas magnéticas iguais e opostas. No entanto, quando se tentava isolar um destes pólos



ou uma destas massas, a corrente, por assim dizer, deixava de passar e o fenômeno da imantação desaparecia. A bússola magnética funciona com base neste princípio.

Está equipada com uma agulha de ferro que pode girar livremente e que, como por magia, parece atraída inexoravelmente pelo campo magnético terrestre, situando-se no eixo de ambos os pólos, também chamados magnéticos, Norte e Sul.

Este instrumento era utilizado normalmente na navegação e passou tanto a fazer parte dos costumes que a expressão “perder o norte” foi logo empregada para designar a uma pessoa que perdeu a cabeça.

No entanto, devemos saber que se, cientificamente falando, não duvidamos da existência do campo magnético, nem de que os pólos opostos se atraem (forças atrativas) e os pólos homólogos se repudiam (forças repulsivas), não temos nenhuma certeza quanto à existência de um pólo magnético isolado.

Ou, se preferimos, não sabemos se pode existir um pólo independentemente de outro pólo.

O MAGNETISMO E O HOMEM

Por outro lado, sabemos que, da mesma forma que a Terra, o ser humano possui uma espécie de campo magnético, que tem menos ou mais intensidade em função dos indivíduos.

Por isso, fazem-se observações e estudos relativos aos fenômenos denominados radiestesia, hipnose, telepatia e aura, entre outros, para tentar demonstrar que o homem está cercado de um campo magnético.

No entanto, não está comprovado que os instrumentos de medida disponíveis atualmente, apesar de sua sofisticação, se

encontrem totalmente adaptados a este tipo de observação, pois embora não se tenha demonstrado e provado a existência tangível e mensurável de tal fenômeno no homem, todos nós podemos ser testemunhas de que, espontaneamente — poderíamos dizer, instin-



tivamente — experimentamos atrações e repúdios muito fortes, tanto física como emocionalmente.

Aqui entramos no campo de outra ciência, surgida recentemente, o eletro-

magnetismo, a qual oferece ferramentas de investigação muito mais aptas para nos ajudar a compreender os fenômenos que se produzem em cada um de nós e que, sem dúvida, nos será muito útil, em tempos futuros, para aprender a dominar as forças magnéticas que nos atravessam.

De fato, não temos nenhuma dúvida de que, mais cedo ou mais tarde, o homem chegará a conhecer em profundidade o que, para entender-nos, poderíamos chamar o campo de força do pensamento.

Até hoje trabalhou-se empiricamente, embora não sistematicamente,

operando, em alguns casos, certamente com genialidade, mas sem estudar nunca seriamente os fenômenos que empurram os seres ou o atraem mais em uma direção que em outra.

O eletromagnetismo

“A teoria de Lorentz — Hendrik Antoon Lorentz, físico holandês (1853-1928), cujos estudos fizeram evoluir a teoria eletromagnética e a relativa à propagação da luz — permite demonstrar que todo elétron levado por um movimento acelerado deve irradiar de longe uma parte de sua energia em forma de onda eletromagnética: durante a duração desta irradiação, o elétron está submetido a uma força. Se uma parte da matéria contém elétrons suscetíveis de oscilar harmoniosamente ao redor de uma posição de equilíbrio com uma frequência determinada, estes elétrons, quando se encontram em estado de oscilação por uma causa exterior qualquer, começarão a emitir uma irradiação eletromagnética com a mesma frequência que seu movimento.”

Assim anunciou Louis Victor o princípio de Broglie em 1941.

